

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Escola de Comunicação

Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena

Pesquisa de Dissertação de Mestrado

o.p0nto

EXPERIMENTAÇÕES DA CENA: FORMAÇÃO ARTÍSTICA

Aluna pesquisadora: Carla Ferraz

Orientador: Gilson Motta

PASSO O PONTO . PONTO DE VISTA . **FIRMO O PONTO** .
PONTO G . PONTO FOCAL . PONTO CRUZ . **PONTO DE ENCONTRO**
. PONTO DE PARTIDA . **PONTO DE EXCLAMAÇÃO** . PONTO
CEGO . **PONTO DE MUTAÇÃO** . PONTO DE VIRADA . PONTO .
PONTO DE INTERROGAÇÃO . **PONTO DE COSTURA** . PONTO
DE LUZ . **PONTO TURÍSTICO** . PONTO FACULTATIVO . PONTO DE
EBULIÇÃO . **AO PONTO** . PONTO DE ENERGIA . PONTO DE
TENSÃO . PONTO DE CONVERGÊNCIA . PONTO FRACO .
PONTO FORTE . PASSAR DO PONTO . **DORMIR NO**
PONTO . PONTO NEUTRO . PONTO MORTO. PONTO DE
EQUILÍBRIO . PONTO . **MARCAR UM PONTO** . LEVAR PONTO .
DEFENDER UM PONTO . EM PONTO . BATER O PONTO . TOCAR
NO PONTO . **CHEGAR AO PONTO** . QUEM CONTA UM CONTO
AUMENTA UM PONTO . PONTO DE ATRAÇÃO . **PONTO CARDEAL**

Agradecimentos

Este trabalho só foi possível através dos laços afetivos e construções coletivas que se desenrolaram com ele

Agradeço, antes de tudo, ao meu orientador Gilson Motta, que com alegria, ternura e dedicação foi escuta e incentivo para esse trabalho desde o início. Nos momentos em que cheguei a duvidar se seria possível, ele sempre esteve ali para me mostrar que só o caminho do que eu realmente acreditava como artista poderia ser o caminho certo.

à Amabilis de Jesus, que, generosamente, entregou sua escuta e sábias palavras para o.o.p0nto, sendo de fundamental contribuição para o desenrolar deste texto.

à Daniel Marques, que compõem essa banca e que me alegrou e incentivou com suas percepções acerca do presente trabalho. Desde o início recebeu com empolgação o convite de participar da banca examinadora, incentivado também pelos laços de amizade que tem com Amabilis de Jesus. Mais uma vez, o afeto foi caminho e ponto de partida das parcerias criadas pelo o.o.p0nto.

aos primeiros habitantes do o.o.p0nto antes de seu Big Bang, Dulce Penna, João Lucas Romero, Vicente Coelho, Paulo Japyassú, Fernando Mendes e Ronald Teixeira

à minha querida mãe Ignez Borges, sempre incentivadora dos meus sonhos e admiradora das minhas realizações

à minha linda família que me inspira e incentiva Bia, Felipe, Hakan, Odara, Roberto e Fernanda

ao Memorial Municipal Getúlio Vargas

ao Centro de Artes Hélio Oiticica e todos os seus funcionários, responsáveis por apoiar os dias mais importantes do meu ano de 2023 com alegria e afeto, em especial Caroline Vivas, Carolina Kezen, Andrea e Cesar Oiticica.

a todas as pessoas lindas e talentosas que passaram pelo o.p0nto com seus fazeres, entregando o seu melhor para esse espaço inventado repleto de ternura e sonhos: Arthur Ferreira, Sara Hana, Paulo Denizot, Djavan, Nice, Naty, Eric Rangel, Verônica Bechara, Andrei Yurievitch, João Carvalho, Taty Arruda, Alê Souto, Anderson Barreto, Leonardo Samarino, Julia Shimura, Nívea Santanna, Pedrinhu Junqueira, Lis Satori, Debora Paganni, Mira Barros, Rafa Canholato, Ana Wander Bastos, Wanisy Roncone, Nina Barros, Kika de Medina, Camila de Souza, Airá o Crespo, Almir Chiaratti, Barbeize, Igor Sarapuí, Bruno França, Dani Vallejo, Rúbia Vaz, Arthur Murtinho, Carol Campos, Tuli Chebabi, Camila Andrade, Natasha Corbelino, Lisa Brito, Mu Chebabi e Rosane de Souza.

à Bananobike, essa bicicleta cheia de história que serviu de base para esse projeto

à minha família Minha Luz é de LED

à Clarice Bueno e Julia Deccache, amigas que me inspiram e me ajudaram na fase embrionária dessa idéia

ao edital FOCA, por fomentar financeiramente e me gerar espaços para executar esse projeto

e a todas as pessoas que ainda virão participar com seus trabalhos nesse ponto de ebulição de idéias.

“ o.p0nto é, antes de mais nada, uma bicicleta de carga, com ferros encaixados e uma vontade”

PASSO O PONTO . PONTO DE VISTA . FIRMO O

PONTO . PONTO G . PONTO FOCAL . PONTO CRUZ . PONTO DE ENCONTRO . PONTO DE PARTIDA

. PONTO DE EXCLAMAÇÃO . PONTO CEGO . PONTO DE

MUTAÇÃO . PONTO DE VIRADA . PONTO . PONTO DE INTERROGAÇÃO

PONTO DE COSTURA . PONTO DE LUZ . PONTO TURÍSTICO . PONTO FACULTATIVO

. PONTO DE EBULIÇÃO . AO PONTO . PONTO DE ENERGIA . PONTO DE CONVERGÊNCIA . PONTO FRACO . PONTO FORTE .

PASSO O PONTO . PONTO DE VISTA . FIRMO O PONTO . PONTO

G . PONTO FOCAL . PONTO CRUZ . PONTO DE ENCONTRO . PONTO

DE PARTIDA . PONTO DE EXCLAMAÇÃO . PONTO CEGO . PONTO

DE MUTAÇÃO . PONTO DE VIRADA . PONTO . PONTO DE

INTERROGAÇÃO . PONTO DE COSTURA . PONTO DE LUZ . PONTO

TURÍSTICO . PONTO FACULTATIVO . PONTO DE EBULIÇÃO . AO

PONTO . PONTO DE ENERGIA . PONTO DE CONVERGÊNCIA .

PONTO . PONTO G . PONTO FOCAL . PONTO CRUZ . PONTO DE ENCO

. PONTO DE EXCLAMAÇÃO . PONTO CEGO . PONTO DE

MUTAÇÃO . PONTO DE VIRADA . PONTO . PONTO DE INTERROGAÇÃO

PONTO DE COSTURA . PONTO DE LUZ . PONTO TURÍSTICO . PONTO FACULTATIVO

. PONTO DE EBULIÇÃO . AO PONTO . PONTO DE ENERGIA

. PONTO DE CONVERGÊNCIA . PONTO FRACO . PONTO FORTE .

“o.p0nto pra mim é uma plataforma de possibilidades. Uma ferramenta multiuso para encontros, colaborações e experimentações.

Um Hub, um Custer, um porto, uma encruzilhada.

Durante toda a história da humanidade, os lugares de passagem sempre foram muito proeminentes no surgimento de coisas únicas. Isso porque ali cruzam e interagem múltiplas realidades, culturas, experiências e vivências. As cidades portuárias, os oásis entre jornadas longas e todo tipo de esquinas movimentadas são epicentros de troca. É nessas trocas que acontece a magia.

Se o violão de 7 cordas foi avistado nas mãos de ciganos russos no porto do Rio por um músico que tocava com Pixinguinha e foi adaptado pra acompanhar o samba e o choro em outra afinação, mudando o rumo da música brasileira, isso aconteceu por se tratar de uma esquina do mundo... o porto do Rio.

Vejo no o.p0nto o mesmo potencial de encontros que mudam rumos das andanças criativas. Onde se encontram artistas e artesãos de diversas mídias e saem de lá afetados uns pelos outros, a ter ideias e experiências que vão se desenrolando em novas direções. Ao menos aqueles que estão dispostos a ver, ouvir e experimentar as possibilidades do outro e do novo e achar formas de incorporá-los em suas próprias realidades.”

(Andrei Yurievitch)

“Pensa numa encruzilhada! No meio dela existe uma zona central que conecta os diferentes caminhos. É assim que eu vejo esse trabalho da Carla Ferraz. Uma instalação/ocupação que promoveu o encontro de diferentes corpos, linguagens, pensamentos, olhares... Bem ali, no centro, no meio, no o.p0nto”.

(Anderson Barreto - Comboio Coletivo Artístico)

“A primeira vez que vi uma imagem do o.p0nto ele estava montado numa praça pública, não lembro se era Praça Paris ou na Praça do Russel (aquela do cabeção do Getúlio). De cara pensei: parece um labirinto! Daí vi que as "paredes" eram constituídas de estruturas têxteis penetráveis, o que me fez desapegar da ideia de labirinto. Quando vi que O Ponto seria montado no Centro Cultural Hélio Oiticica a ideia de um labirinto penetrável fez todo sentido! Um dos significados semânticos de labirinto é: emaranhado de caminhos. Foi uma honra estar neste emaranhado de caminhos.”

(Camila de Souza - Projeto Xoxotista)

“Minha experiência com o.p0nto foi muito surpreendente. Inicialmente o projeto me chamou atenção pela bike, uma mesa de som e luzes coloridas dentro de uma estrutura de ferro. Achei interessante pois de cara chamava atenção dos visitantes e de quem passava pela rua. Depois vieram as performances e eu passei a gostar mais ainda. Confesso, que como sou muito musical, minhas performances preferidas foram as que tinham música. Por favor, não parem! Leve esse projeto para outros lugares e equipamentos e voltem! Aguardando por vocês!”
(Andréa Barroso - Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica)

“o.p0nto é um lugar, que pode chegar em vários lugares.
É um palco, um suporte, um espaço. Ele abriga, agrega e abraça; pessoas, apresentações, afazeres, mostras, trocas, aprendizados e ideias.
Um espaço vivo, que se movimenta e se adapta conforme a necessidade e vontade das pessoas que passam por ele.
O P0nto é potência criadora coletiva.”
(Verônica Bechara)

“o.p0nto, como disse no primeiro momento que soube deste trabalho, simbolizou o ponto de partida e o ponto de chegada ao mesmo tempo.
Algo que é o início, mas também o fim, ou seja, me lembra a definição da linguagem artística, que não tem uma função definida, ou que não precisa ter função.
Existe por si só e está ali à espera dos encontros. Espectador - público- participante - se encontrando num único ponto.
É um espaço de trocas democrático, que pode ser usado como ninho, contorno por dentro ou palco por fora.”
(Camila Andrade)

“o.p0nto é um espaço de experimentação artística que recebe concepções de vários formatos, ocupa espaços públicos e comunica como a rua; a estrutura física representa muito bem o que o projeto é na realidade: uma infraestrutura porosa que se deixa permear por manifestações artísticas heterogêneas”
(Igor Sarapuí)

“o.p0nto foi um acontecimento!

Presenciar as pessoas se atravessando em seus mundos e suas vivências, "penetrando" entre bordados e performances, ouvindo lindas canções ou se embalando no *beat*, foi umas das experiências mais marcantes que tivemos em 2023.

E em cada artista, cada performance, cada intervenção, era possível ver o deslumbre catártico de Carla. Ela é a personificação do p0nto.

Ao fim de sua jornada no HO, uma mensagem ficou: se "o museu é o mundo", o p0nto nos mostrou que somos arte.”

(Caroline Vivas, Centro de Artes Hélio Oiticica)

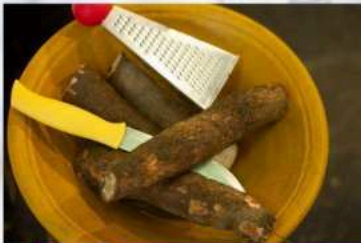




“O que faço é música”

“What I do is music”

HÉLIO OITICICA



CARLA FERRAZ # PAULO DENIZOT #
ARTHUR FERREIRA # DJ KOMBAT #
COLETIVO AGADISO # VERONICA BECHARA
COMBOIO # SARA HANA # DEBORA
PAGANNI # AYO # AÍRA O CRESPO #
ALMIR CHIARATI # CARLA VAZ # BOBO
CAMPOS # ROBINHO
CARLA FERREIRA # PAULO DENIZOT #
ARTHUR FERREIRA # DJ KOMBAT #
COLETIVO AGADISO # VERONICA BECHARA
COMBOIO # SARA HANA # DEBORA
PAGANNI # AYO # AÍRA O CRESPO #
ALMIR CHIARATI # CARLA VAZ # BOBO
CAMPOS # ROBINHO

o p0nto

DE 8 A 22 DE ABRIL
CENTRO MUNICIPAL DE ARTES HELO OITICICA

CARLA FERREIRA # PAULO DENIZOT #
ARTHUR FERREIRA # DJ KOMBAT #
COLETIVO AGADISO # VERONICA BECHARA
COMBOIO # SARA HANA # DEBORA
PAGANNI # AYO # AÍRA O CRESPO #
ALMIR CHIARATI # CARLA VAZ # BOBO
CAMPOS # ROBINHO



SUMÁRIO

1) Ponto zero	pág. 14
2) Ponto de Partida	pág. 25
3) Ponto de Mutação	pág. 38
4) Pontos de apoio	pág. 44
5) Ponto a Ponto	pág. 65
6) O Ponto de Encontro	pág. 74
7) Pontos finais	pág. 165
8) Bibliografia	pág. 169

1 - PONTO ZERO

Trabalhos artísticos muitas vezes são frutos de antigas obsessões e vontades; desejos embrionários que surgem pequenos e que, ao longo dos anos, vão ganhando corpo e sentido. É desta maneira que enxergo esse trabalho, que escrevo doze anos após apresentar meu projeto de graduação “Tudo num Ponto” e que, sem dúvida, é o embrião da presente dissertação de Mestrado.

Não consigo abordar e justificar essa pesquisa sem, antes, viajar para a Carla Ferraz graduanda. Quando fiz o pré-projeto de dissertação, que então se chamava “Vestindo o Espaço”, já o entendia como um desdobramento da minha graduação em Indumentária na Escola de Belas Artes da UFRJ, concluída em 2011, mas hoje, com o projeto concluído, o entendimento dos acúmulos de “Carlas” que ele contém, me trazem uma urgência de escrever e olhar para isso, olhar para o passado para enxergar o futuro.

Meu trabalho de conclusão do curso de graduação em Artes Cênicas foi orientado pelo professor Ronald Teixeira¹ e tinha como pilar inicial de interesse desenvolver uma dramaturgia a partir da condição imposta pelo figurino. Trata-se de se inverter o protagonismo da construção teatral, tão atrelada ao texto e aos desejos da direção. Em paralelo a isso, me interessava construir um híbrido de cenário e figurino, investigar as possibilidades de um espaço vestível, criar construções espaciais a partir de materiais têxteis e lógicas de modelagem de roupas; explodir as paredes limitadoras entre as funções de uma ficha técnica na estrutura de um espetáculo; sublinhar a potência e o poder propositivo de cada função profissional dentro de uma equipe de criação cênica.

Para desenvolver essa linguagem me cerquei de referências imagéticas de diversos artistas que desenvolveram objetos relacionais, esculturas vestíveis e/ou pensaram o vestível como diretor de movimento para os corpos que o utilizam.

Pensando em construções a partir de roupas, mergulhei no universo dos

¹ Diretor de arte, cenógrafo e figurinista que atua como professor da Escola de Belas Artes da UFRJ desde 1990.

artistas cubanos Guerra de La Paz (nome dado a parceria entre Alain Guerra e Neraldo de La Paz), escultores que se utilizam de roupas descartadas para criar grandes esculturas e instalações. As obras da dupla falam sobre o desperdício e o excesso, se utilizando da roupa como matéria prima de suas esculturas. O resultado são grandes volumes e formas construídas a partir de tecidos e a impressão de que existem corpos vestindo aquela estrutura.



Mort - Guerra de La Paz – 2010 Foto: Chloe Gi



Follow the Leader - Guerra de La Paz – 2011 Foto: Chloe Gill

Dentro dessa ideia de roupas coletivas e grandes estruturas vestíveis, uma referência é a artista Lygia Pape em sua obra “Divisor” (1968), um grandioso tecido com buracos para as cabeças de dezenas de pessoas, para que elas caminhem juntas, coletivamente, criando um efeito poderoso causado pela junção dos corpos e do impacto de um gigante têxtil. O espaço cênico, seja ele vestível ou não, precisa de corpos que o utilizem e investigar essa relação sempre foi o campo de maior interesse da minha pesquisa. Interesse esse que, a princípio, me ocorre que deveria nortear as mentes de artistas que pensam o figurino, no entanto, o formato que o mercado de trabalho funciona e a própria didática de criação lecionada na faculdade, fazem com que essa investigação primordial se perca, fazendo do figurino, muitas vezes, um decorador de cena, um complemento ao texto ou aos desejos de uma direção. Seguir as regras de criação ensinadas na graduação sempre foi o que eu não quis e, por isso também, se deu a escolha de Ronald Teixeira como orientador da minha pesquisa, um professor de cenografia e não de figurino, para iniciar esse rompimento de barreiras na criação.



Divisor - Lygia Pape - 12th Istanbul Biennial Art Contemporary – 2011 (Acervo Biennial)

Outro exemplo de vestível interessante à época da graduação e que foi referência de construção e de como uma estrutura têxtil pode modificar um corpo, deformar um gesto e, portanto, conduzir e manipular o movimento e as impressões do espectador foi o trabalho “Incorporáveis” da artista carioca Maria Lynch, que se utiliza do tecido como matéria-prima em muitos de seus trabalhos e que, nesta performance exibida no MAM em 2011, constrói com cores vividas e materiais almofadados, corpos estranhos, um tanto quanto disformes.



“Incorporáveis” - Maria Lynch - MAM 2011

Vestida dessas referências e várias outras e tendo como pilar de criação a ideia de construir um espaço vestível que fosse o impulsionador da ação, encontrei o texto “Tudo Num Ponto” de Ítalo Calvino, integrante do livro de contos “As Cosmicômicas”, publicado originalmente em 1965. O texto aborda o universo pré Big Bang. Todos os personagens e todas as coisas do universo estão ainda contidas em um único e minúsculo ponto. Personagens diversos tendo que conviver nessa apertada comunidade, preconceitos, conflitos e limitações de ações pela falta de espaço conduzem esse divertido conto.

Disse como "sardinha em lata" apenas para usar uma imagem literária, na verdade, não havia espaço nem mesmo para estar espremido. Cada ponto

de cada um de nós coincidia com cada ponto de cada um dos outros em um único ponto, aquele onde todos estávamos." (Calvino, 2007, p. 47)

O universo se expande quando todos se inebriam da vontade incontrolável de comer um *tagliatelli* preparado pela “senhora Ph(i)Nk” que, por falta de espaço, não consegue tornar sua vontade real. Um impulso generoso naquele universo, até então apertado e mesquinho.

“- Pessoal, se tivesse um pouco mais de espaço, como gostaria de preparar um tagliatelle!

E naquele momento todos pensamos no espaço que teriam ocupado os seus roliços braços movendo-se para a frente e para trás com o rolo a adelgaçar a massa, o grande volume do peito descendo sobre o grande monte de farinha e de ovos que atulhar a imensa travessa... pensamos no espaço que haveria de ocupar a farinha, e o grão para fazer a farinha, e os campos para cultivar o grão, e as montanhas das quais descia a água para irrigar os campos...” (Calvino, 2007, p. 51)

O texto de Calvino possui em seu cerne o elemento que eu necessitava: toda a ação se dá a partir das condições impostas pelo espaço. No caso de “Tudo Num Ponto”, espaço esse que não existe. Para além disso, era necessário criar uma universalidade para aquele ponto, um minúsculo caos que pudesse conter muitos elementos do mundo.

Diferente de outros alunos da graduação em Indumentária que, em geral, fazem como trabalho final um figurino para peças de diretores teatrais estudantes ou apenas projetos gráficos, optei por montar/dirigir um texto a partir de um desejo artístico como figurinista e assim o fiz em setembro de 2011.

Tudo num Ponto teve seu texto adaptado para a cena pelo elenco (Dulce Penna, João Lucas Romero, Vicente Coelho e Paulo Japyassú), por mim e pelo aluno de letras Fernando Mendes. Foi exibido para a banca do Trabalho de Conclusão de Curso de graduação e em algumas apresentações posteriores fora da Escola de Belas Artes.



Foto: Bel Junqueira 2011



Foto: Carla Ferraz 2011



Croqui Carla Ferraz - 2011

Falar do pré *big-bang*, do início de tudo, é também falar do início da presente pesquisa.

A presente dissertação é a explosão de “Tudo Num Ponto”, é a expansão do meu desejo e potencial artístico, é o desenho mais complexo desse embrião que desejava uma universalidade, mas ainda existia a partir de um texto.

o.p0nto é um projeto instalativo que pretende ser abrigo de diferentes trabalhos artísticos. Um espaço inventado tecnicamente capaz de receber uma variedade de linguagens. Um espaço em que a ação se constrói a partir da junção dos corpos presentes com o espaço cênico. Não é uma caixa preta, não é um espaço neutro, mas serve de suporte e casa para outros projetos. Ele, assim como o figurino e a cenografia, só existe junto com artistas o utilizando. É feito para abrigar trabalhos e seus efeitos são dedicados ao público espectador. Um mini equipamento cultural, uma caixa cênica volante e autônoma, um espaço cênico autoportante que viabiliza apresentações artísticas em espaços não convencionais, ele próprio é um espaço não convencional. Não é um *site specific*, é a invenção de um espaço cultural. A busca por um abrigo de pequenos projetos artísticos. Viabilizar cultura na cidade, cultura móvel, descentralizar espaços culturais.

Por muito tempo pensei na necessidade de batizar essa criação artística e não encontrei nenhum nome. Pensei em muitos, nomes complexos, trocadilhos, nomes espirituosos. O que não me dei conta é que esse nome sempre esteve ali, desde o nascimento deste projeto, desde o ponto zero de tudo. Sim, O PONTO, esse era o nome que eu buscava. Esse espaço inventado é **o.p0nto**, ponto de partida de trabalhos, ponto de encontro de artistas, ponto de convergência de linguagens, ponto de cultura, um ponto capaz de abrigar um universo de microprojetos ou experiências antes de seu *Big-Bang*. Um espaço autônomo apto a dar autonomia para trabalhos de outros artistas que tem como limitador a falta de espaço de exibição ou experimentação. É no o.p0nto que esses embriões poderão se desenvolver, um útero cultural.

Ao experienciar este projeto, fui me dando conta que o conceito “Tudo Num Ponto” efetivamente se expandiu. Deixou de ser uma brincadeira fictícia como proposta inicialmente por Calvino, para se tornar uma realidade na experiência dessa traquitana batizada o.p0nto.

o.p0nto pode conter todo um universo de linguagens e processos. Um micro espaço com espaço gigantesco para experiências diversificadas.

E foi vivendo o.p0nto que fui me encontrando com personagens fundamentais para a construção dessa dissertação. Hélio Oiticica, esse grande e inventivo artista, esbarrou comigo ao longo desse processo. Ao firmar o.p0nto no espaço cultural que leva o nome e a filosofia de Hélio, tive um dos potentes encontros com a teoria a partir da minha prática. Foi fazendo e vivendo na obra o.p0nto, que me deparei com a minha maior fonte bibliográfica.

E foi também apresentando uma prática em uma aula, que um dos meus colegas de sala me apresentou o trabalho de Amabilis de Jesus, artista pesquisadora que compõe a banca de mestrado dessa dissertação e que também foi de fundamental contribuição para o embasamento desse projeto.

Finalizando a escrita dessa introdução após toda a vivência que o.p0nto me proporcionou, pude entender e afirmar a potência da prática e como ela pode, sim, vir antes da teoria. Escrever e pensar acerca dos processos artísticos a partir do fazer é um dos meus objetivos com essa dissertação. Nela, irei me ater até a exposição do o.p0nto em abril de 2023 no Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica².

Para contar essa trajetória, dividi a experiência dessa dissertação em alguns pontos/capítulos, são eles: “Ponto de partida”, onde falo um pouco do início dessa caminhada, antes do trabalho tomar um corpo, o pensamento inicial sobre texturas e formas. Em seguida, em “Ponto de mutação” conto os acontecimentos que modificaram este trabalho em definitivo, o edital que ganhei e que encaminhou a forma final deste trabalho. Em “Pontos de Apoio” explico melhor as referências de forma e os caminhos que tomei até encontrar o formato do projeto cenográfico do o.p0nto. Com a forma resolvida, chega “Ponto a Ponto”, capítulo mais técnico com plantas, detalhamentos e custos do projeto. Com tudo isso relatado para a melhor visualização do leitor, chega “Ponto de Encontro” o maior e mais importante capítulo dessa dissertação, um diário de criação onde conto dia a dia as experiências que foram vividas na exposição e as descobertas teóricas e práticas a partir dela. Foi após a experiência deste capítulo que pedi para artistas participantes da exposição relatarem o que era o.p0nto para eles e resolvi inserir essas falas na parte inicial desta dissertação. Dessa forma, desejei que você que me lê agora, tivesse, antes da minha percepção, a visão de quem apresentou algum trabalho no o.p0nto. Por

² O Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica se localiza no Centro da cidade do Rio de Janeiro à Rua Luís de Camões, 68 ao lado da praça Tiradentes e dentro do Saara, um dos maiores centros comerciais da cidade. Nas redes sociais: <https://www.instagram.com/cma.heliooiticica/>

fim, vem o capítulo “Pontos Finais”, uma breve conclusão sobre toda a experiência escrita.

É importante dizer que esse trabalho já explodiu para além dessa dissertação e exposição. o.p0nto é instalação viva, pulsão criativa que segue caminhando e se propondo a experimentações diversas. o.p0nto não dorme no ponto e nem para em nenhum ponto, ele vai de ponto em ponto criando linhas narrativas e criativas e essa dissertação é um carinhoso recorte desse processo em movimento.

PASSO O PONTO . PONTO DE VISTA . **FIRMO O PONTO** . PONTO
G . PONTO FOCAL . PONTO CRUZ . **PONTO DE ENCONTRO** . PONTO
DE PARTIDA . **PONTO DE EXCLAMAÇÃO** . PONTO CEGO .
PONTO DE MUTAÇÃO . PONTO DE VIRADA . PONTO . PONTO DE
INTERROGAÇÃO . **PONTO DE COSTURA** . PONTO DE LUZ .
PONTO TURÍSTICO . PONTO FACULTATIVO . PONTO DE EBULIÇÃO .
AO PONTO . PONTO DE ENERGIA . PONTO DE TENSÃO .
PONTO DE CONVERGÊNCIA . PONTO FRACO . **PONTO FORTE** .
PASSAR DO PONTO . **DORMIR NO PONTO** . PONTO NEUTRO .
PONTO MORTO. PONTO DE EQUILÍBRIO . PONTO . **MARCAR UM**
PONTO . LEVAR PONTO . **DEFENDER UM PONTO** . EM PONTO .
BATER O PONTO . TOCAR NO PONTO . **CHEGAR AO PONTO** .
QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA UM PONTO . PONTO DE ATRAÇÃO .
PONTO CARDEAL

2 - PONTO DE PARTIDA

Esta pesquisa tem como pilar inicial o desejo de desenvolver um hibridismo em sua forma e lógica de construção, no que convencionei chamar de *figurino-espaço cênico*, um espaço que se constrói a partir de recursos cenográficos e de figurino, materiais têxteis e materiais rígidos utilizados em estruturas. Além dos materiais, essa concepção exigiu saberes de profissionais de ambas as áreas para entrelaçar as lógicas de construção desse espaço cênico. Um objetivo importante nesse processo é investigar as possíveis capacidades de cada recurso técnico (texturas, materiais, luz e som) em conduzir uma cena, como cada um desses elementos pode atuar como propulsor dramático, sugerir movimentos para o corpo-atuante que se utilizará do espaço cênico.

Falando em corpo-atuante, esse termo foi desenvolvido pela profa. Dra. Amabilis de Jesus, da Universidade Estadual do Paraná, em sua tese “Figurino Penetrante” (SILVA, 2010) e farei o uso do mesmo já que ele se encaixa perfeitamente no conceito de um corpo propositivo e de uma universalidade de linguagens.

“As proposições observadas nessa tese não se restringem à encenação teatral. Em função disso, adoto a terminologia corpo-atuante, para abarcar os diversos atuantes da cena: ator(atriz), bailarino(a), performer. Também uso corpo-atuante para enfatizar a não separação entre corpo/mente, sobretudo, por tratar da relação do figurino com o corpo.” (Silva, Amabilis de Jesus da., p. 12, 2010)

Para iniciar o pensamento da forma deste trabalho, passei a elencar os sentimentos e impressões que os materiais me traziam e, além disso, busquei partir de uma mesma matéria-prima para desenvolver uma série de efeitos.

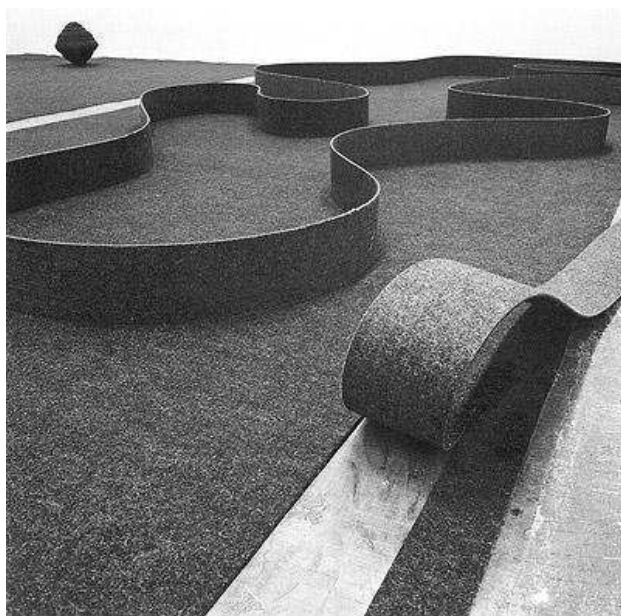
Por se tratar de um espaço vestível, meu objetivo era criar soluções a partir de materiais têxteis e lógicas de modelagem. Além disso, busquei destacar as técnicas manuais e possibilidades variadas que um mesmo material me instigava.

Dentro desse panorama, um artista inspiração que parte de uma mesma matéria-prima para construir obras com o acúmulo dela, é José Damasceno. O escultor carioca trabalha com materiais não convencionais para construir instalações e esculturas, e o acúmulo, a repetição, o exercício de exploração de um mesmo material

são marcas interessantes de sua produção artística. A convivência com um mesmo material, a exploração e esgotamento de possibilidades de uma mesma matéria-prima, se apontavam como um possível caminho de construir uma dramaturgia a partir de um elemento têxtil, ou pelo menos torná-lo guia de uma ação.



Damasceno - Snooker - 2001 - lã, mesa e luminária (Rita Burmester)



Damasceno - Método para Arranque e Deslocamento - 2001 – carpete (Miguel Rio Branco)



Damasceno - Solilóquio - 1995 - Madeira e concreto (Fernando Chaves)



Damasceno - Cinemagma - 2000 - Estopa e porta (Wilton Montenegro)

Dentro desse universo, penso no termo que melhor define esse caminho: **contexturizar**. Construir um conceito, um contexto e um efeito através de uma textura, de um material é uma busca investigativa nesse projeto e esse termo funde esses conceitos, é um ponto de convergência de palavras.

Contextura

1. estrutura, textura 1.1 tecido, trama, urdidura 1.2 a característica da matéria ao tato ou à observação 2. enredo, trama
3. contexto; encadeamento; sequência

Contexto

Situação na qual ocorre ou se insere

Contextualizar

1. Integrar num contexto 2. prover de contexto - contextualização

Textura

1. Trama, tecido 2. aspecto tátil de uma superfície
(Dicionário Houaiss, 2003)

Ao *contexturizar* os materiais eu os coloco como personagens atuantes, elementos com personalidade e capazes de modificar ou propor movimentações, impressões e sensações. Materiais passam a exhibir suas vontades. Ao conversar com os materiais, penso muito também sobre o como os escolho na vida para além dessa pesquisa. Como defino um tecido para demonstrar um sentimento de uma personagem, como um material pode inverter ou sublinhar percepções e como eles podem provocar movimentações. Repelir ou atrair corpos.

Em *Criatividade e Processos de Criação*, Fayga Ostrower desenvolve seu conceito de imaginação criativa a partir da ideia da materialidade. A autora se utiliza deste termo pois, segundo ela, ele é a ampliação do conceito de matéria/material, se trata do material somado a quem o utiliza e os saberes que o rondam. Como ela mesmo exemplifica, um pedreiro trabalha com pedras, um filósofo com pensamentos, um músico com sons. A materialidade, portanto, é fruto do trabalho do corpo-atuante sobre aquele material. Ainda segundo Fayga:

Cada materialidade abrange, de início, certas *possibilidades* de ação e outras tantas *impossibilidades*. Se as vemos como *limitadoras* para o curso criador, devem ser reconhecidas também como orientadoras, pois dentro das delimitações, através delas, é que surgem sugestões para se prosseguir um trabalho e mesmo para se ampliá-lo em direções novas. De fato, só na medida em que o homem admita e respeite os *determinantes da matéria* com que lida como *essência de um ser*, poderá o seu espírito criar asas e levantar vôo, indagar o desconhecido (OSTROWER, 1977, p.32)

É dentro desta perspectiva de determinantes da matéria que penso em investigar como os estímulos têxteis podem suggestionar a movimentação dos corpos

do espaço cênico que proponho. Como a matéria pode determinar ações e como suas limitações podem construir caminhos de ação.

“A imaginação criativa levantaria hipóteses sobre certas configurações viáveis a determinada materialidade. Assim, o imaginar seria *um pensar específico sobre um fazer concreto*. Um carpinteiro, ao lidar com madeira, pensa em termos de trabalhos a serem executados em madeira. As possibilidades que ele elabora, mesmo ao nível da conjectura, não seria, por exemplo, possibilidades para um trabalho em alumínio, com elasticidades, espessuras, moldes possíveis do alumínio” (OSTROWER, 1977, pag. 32).

Foi embasada nessa ideia de materialidade e contexturização que, posteriormente, convidei artistas para experienciar esses conceitos na prática, fato que será melhor desenvolvido no capítulo “Ponto de Encontro”, mas que tomo a liberdade de falar brevemente neste momento. Ao convidar artistas de linguagens variadas para habitar o.p0nto, encarando as mesmas matérias-primas têxteis (elásticos e zíperes) e as estruturais (metalon), desejei observar como opera a imaginação criativa de cada participante. Qual o impulso gerador criado por um elástico e como ele se desdobra em possibilidades variadas de acordo com a formação cultural, artística e de saberes de cada participante do o.p0nto. A maneira como um corpo-atuante contexturiza uma matéria é algo que me interessava investigar e como, ao transformar essa matéria, modificá-la trazendo uma nova camada de significados (como um crochet feito com os elásticos que estavam até então apenas colocados pelo espaço), ela será recebida pelo próximo corpo que passará pelo o.p0nto. O fato do trabalho ter ficado montado por duas semanas (fato que irei desenvolver mais a frente nesta dissertação), trouxe a ele um acúmulo de materialidades e uma transformação gradual dos seus usos, significados, limitações e caminhos traçados pela manipulação das matérias por diferentes mãos.

Além disso, inicialmente, o trabalho foi pensado com linguagens têxteis por ser o meu universo de materialidade, em que tenho facilidade e imaginação criativa para pensar caminhos. No entanto, ao convidar outros artistas com suas cargas culturais e de fazeres diferentes das minhas, fui também surpreendida com um novo universo de materiais e possibilidades. Nessa prática criativa em rede, pude observar o universo de materialidades de cada um. Me colocando como suporte dos trabalhos de outras pessoas, pude também mergulhar nas diferentes maneiras de contexturização de cada artista e seus fazeres.

A materialidade não é, portanto, um fato meramente físico mesmo quando sua matéria o é. Permanecendo o modo essencial de um fenômeno e, conseqüentemente, com isso delineando o campo de ação humana, para o homem as materialidades se colocam num plano simbólico visto que nas ordenações possíveis se inserem modos de comunicação. (OSTROWER, 1977,pag. 33).

Portanto, o conceito de contexturização é uma soma dos conceitos de materialidade de Fayga e de corpo-atuante de Amabilis. Lidar com a forma e a matéria de maneira crítica, investigativa e construindo sentidos a partir dos elementos fornecidos por cada material. Escutar o que cada matéria tem a dizer quando se apresenta em sua forma pura.

A partir desta ideia de *contexturização*, desenvolvi um vídeo homônimo para a disciplina de Mestrado “Processos de Criação”, ministrada pela Profa. Dra. Alessandra Vannucci, no Programa de Pós-graduação em Artes da Cena da ECO-UFRJ.



QRCODE referente ao vídeo “Contexturizando”

Em “Contexturizando” parti do movimento do material ou da carga de significados que ele carregava para tentar conduzir a emoção do telespectador. Nessa primeira fase da pesquisa, busquei apenas investigar os efeitos da matéria-prima sozinha, sem efeitos sonoros, iluminação ou manipulação de cor. Interessava-me entender o potencial dramático de cada camada técnica. Entendê-las em separado para pensar na sobreposição das mesmas. Penso que desta maneira poderia manipular com mais consciência os efeitos na cena e ter mais aprofundamento e

intimidade com toda a materialidade cênica proposta nesse espaço instalativo que estava em desenvolvimento naquele momento.

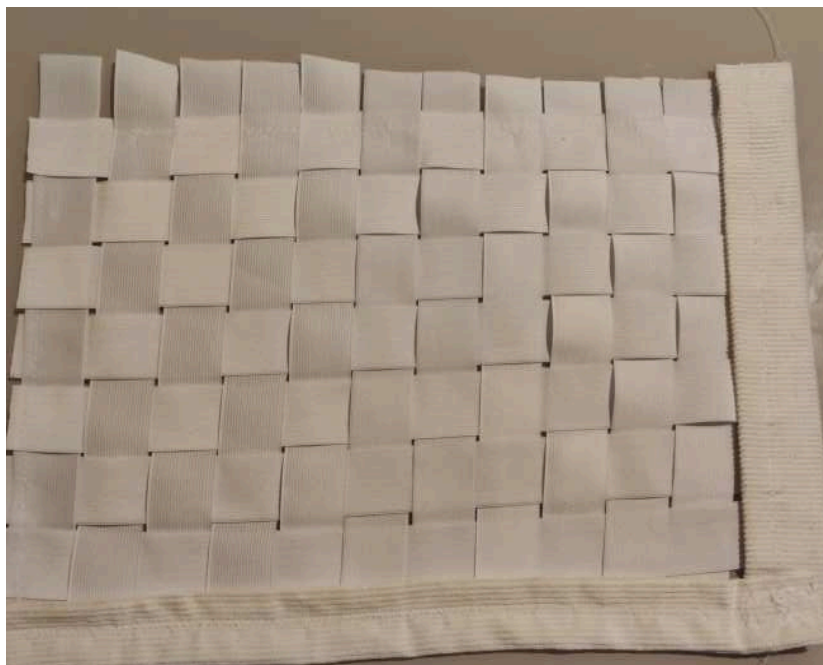
Muitas demandas se apresentaram e fui entendendo o tamanho e a complexidade de cada etapa que eu estava desenvolvendo. Percebi que, muito provavelmente, não haveria um esgotamento dessas experimentações, esse é um trabalho interessante e contínuo, é a escolha de um olhar sobre a matéria e um pensamento de linguagem para toda uma vida de produção artística material. Meu objetivo inicial nesse caminho da pesquisa era construir um glossário de impressões de texturas e materiais, em seguida desdobrar um pensamento acerca da cor e seus possíveis efeitos e significados, posteriormente sobre o som e em seguida sobre a luz. Após todas essas classificações individuais, desejava juntar e pensar esses efeitos aliados, sobrepostos e alternar o uso de cada um com a consciência de cada sensação criada por cada um. Uma linguagem riquíssima e complexa, que me dei conta que não teria seu esgotamento em um processo de dois anos de pesquisa, talvez esse esgotamento não acontecesse nunca, visto que racionalizar o sensorial é algo bastante complexo, tem recortes culturais, geográficos, etários e camadas muito pessoais.

Neste primeiro momento do projeto, onde tive a intenção de criar esse glossário de materiais, o orientador desta pesquisa, Prof. Dr. Gilson Motta, sugeriu que eu pesquisasse mais a fundo a classificação de materiais proposta por Ana Maria Amaral.

A primeira etapa [da pesquisa] foi a escolha dos objetos, e consequente classificação: objetos naturais (galhos, folhas, ovos, pedras) foram trabalhados com terra, água ou fogo; objetos funcionais; objetos em des-uso (sucatas de todo tipo); representativos (figura humana ou animal); brinquedos; miniaturas (...)

A segunda etapa foi a observação do objeto em suas funções, em suas qualidades físicas, mecânicas, ou em seus valores sociais e culturais. Além da sua função original (função para qual cada objeto é especificamente criado) procurou-se descobrir outras funções que poderiam lhe ser atribuídas. As qualidades físicas (forma, peso, textura e possibilidades de movimentos) foram acuradamente consideradas. E, no que se refere aos valores sociais e culturais, um determinado tipo de arma ou ferramenta, uma imagem, ou as cores de um vestuário, assumem diferentes conotações, em diferentes grupos sociais). (AMARAL, 2007, pag. 79-80).

Comecei a desenvolver, dentro dessa busca de repertório de materiais, alguns estudos com materiais têxteis brancos (para pensar a forma ainda sem a interferência da cor). Busquei criar um repertório de efeitos e movimento com uma repetição de um mesmo elemento.



Trama de elásticos



Junção de dezenas de meias



Crochê de elásticos



Zíperes e tecido

Este exercício, feito em uma escala pequena, foi um teste de possibilidades para paredes têxteis maiores, em escala humana, para pensar efeitos interativos de corpos-atuantes com esses materiais.

Ao optar por elásticos, na trama ou no crochê, penso no tensionamento desse material e na possibilidade de um corpo passar através dos buracos que podem ser abertos ao forçar essa matéria. Esconder e revelar, além de atravessar essas superfícies elásticas. Pode-se também deitar e se jogar num elástico tensionado, esse material ao ser esticado, responde com uma força própria, “contracenando” com o indivíduo que o manipula. Ao pensar em uma personalidade, chego à conclusão de que o elástico definitivamente não é um material submisso. Ele possui força própria e responde aos estímulos a que é submetido. Ao se somar a mais elásticos, ao ser trançado, amarrado, ele ganha mais força. É um material interessante para provocar pessoas a se movimentar. Ele pode ser bastante violento, mas também confortável, tudo depende do estímulo dado a ele, ao qual ele responderá com força e preparo físico.

Os zíperes, por sua vez, podem funcionar como portais. Ao acumular zíperes, eu crio uma imensidão de caminhos, entradas, saídas, aberturas e fechamentos. O zíper pode criar pequenas janelas para se espiar o que está pelo outro lado, assim como pode escancarar uma fenda, rapidamente abrir um rasgo que unirá dois lados de uma cena. Com o acúmulo consigo criar diferentes possibilidades de caminhos para os corpos que estejam o encarando. Ao mesmo tempo, ele é um aviamento que conduz, provoca um movimento de abertura e fechamento. Ao se deparar com uma parede lotada de zíper, o corpo-atuante-observador naturalmente terá o desejo de mexer nesse carrinho, visualizar o que há do outro lado, caso esteja escondido ou, fechar caso esteja escancarado. O zíper está ali para ser manipulado, não há uma relação apenas decorativa com esse aviamento. A função do zíper no mundo é abrir e fechar caminhos.

Ao visualizar um par de meias, naturalmente pensamos em um par de pés. No entanto, ao acumular muitas meias, juntá-las, cria-se uma textura do acúmulo e é preciso algum tempo para entender que aquilo são meias. O material têxtil com uma função específica de vestuário, ao acumular-se em excesso, perde a sua função primordial e constrói uma nova e poderosa informação estética. No entanto, ao olhar e perceber que um paredão de material elástico, com entradas redondas se trata de meias, logo percebe-se que é possível colocar mãos e pés neles, em alturas e de maneiras variadas. Esse paredão vestível suscita uma interação diferente dos anteriores e pode criar um desejo corporal de entrar com diferentes partes do corpo nos buracos, e, conseqüentemente, esconder e revelar apenas pedaços da estrutura

corporal. Isso já gera uma possibilidade cênica bem interessante, podendo criar brincadeiras diversas. Penso em teatro de animação, podendo esconder o ator/manipulador e só exibir o boneco, ou até mesmo uma contracenação entre membros corporais, pernas e braços que interagem, uma dança. Entendo, portanto, que o acúmulo de uma mesma peça de vestuário tirada de seu contexto utilitário e disposta cenograficamente de outra maneira, faz com que ela exerça uma nova função e imprima uma outra simbologia. A manipulação do significado de uma forma sem necessariamente modificá-la.

Neste breve teste, já percebi muitos caminhos a partir apenas de simples materiais têxteis explorados, tensionados e provocados em suas possíveis utilidades.

Hélio Oiticica, em suas criações, também pensou sobre a personalidade dos materiais e a construção de significados a partir dos mesmos. Em entrevista à Ivan Cardoso:

“ IC - Você tem uma certa fixação com certos materiais, madeira, tela de *nylon*, plásticos, pedras, materiais de construção...

HO - É porque são materiais que não estão impregnados pelo ranço artístico, entende? É isso que eu quero usar, eu procuro usar materiais assim que sempre tiveram pra mim um papel especial...”

A minha escolha pelo elástico branco, que acabou por ser o aviamento mais presente no o.p0nto se deu muito por essa ideia da neutralidade. Apesar de ser um material nada submisso e com personalidade forte, como já descrevi acima, ele não carrega um significado enquanto rolo ou apenas um aviamento pelo chão, ele se mostra um convite à criação para as mãos e olhos que o recebem.

Entendo que essa pesquisa de mestrado é apenas um ponto de partida de um universo inesgotável de estudo dos efeitos visuais de matérias. Colocar a forma e o tato no campo do pensamento é também buscar a racionalização de sensações. Colocar em palavras um movimento, uma respiração e uma sensação é um exercício árduo e provocativo. Além disso, existe uma camada muito pessoal nisso, além de uma camada geográfica, cultural e etária. Existem efeitos universais dos materiais? Essa pergunta, penso eu, talvez seja respondida após muitas experimentações de outros artistas no o.p0nto. Ao propor materiais e convidar artistas a ocupar o espaço cênico criado nesta pesquisa, construí, construo e construirei ao longo da vida deste projeto um repertório gigantesco de sensações e impressões criadas a partir de cada

material. Na exposição do o.p0nto - e isso irei desenvolver com mais detalhes no capítulo “Ponto de Encontro” - ao convidar artistas têxteis e atores para desenvolver seus trabalhos, pude contemplar diferentes poéticas do mesmo material para cada um, e a carga de significado e usabilidade de cada material desenvolvido pelas mentes e mãos que interagiram com o espaço. A matéria-prima apenas disposta no espaço tem um significado, ao se deparar com o olhar de um artista têxtil o mesmo se sente inquirido a transformá-la. Uma vez transformada (costurada, tecida, trançada, bordada, entre outras possibilidades), a matéria passa a carregar outras possibilidades e um novo olhar sobre ela será gerado pelo próximo artista a habitar o.p0nto. É uma rede de construção de significados da matéria e é preciso diferentes olhares, muitas mãos e tempo para que esse repertório se desenvolva.

A contexturização dos materiais está em constante transformação, visto que a perspectiva de cada corpo-atuante sobre eles cria uma nova carga de significados.

Até onde chegarei com essa pesquisa? Penso eu. Quanto mais tempo e mais acúmulos de experiências sobre um mesmo espaço, a investigação se tornará mais rica e profunda. Penso que de fato esse é o ponto de partida do o.p0nto, e me alegra pensar que esse pequeno tempo de vida já carrega uma carga enorme de interações, significados e rede de trabalhos e olhares envolvidos.

OS ANSEIOS E OS ACONTECIMENTOS

Em meu pré-projeto, eu me propus a construir um espaço cênico e a convidar diferentes artistas com linguagens variadas a habitá-lo por um período. A partir disso, meu desejo era entender os possíveis impulsos dramaturgicos causados pelas escolhas estéticas propostas por mim. Como um mesmo espaço poderia abrigar diferentes linguagens e diferentes artistas? Quais os movimentos e reações comuns dos corpos-atuantes frente às texturas propostas por mim? Seria possível guiar as sensações e efeitos da cena? Seria possível construir um espaço cênico que, apesar de ter uma personalidade em suas escolhas estéticas, ainda assim fosse neutro? Essa proposta poderia virar um método de construção cênica? É possível desenvolver a dramaturgia a partir de uma direção das formas?

Essas perguntas e outras viajaram pela minha cabeça e no meu universo de desejo. Tinha um objetivo em mente e um tempo limitado: dois anos, que entre leituras de outras matérias, trabalhos para além da universidade, e uma vida pessoal, eu precisava fazer um levantamento complexo e descobrir a forma deste equipamento cultural multiuso.

Diante de tantas questões, estive certa de que esta pesquisa não chegaria a um fim, mas que seria uma abertura sobre o tema, um início de estudo sobre texturas e formas e suas possibilidades dramatúrgicas.

Ao organizar um primeiro cronograma de trabalho, pensei que poderia criar uma espécie de glossário de formas e texturas, elencar as emoções possíveis diante dos materiais, provocar jogos e testes para a criação de cenas e de fato destrinchar um possível método, sem necessariamente chegar a um formato final, entendendo que a trilha da investigação pode ser, sim, muito interessante mesmo sem chegar a uma conclusão.

Isso tudo eu pensei até que um fato bastante relevante solidificou os rumos dessa pesquisa. Fato esse que chamarei de ponto de mutação.

3 - PONTO DE MUTAÇÃO

Em meados de 2021, com minha pesquisa ainda em seu início, foi lançado o edital FOCA - Fomento à Cultura Carioca, da Prefeitura do Rio de Janeiro, que entre suas categorias, possuía a de “Pesquisa e Inovação”, que premiaria pessoas físicas, artistas pesquisadores (não necessariamente do âmbito universitário) com suas investigações acerca de temas culturais que fossem relevantes para a cidade.

Decidi me inscrever com a pesquisa de mestrado, mas dando um enfoque na ideia de espaço cênico autônomo e portátil.

Pensando o mercado cultural e a vida do artista carioca num contexto pós-pandêmico (na realidade ainda pandêmico à época) e os desafios de colocar um trabalho na rua, resolvi pensar o viés político da presente pesquisa.

Qual a relevância e utilidade para a cidade do meu trabalho acadêmico? Como transportar meus desejos artísticos e meus recursos intelectuais como artista pesquisadora na universidade pública para o desenvolvimento de uma tecnologia cultural que faça sentido para a cidade e outros artistas?

Dentro desse viés pensado para me enquadrar no edital escrevi o projeto com um nome semelhante ao da pesquisa acadêmica, mas enfatizando um outro lado dela: “Vestindo o Espaço: em Busca de uma Cena Autônoma” (à época, minha pesquisa de Mestrado tinha o nome de “Vestindo o Espaço: o figurino-espço cênico como propulsor dramaturgico). Nele, optei por pensar nesse espaço-vestível pronto. Pensar um espaço autônomo tecnicamente, portátil e volante. Tendo recursos e possibilidades técnicas em um pequeno espaço transportável, eu poderia criar o que chamei de lona cultural volante. Um equipamento cultural portátil e que poderia servir de abrigo para microprojetos de artistas iniciantes, estudantes e pequenos grupos. Além disso, com ele seria possível descentralizar os espaços culturais, montar um espaço cênico em praças e diferentes rincões da cidade. Gerar cultura e possibilidades de trabalhos de artistas variados para lugares não convencionais, explodir as paredes dos teatros e lonas e levar a cena para onde desejar.

Escrevendo sobre isso no projeto, fui entendendo a relevância política desse trabalho e da urgência de criação de novas possibilidades para artistas poderem trabalhar e desenvolver suas ideias. Artistas cariocas (brasileiros em geral) sofrem com o sucateamento dos teatros e espaços culturais, além de depender de poucos editais para viabilizar seus trabalhos. Um estudante ou um artista no início de sua carreira encontra dificuldades imensas de conseguir espaços para apresentar e se desenvolver em suas linguagens. Em “Vestindo o Espaço”, eu proponho uma solução cultural e um espaço de acolhimento para projetos embrionários, é a invenção de um espaço cultural.

Criar um resultado material e útil para a cidade a partir de uma pesquisa acadêmica é algo que me instiga. Sinto, muitas vezes, que o espaço de pensamento da universidade, apesar de riquíssimo e necessário, comumente não se coloca acessível a quem não está dentro do meio acadêmico. Muitos saberes se desenvolvem e são investigados, mas se encerram dentro das discussões na própria academia, um nicho difícil de ser expandido. Assim como os muros do teatro precisam ser rompidos para criar-se olhares mais expandidos para a cena, os muros da universidade precisam ser rompidos para levar os saberes construídos por artistas pesquisadores para quem está no mercado. Desenvolver tecnologias culturais que tenham efeitos práticos é necessidade de primeira ordem.

Vi na minha pesquisa no programa de Experimentações Artísticas do PPGAC aliada ao FOCA, uma grande oportunidade de desenvolver uma prática artística aliada à reflexão teórica, construindo um documento que poderia ter um alcance para além dos muros da universidade.

Entrei no mestrado em um contexto pandêmico, com aulas *online*, uma carga gigantesca de leituras e nenhum encontro, nenhuma sala de ensaio, nenhuma produção artística presencial e nem troca olho no olho com meus professores e a minha turma. Senti muita falta nessa fase do encontro, da troca presencial com outros artistas, corpos e visões de mundo. Meu projeto sem pessoas perdia um pouco o sentido e entrava em um campo teórico subjetivo que não me agradava tanto.

Desenvolver esse projeto era também, portanto, um grito da necessidade da presença, uma busca de viabilizar os encontros, a produção artística de outras

peças e uma maneira de realmente trazer para a prática a minha pesquisa, que apesar de ser efetivamente da linha prática da Pós-graduação em Artes da Cena, correu o risco de cair em experimentações mais subjetivas que não teriam uma utilidade direta. A ideia de viabilizar um instrumento cultural de utilidade pública me enchia os olhos e tocava a minha identidade como artista e a maneira como eu gostaria de me comunicar com a sociedade.

Vestida dessas sensações e certezas, me inscrevi no edital na categoria já citada e no dia 30 de novembro de 2021, recebi a notícia que meu projeto tinha sido contemplado com nota máxima, em primeiro lugar.

CATEGORIA PESQUISA & INOVAÇÃO						
1) PROJETOS DE R\$25.000,00						
Nº	NOME	CPF	PROJETO	VALOR DO PROJETO:	NOTA FINAL	STATUS
3548	CARLA FERRAZ	120.XXX.XXX-75	VESTINDO O ESPAÇO: EM BUSCA DE UMA CENA AUTÔNOMA	R\$ 25.000,00	100	SELECIONADO
5191	MARIA SOUTO DE CARVALHO	099.XXX.XXX-71	ELAS NO CHORO	R\$ 25.000,00	99	SELECIONADO

Eu nunca havia ganhado um edital na vida, por isso inclusive, faço questão de registrar essa imagem nas páginas dessa pesquisa/relato.

Ser premiada no FOCA me trouxe várias certezas e me deu um caminho mais objetivo para trilhar. Se antes, tinha dúvidas em relação ao método que usaria e até onde seguiria com a pesquisa, não necessariamente precisando chegar a uma conclusão, agora eu tinha um cronograma, um lugar para apresentar, uma verba e um objetivo claro de entrega. Naquele momento, eu ainda não havia sido contemplada com a bolsa CAPES, que posteriormente me agraciou, e esse prêmio era uma espécie de bolsa, uma maneira concreta de viabilizar financeiramente o que eu precisaria construir. Pouco se fala da questão monetária quando empreendemos uma pesquisa prática e a verdade é que muitas ideias interessantes são deixadas pelo caminho por falta de viabilidade financeira. Como profissional do teatro que trabalha com construções materiais, a questão da falta de verba é algo recorrente, ela assola grande parte da classe. É extremamente frustrante não conseguir produzir da maneira como gostaria, escolher materiais que não desejo e optar por caminhos menos complexos pela falta de dinheiro. O imprevisto e a escassez fazem parte do repertório

do artista brasileiro e isso, apesar de ter gerado grandes belezas e soluções interessantes, não é algo a se comemorar ou se acostumar.

Nesse trabalho eu pretendo criar um recurso prático e técnico para a falta de recurso. Não consigo resolver o problema da falta de investimento na cultura do Brasil (que já hoje, em 2023, aponta para um caminho mais próspero com o retorno do Ministério da Cultura e investimentos na área), mas posso, com o pequeno recurso ofertado a mim, ajudar a pensar maneiras de construir um lugar que possa abrigar artistas iniciantes que ainda não possuem mecanismos de financiar seus projetos ou até mesmo, precisam de espaço para testar suas ideias.

Estava dada a razão de existir desse trabalho.

Ao ganhar o FOCA, solidifiquei os motivos e objetivos da minha pesquisa acadêmica. Pude entender a importância política e social do meu projeto cenográfico e do meu ofício. Inventar espaços é construir soluções. Colocar o espaço da arte e o desenvolvimento de tecnologias culturais em pauta é algo extremamente relevante. Ao receber esse prêmio tirei do caminho as preocupações com os detalhes da caminhada, como o glossário de materiais, o dicionário de sensações e impressões e coloquei a frente algo muito mais amplo. Eu estava prestes a construir um ponto de encontro de redes de trabalho, construir a possibilidade para outras pessoas poderem experimentar suas ideias, construir uma possível política cultural e, sobretudo, participar da construção da minha cidade da maneira como eu acredito.

Ganhar o FOCA me deu uma dimensão política enorme do meu papel como artista carioca em 2023. Todo o meu fazer ao longo dos anos como figurinista, cenógrafa, criadora de bloco de carnaval e agente cultural em várias frentes da minha cidade, se juntaram em um único objetivo e sentido dentro do meu projeto de mestrado. O ponto é a junção de todos os pontos de vida da artista Carla Ferraz a quem você lê neste momento. Enquanto o FOCA, programa de fomento à cultura municipal me ajudaria a viabilizar esse trabalho na cidade, o mestrado na UFRJ, instituição pública federal, faria esse trabalho virar um documento de uma época e de um desejo político na área da cultura. Era essa a costura que eu precisava para impulsionar o sentido do meu trabalho.

Inicialmente, propus documentar e viabilizar virtualmente toda a pesquisa e apresentá-la na rua durante dois dias em duas praças diferentes. A primeira seria no

bairro da Glória com um bate-papo no Memorial Municipal Getúlio Vargas³ (espaço cultural excelente, porém subutilizado e pouco conhecido) e a segunda seria uma apresentação na praça Tiradentes⁴, no Centro, com um bate-papo no Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica. Minha ideia era utilizar o ponto como “isca” de espectadores passantes que, para além de experienciar uma apresentação gratuita a céu aberto, poderiam, posteriormente, conhecer um espaço municipal que nem sabiam que existia ou nunca haviam pensado em entrar. Uma integração rua - espaço municipal.

Esse plano aconteceu em partes, pois um pouco antes da data de apresentação, a administração do Centro de Artes Hélio Oiticica entrou em contato comigo dizendo que seria necessário fazer uma obra emergencial no espaço e minha apresentação teria que ser adiada ou mudada de lugar. Foi neste momento que houve um segundo ponto de virada essencial para os caminhos da pesquisa. A minha participação no Hélio Oiticica deixou de ser uma única apresentação/bate-papo em dezembro de 2022 para se tornar uma exposição de duas semanas em abril de 2023. Nesse momento, portanto, desenhei dois pontos importantes no trajeto de desenvolvimento do meu trabalho.

Em dezembro de 2022 faria uma primeira apresentação, testagem pública do espaço cênico em desenvolvimento na praça ao lado do Memorial Municipal Getúlio Vargas⁵, para no ano seguinte, com testes feitos e caminhos amadurecidos, poder exibir por duas semanas este trabalho e ali desenvolver publicamente um dos principais objetivos do meu Mestrado: convidar artistas de diferentes linguagens a habitar o meu espaço cênico e registrar tudo. Essa pesquisa toda se daria dentro de uma galeria de arte e aberta a quem quisesse participar. Desenvolvimento cultural e acadêmico acontecendo juntos dentro de um espaço municipal da cidade do Rio de Janeiro.

E assim aconteceu, pude realmente experienciar a prática de uma pesquisa viva, acontecendo à minha frente e ter esse relato documentado aqui nesse projeto me faz sentir o cheiro daqueles dias felizes.

³ Espaço cultural multiuso localizado na Praça Luís de Camões, na Glória, bairro localizado na divisa entre a Zona Sul e a Zona Central da cidade do Rio de Janeiro, banhado pela Baía de Guanabara e que possui importantes pontos turísticos.

⁴ Antiga praça localizada no Centro da cidade do Rio de Janeiro. Abriga dois importantes teatros da cidade: João Caetano e Carlos Gomes.

⁵ Link do espaço cultural: <https://www.instagram.com/memorialgetuliovargas/>

Posso dizer, sem sombra de dúvidas, que vivi a plenitude da minha vida artística nessas semanas de exposição. Uma alegria imensa e a certeza da potência do trabalho. Viver na minha obra, assim como Hélio Oiticica propôs em sua vida, e viver essa obra no Centro de Artes que carrega o nome e a filosofia do artista, foi um encontro potente e avassalador, uma catarse em forma de encontros e me trouxe resultados que nunca seriam possíveis pelos caminhos da teoria.

4 - PONTOS DE APOIO

O projeto é:

construir um espaço cênico volante e autônomo tecnicamente, que seja portátil, transportável, acessível e de fácil manipulação. Além disso, preciso desenvolver um manual de construção dessa traquitana cênica, um material de domínio público para que outras pessoas possam acessar e se inspirar para a construção de seus próprios espaços cênicos ambulantes.

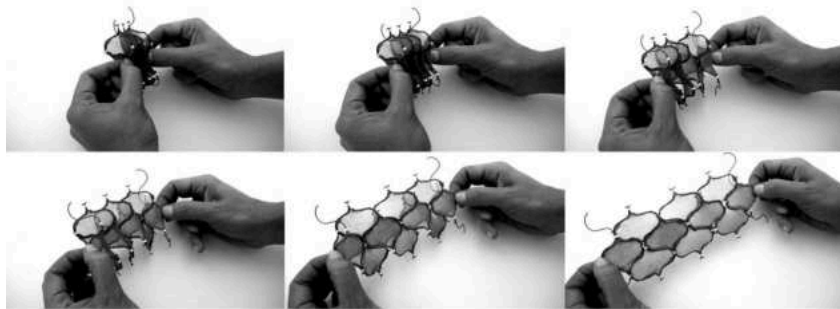
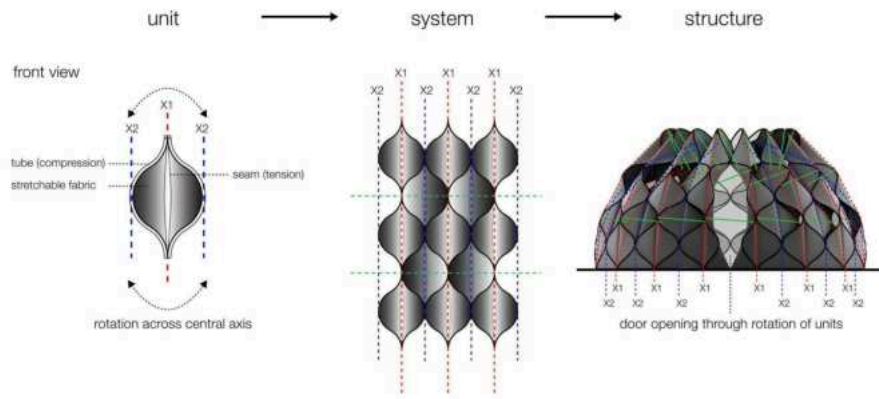
Para viabilizar isso, pensei na possibilidade de construir uma solução cenográfica que pudesse caber em duas malas, toda em tecido e materiais leves e com itens de luz e som que fossem pequenos e igualmente leves para possibilitar a montagem sem criar um grande custo de transporte.

Iniciei então esse projeto de construção pensando em arquitetura têxtil. Este termo que me veio à mente e fazia sentido dentro do que desejava, mas que não sabia ao certo se de fato existia e onde procurar construções com essa lógica. Ao pesquisar o termo, inicialmente encontrei muitos estudos e artigos relacionados a construções com tecidos para tetos e coberturas, grandes lonas, gazebos, tendas, mas ainda não era isso que buscava. Essas soluções cenográficas muito usadas em eventos, que são desmontáveis e feitas em materiais como lonas, eram, na minha opinião, uma alternativa pouco cênica e uma solução que não trazia a matéria-prima e a construção para um destaque tal como eu gostaria. Apesar do trabalho, naquele momento, estar muito ligado à construção do espaço volante, a ideia da textura e do tecido como propositor da ação e participante ativo da cena, ainda permanecia e era bem importante.

Foi pesquisando revistas de arquitetura, após boas conversas com arquitetos amigos, que encontrei um primeiro caminho.



double layer fabric/skin





No último século, após guerras globais e desastres naturais, o mundo testemunhou o deslocamento de milhões de pessoas em todos os continentes. Como refugiados em busca de abrigo de desastres (naturais e causados pelo homem), eles carregaram de suas casas o que puderam e se reassentaram em novas vidas, em terras desconhecidas, muitas vezes começando com nada além de uma barraca para chamar de lar. Este projeto reexamina o conceito arquitetônico tradicional de abrigos de tendas, criando um tecido técnico e estrutural que se expande para fechar e contrai para mobilidade, proporcionando os confortos da vida contemporânea (calor, água corrente, eletricidade, armazenamento, etc.).

O conceito por trás do tecido estrutural é a tradição atemporal de tecer membros em formas leves que colapsam facilmente em superfícies planas para transporte. Os vários fios da trama acomodam diferentes finalidades, por exemplo: malha para janelas e armazenamento, um tecido solar elástico para energia sustentável, que alimenta tubos flexíveis para água, calor e eletricidade.

O tecido estrutural funciona em múltiplas escalas, desde a escala da abertura até a escala de uma cidade de tendas, uma paisagem de cúpulas que facilitam a comunidade e transcendem a necessidade básica de sobrevivência e, em vez disso, um lugar onde a comunidade se integra, cura e a renovação prospera. Um urbanismo nômade que tece fisicamente e metaforicamente uma comunidade, serviço, design funcional e beleza.

Nesse espaço transitório, os nômades encontram um lugar para fazer uma pausa em seus mundos turbulentos, um lugar para tecer a tapeçaria de suas novas vidas.

(Revista Archello - Projeto Weaving a Home - arquiteto: Abeer Seikaly

- Japão, 2015 - <https://archello.com/pt/project/weaving-a-home>)

Esse fantástico projeto, de uma casa dobrável toda têxtil apresentava uma complexidade e ao mesmo tempo uma simplicidade estética que tinha tudo a ver com o que eu buscava. Este conceito de urbanismo nômade, muito tinha a ver com o meu projeto, claro que na perspectiva das artes da cena e não da arquitetura. O desejo de explorar ao máximo e complexificar uma mesma matéria

prima estava nele. Ele une matemática, geometria, modelagem, textura, tecnologia e um efeito visual magnífico. Além de ser dobrável e transportável.

É claro que estamos falando de um projeto concebido por um arquiteto com um orçamento bastante superior ao meu. Mas ele serve de inspiração e indica caminhos possíveis para se construir estruturas seguras e funcionais a partir da matéria têxtil. Ele me remete também ao desenvolvimento visual a partir de uma mesma matéria-prima, como proposto por Damasceno, citado anteriormente.

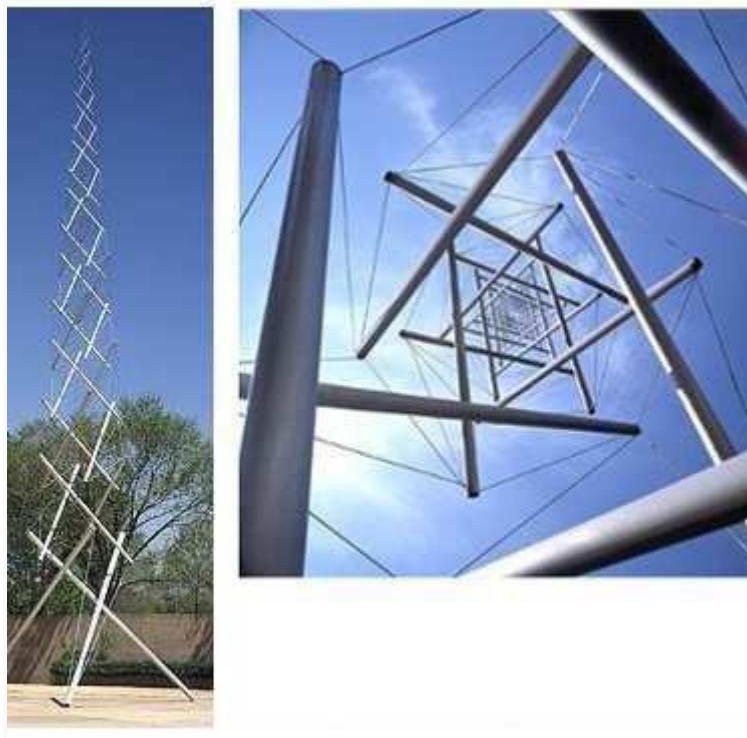
Esta linguagem possui uma complexidade de construção muito ligada a uma lógica de repetição que pode ser pensada a partir de técnicas manuais como o crochê, o tricô ou a tapeçaria. A repetição de movimento e efeito visual, constrói as estruturas.

Em conversa sobre esse tema e ainda procurando possibilidades, Paulo Denizot, amigo iluminador e que faz parte da equipe de criação de "Vestindo o Espaço" no FOCA, me mostrou alguns esquemas de estruturação a partir de materiais mais rígidos. Em nossa conversa, ele me perguntou sobre o fato de a estrutura ser 100% têxtil. Onde ela se apoiaria? Em estruturas da própria rua em que ela fosse montada? Ou como tendas? Ele problematizou minha escolha limitada a apenas soluções têxteis e entendi que, realmente, era uma barreira, já que nós queríamos usar refletores na estrutura e, além disso, desejávamos que os corpos-atuantes pudessem aplicar força em determinadas ações de interação com as estruturas têxteis.

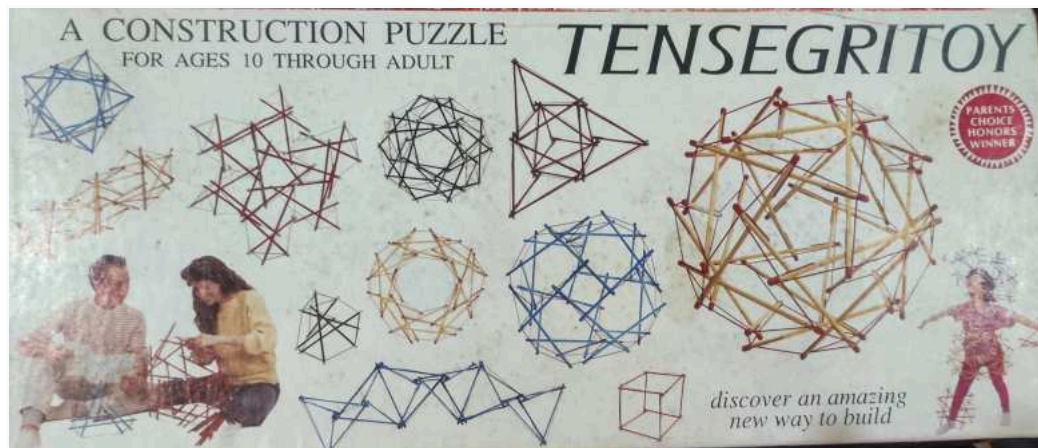
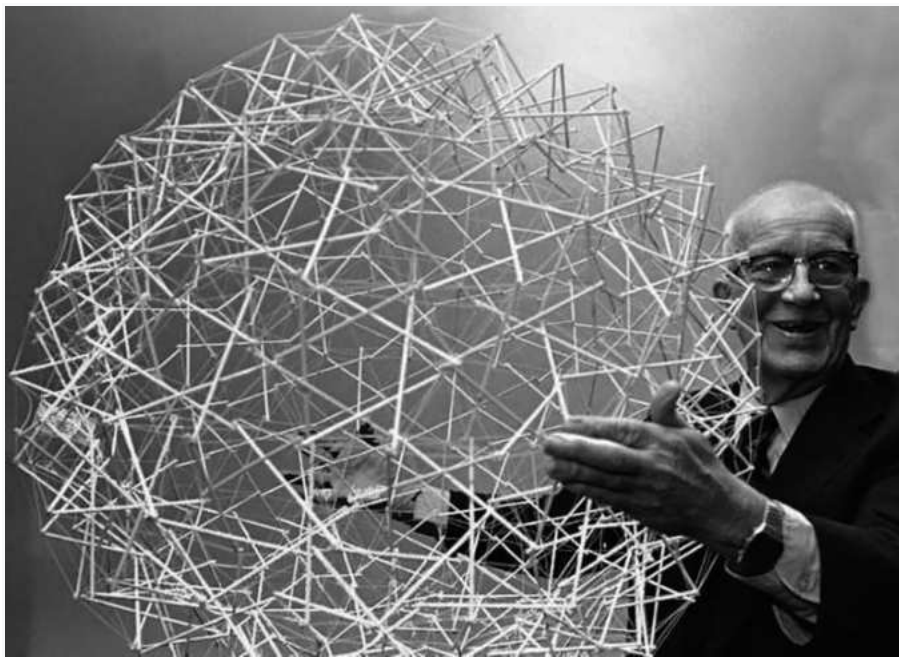
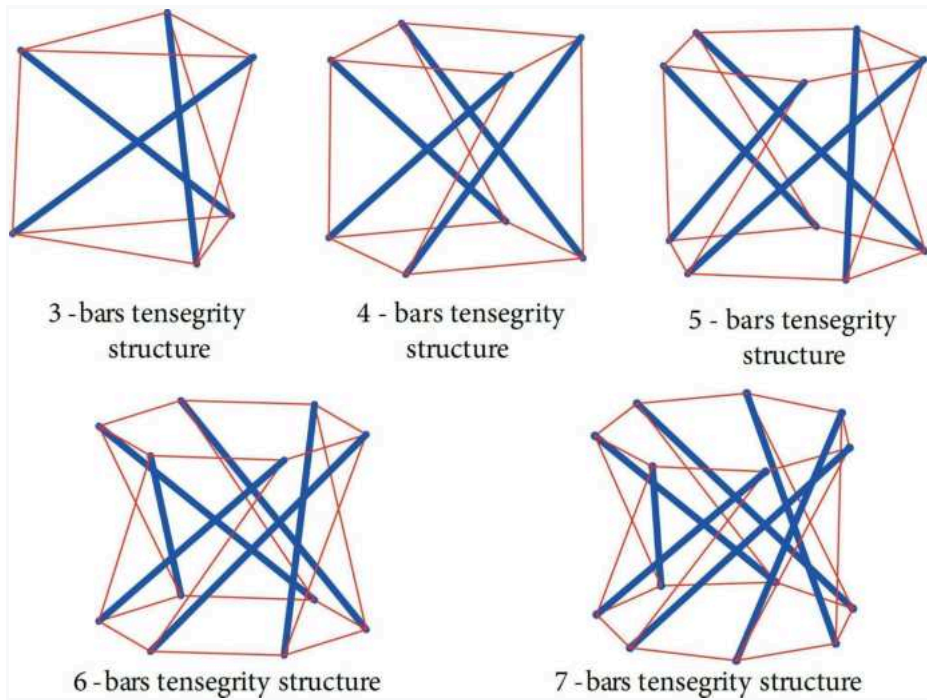
Entendi que seria mais simples e mais acessível na lógica de construção trabalhar com algum material estrutural rígido, como um metalon, uma estrutura de Q30, cabos de aço, ou alguma outra solução rígida que servisse de suporte para essas texturas.

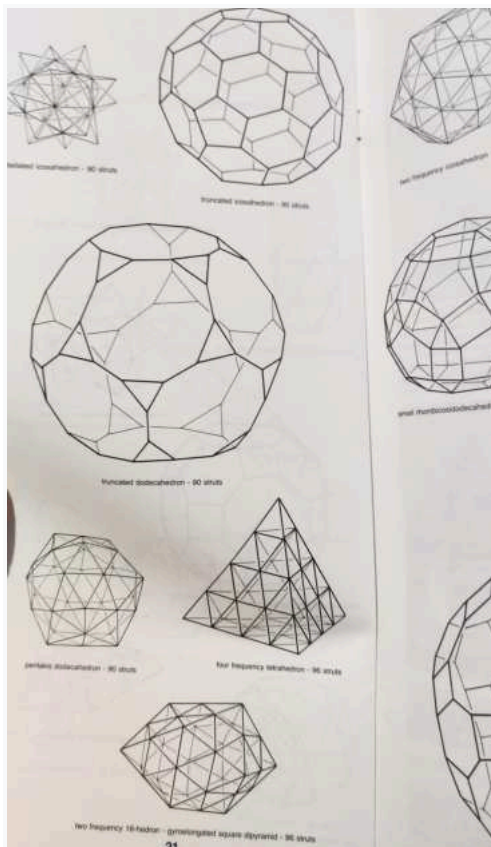
Denizot é um grande colecionador de brinquedos montáveis com estruturas variadas e, foi nessa conversa que ele me apresentou o "TenseGritoy", um quebra cabeça de construção formado por varetas de madeira e elástico. O quebra-cabeça se utiliza do método estrutural denominado *tensegrity*. Para entender melhor do que se trata:

O termo “tensegrity” é uma contração de “tensional integrity” e foi criado por Richard Buckminster Füller para descrever o “princípio estrutural em que a forma da estrutura é garantida pela interação entre uma rede contínua de cabos tracionados e um conjunto de elementos comprimidos”. A expressão de Füller surgiu em virtude da escultura de Snelson mostrada na Figura 2. Foi esta uma das obras que mais divulgou o princípio de funcionamento das assim chamadas estruturas tensegrity. (UM BREVE ESTUDO SOBRE AS ESTRUTURAS TENSEGRITY, Telmo Egmar Camilo Deifeld Ruy Marcelo de Oliveira Pauletti - https://www.researchgate.net/profile/Ruy-Pauletti/publication/242195354_UM_BREVE_ESTUDO_SOBRE_AS ESTRUTURAS TENSEGRITY/links/0c96052950cf47d9a8000000/UM-BREVE-ESTUDO-SOBRE-AS-ESTRUTURAS-TENSEGRITY.pdf)



Kenneth Snelson - escultura Needle Tower





Manual jogo Tensegritoy com exemplos de construção

Essa lógica estrutural era extremamente interessante e, assim como o projeto Weaving a Home, possuía alta complexidade aliado a uma simplicidade de material com a estrutura se dando a partir da repetição. Essa lógica de tensegridade poderia ser utilizada em escalas variadas e materiais diversos, desde que se unisse um material rígido com outro com maleabilidade e que pudesse ser tensionado.

Essa possibilidade me abriu um novo leque de caminhos e resultados, no entanto, era um caminho que eu possuía pouca intimidade e pensei sobre o como minha dedicação por fazer essa estrutura funcionar, poderia fazer eu perder o foco nas estruturas têxteis que eu gostaria de propor, linguagem essa em que possuía mais intimidade e poderia propor com mais complexidade dentro de materiais dominados por mim.

Essa lógica estrutural ficou, portanto, em observação. Precisaria ainda estudar as possibilidades que ela me daria, o custo e o tamanho do trabalho que teria para entender se era uma possível perspectiva de construção do meu

projeto. Mas, sem dúvida, se mostrava uma solução portátil e visualmente muito coerente com o que buscava.

Ainda na busca intensa por um suporte para construir a estrutura e as paredes têxteis que eu desejava e em conversa com a amiga cenógrafa Clarice Bueno, ela me sugeriu uma alternativa que sempre esteve ao meu lado, acessível e na qual eu possuía total intimidade: a bananobike.

A Bananobike é um triciclo que funciona como sistema de som do bloco “Minha Luz é de LED”, do qual eu faço parte. O projeto foi criado pela Banda Biltre para criar mobilidade sonora e fazer seus shows na rua. O triciclo caiu nas graças do carnaval carioca e passou a acompanhar diversos blocos. Hoje, a bananobike pertence ao meu coletivo e, portanto, tenho total acesso a ela. Pensar a minha estrutura a partir de uma estrutura que eu já possuía fazia todo sentido. Muito mais ao pensar que essa estrutura é sobre rodas, o que facilita ainda mais a ideia de mobilidade de um espaço cênico. Desta maneira, eu também criaria um projeto em cima de um projeto que já é meu, criando mais uma solução de mobilidade cultural que iria além da demanda sonora. A bananobike já é uma alternativa móvel de espetáculos, o que eu faria seria adicionar a ela recursos cênicos.

Assim como o nome “Ponto” que expliquei anteriormente que sempre esteve ao meu lado, entendo que meu suporte também sempre esteve e faz muito mais sentido conceber esse trabalho a partir das ferramentas utilizadas e concebidas por mim ao longo dos meus anos como fazedora de cultura na cidade.



Bananobike como festa volante, com caixas de som acopladas nela e bateria de caminhão - FESTU 2022 (foto: Willer José)



Bananobike como base do projeto "O.pOnto" - primeira testagem pública - dezembro 2022 (foto: Ana Wander Bastos)



Bananobike como suporte cenográfico e apoio para DJ em festa (foto: Victor Curi)

A bananobike foi adaptada a partir de uma bicicleta de carga e, em seu projeto original possui um suporte para quatro caixas de som no alto dela, lugar para armazenar bateria de caminhão e inversor, o que possibilita gerar a eletricidade necessária para ligar as caixas e o que mais for necessário, além de suporte para computador, mesa de som e régua com tomadas. Em seu desenho, muitos caminhos de mobilidade cultural já estão apontados, no entanto, seu foco sempre foi as festas de rua, shows e eventos ligados à música. O que eu precisava agora era fazer uma adaptação desse projeto a fim de transformá-lo em um espaço mais multiuso. Da maneira como a bananobike é desenhada, é permitido um baile em movimento, um cortejo. o.p0nto, por sua vez, não precisa andar enquanto montado, quando abordo a ideia de mobilidade, é muito mais no sentido de poder levá-lo a qualquer lugar e estacionar esse equipamento cultural em um rincão pouco explorado da cidade, transformar um quintal ou uma praça em possível espaço de cultura.

Precisava transformar o.p0nto em um palco de calçada, um lugar que fosse reconhecidamente um espaço cênico e que pudesse abrigar diferentes trabalhos. Para desenhar essa estrutura, parti primeiro das necessidades dela. Quais eram as minhas vontades para tornar o.p0nto multiuso com uma variedade de possibilidades e com a neutralidade necessária para que as pessoas se imaginassem trabalhando nele.

Foi pensando nessa neutralidade, que cheguei também ao nome o.p0nto. Escrevo o.p0nto com um zero e não ponto somente com a letra O, para também firmar esse lugar de início, um possível ponto zero para trabalhos e desenvolvimentos de linguagens. Esse nome cabe facilmente em muitos contextos e detém também essa neutralidade. Ele pode ser um ponto comercial, um ponto de encontro, um ponto de cultura, um ponto de partida, um ponto de estudos, um ponto de cruzamentos, ou apenas um ponto, disposto a encontrar outro ponto e se tornar uma linha em um futuro.

Em relação às necessidades técnicas desse espaço multiuso pensei em algumas coisas que gostaria: caixas de som, mesa de som que possibilitasse ligar um microfone, computador ou instrumentos, iluminação que permitisse focos de luz e colorir esse espaço cênico, um letreiro que pudesse identificar esse lugar, o.p0nto, seja ele onde e como estivesse, estruturas rígidas que funcionassem como suportes para paredes têxteis ou vara para pendurar necessidades cenográficas do trabalho a ser realizado ali e materiais disponíveis para serem utilizados como matéria-prima para ações. Tudo isso deveria ser leve e desmontável de modo a caber dentro da bicicleta e com isso, transportável sobre rodas para o local desejado. Além disso, gostaria que todos esses recursos técnicos fossem de fácil manipulação para que qualquer pessoa que se utilizasse do o.p0nto pudesse entender como manipular luz e som da maneira que desejasse. Foram essas as orientações que dei a Paulo Denizot e Arthur Ferreira, desenhistas de luz e de som do projeto, respectivamente. Para além dessas necessidades básicas que o espaço portátil demandava, sublinhei meu desejo de ver o som e a luz como propositores de ações, provocadores do espaço e, portanto, gostaria de ver a assinatura artística de cada um deles, mais do que solucionadores técnicos, gostaria de vê-los propondo ações no espaço.

Entendi ao longo do processo, que era muito mais rico e ganharia muito mais camadas de qualidade no trabalho se eu atuasse como uma fomentadora de vontades nos artistas em que eu convidava para estar comigo, muito mais do que desenhar algo para eles fazerem. Em um trabalho em que quero deixar exposto os recursos técnicos e as belezas de cada camada de recurso cênico, era importante também deixar exposto o brilho de cada profissional da ficha técnica do o.p0nto. Me colocar também com a neutralidade necessária para deixar quem estava comigo brilhar, entregar o seu melhor e convidar cada um a jogar sua potência criativa e assinatura pessoal no

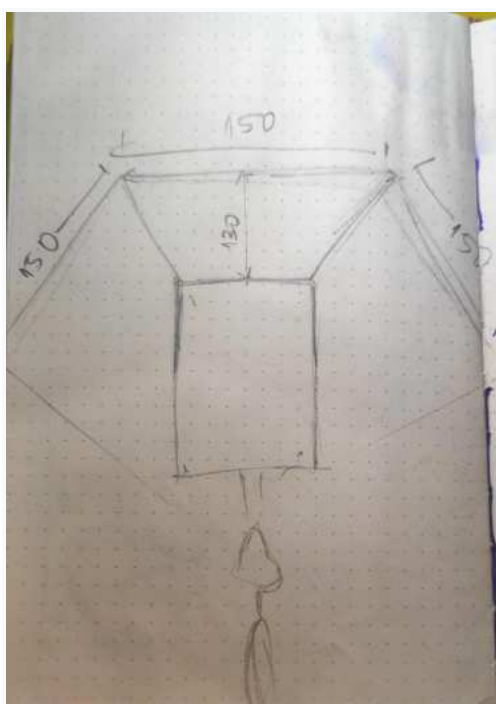
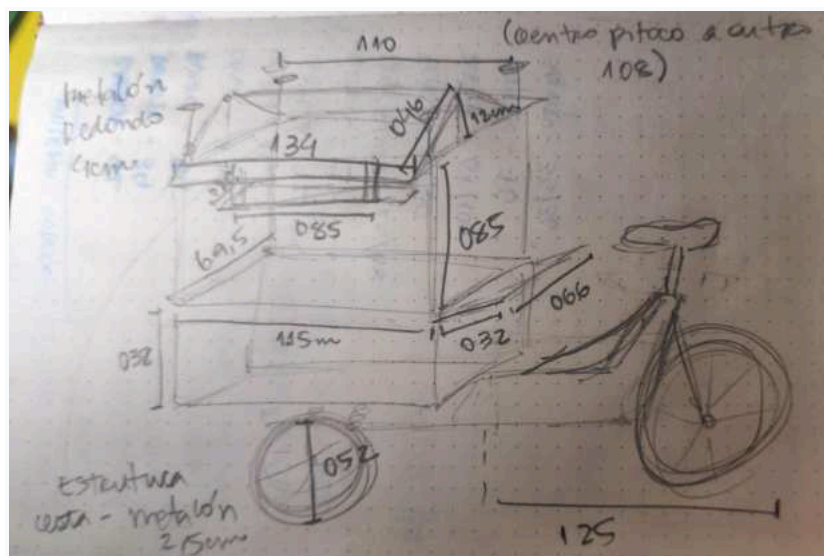
trabalho. Sem muitos julgamentos ou critérios de qualidade e muito mais com vontade de experimentar caminhos para aí, sim, entender como eles funcionariam.

Adotei essa mesma maneira de trabalhar com todos os profissionais que convidei para estar junto. o.p0nto é um projeto da Carla como idealizadora e facilitadora dos acontecimentos, mas ele como forma, é de cada profissional da cultura que passou com seus saberes por ali e construiu um pedaço desse lugar. É a construção de um espaço cultural pelos operários da cultura. A materialidade de cada um sendo colocada da maneira mais livre possível neste trabalho.

Foi dessa maneira também que fui desenhando o formato final do o.p0nto com o serralheiro Djavan Costa. Profissional experiente, que tem uma oficina na Fundação Progresso⁶, Djavan já trabalhou como técnico de palco de várias companhias de teatro importantes da cidade e junto com Maranhão, o outro serralheiro que trabalha na mesma oficina e quem ensinou o ofício para Djavan, são responsáveis por montar estruturas aéreas seguras para os principais circenses da cidade. Foi escutando a experiência desse artista do ferro e sendo auxiliada pelo olhar dele, que chegamos ao primeiro formato do o.p0nto. Meus pedidos a ele eram de que o.p0nto fosse uma extensão da Bananobike e, por isso, precisava que essas peças se encaixassem na bicicleta, além de caber nela quando desmontada. Além disso, desejava um meio hexágono, a fim de construir uma estrutura que poderia funcionar como proscênio, quando a ação acontecesse entre a bicicleta e essa estrutura, como fundo quando uma ação se desenrolasse a frente dela, como suporte das paredes têxteis que pretendia fazer ali e tudo com resistência em uma estrutura forte, já que gostaria de poder colocar coisas um pouco pesadas na estrutura e precisava que as pessoas tivessem uma certa segurança para se apoiar nela. Além disso, sinalizei que pensava em um espaço cênico para até três pessoas, que não precisava ser gigante, mas que o ideal seria que as pessoas se movimentassem na área cênica criada por nós com algum conforto.

Foi pensando em tudo isso, desenhando com giz no chão da Fundação Progresso e olhando para pedaços de metalon e encaixes possíveis, que eu e Djavan chegamos a um primeiro desenho.

⁶ A Fundação Progresso é uma antiga fábrica de fogões e cofres no bairro da Lapa, Centro do Rio, e que há mais de duas décadas se consolidou como um importante centro cultural da cidade, abrigando diversos coletivos artísticos, entre companhias de teatro, dança, circo, orquestras e outros, além de ser um importante espaço de shows da cidade.



Rascunhos projetos Bananobike e o.p0nto (Carla Ferraz)

Foi muito importante fazer a primeira apresentação do o.p0nto - que, na época, ainda nem possuía nome - em dezembro. Uma única apresentação em que a montagem seria a cena que ocorreria. Fazer da montagem cena e os profissionais do *backstage* os atores era meu objetivo naquele momento. Performar uma montagem e falar sobre estrutura cênica era a maneira de fazer a primeira testagem pública da minha ideia e demonstrar as possibilidades técnicas do espaço em desenvolvimento.

A estrutura, naquele momento, ainda estava em seu primeiro estágio. Por se tratar de uma apresentação durante o dia, foquei em testar a estrutura cenográfica, ainda sem luz e com uma caixa de som fazendo fundo musical para nos acompanhar, mas ainda de maneira simples, o foco naquele momento era entender os recursos cenográficos do o.p0nto e ele como suporte dessas estruturas.

E foi com esse primeiro formato levantado que, em 3 de dezembro, eu e a atriz Sara Hana performamos a montagem do o.p0nto, acompanhadas de Arthur Ferreira sonorizando a experiência e pensando também ao vivo nas maneiras que poderia se utilizar do som.



Arte apresentação 03/12 - (Carla Ferraz)





Fotos Ana Wander Bastos

Com a estrutura metálica montada, criou-se 3 suportes de 2m de altura x 1,5m de largura. Ele poderia ser usado de diversas maneiras e nessa primeira testagem pensei em três experimentações têxteis. A parede 1 seria coberta com um enorme crochet feito com elásticos, que possibilitaria colocar os braços e partes do corpo através dos espaços da trama. Na parede 2, fiz uma estrutura com pedaços costurados de malha circular, que criava buracos maiores e, com isso, permitia colocar o tronco todo e atravessar os lados da estrutura pelo tecido. Na terceira parede, uma trama também de elásticos seria construída ao vivo.



Parede 1 de crochet de elásticos (foto: Ana Wander Bastos)



Parede 2 de malha circular com a atriz Sara Hana se movendo sobre ela (foto: Ana Wander Bastos)



Parede 3 com trama de elástico sendo confeccionada ao vivo (foto: Ana Wander Bastos)



(foto: Ana Wander Bastos)



(foto: Ana Wander Bastos)



(foto: Ana Wander Bastos)



(foto: Ana Wander Bastos)

Nesse primeiro momento do trabalho, tudo que pensei como desenvolvimento dessa espacialidade, de portabilidade e praticidade de montagem funcionou. O formato me pareceu bom. O espaço cênico tinha um tamanho bom para ser notado em um espaço público, ao mesmo tempo em que se reduzia de maneira simples a uma bicicleta. Por estarmos associados ao Memorial Getúlio Vargas naquela apresentação, foi possível usar a energia do próprio centro cultural, o que nos economizou em peso, pois não houve necessidade de uma bateria de caminhão. De qualquer maneira, ela era um recurso previsto se necessário e cabia também no projeto espacial.

Senti, nessa primeira aparição, que tinha feito a construção até o ponto necessário para testá-la e corrigir o que precisasse (o que não seria preciso). Agora, estava tudo certo para partir para mais uma complexificação do projeto e pensar a camada luz. E assim o fiz, num trabalho de mesa, listando os desejos e as necessidades técnicas com Paulo Denizot. Após refletirmos sobre as possibilidades da iluminação, que foi solucionada em trilhos energizados para poder se colocar vários tipos de objetos luminosos o/ou eletrificados, pensei em mais algumas necessidades de construção por parte da serralheria, a fim de construir os suportes necessários para as varas de luz.

Agora era momento de olhar as imagens do que foi produzido e fazer novamente um trabalho de mesa para projetar a nova fase do projeto que aconteceria em abril e em breve seria batizado de “o.p0nto”.

5. PONTO A PONTO

Detalhamento técnico do projeto

ITENS QUE COMPÕEM O PROJETO ESTRUTURAL

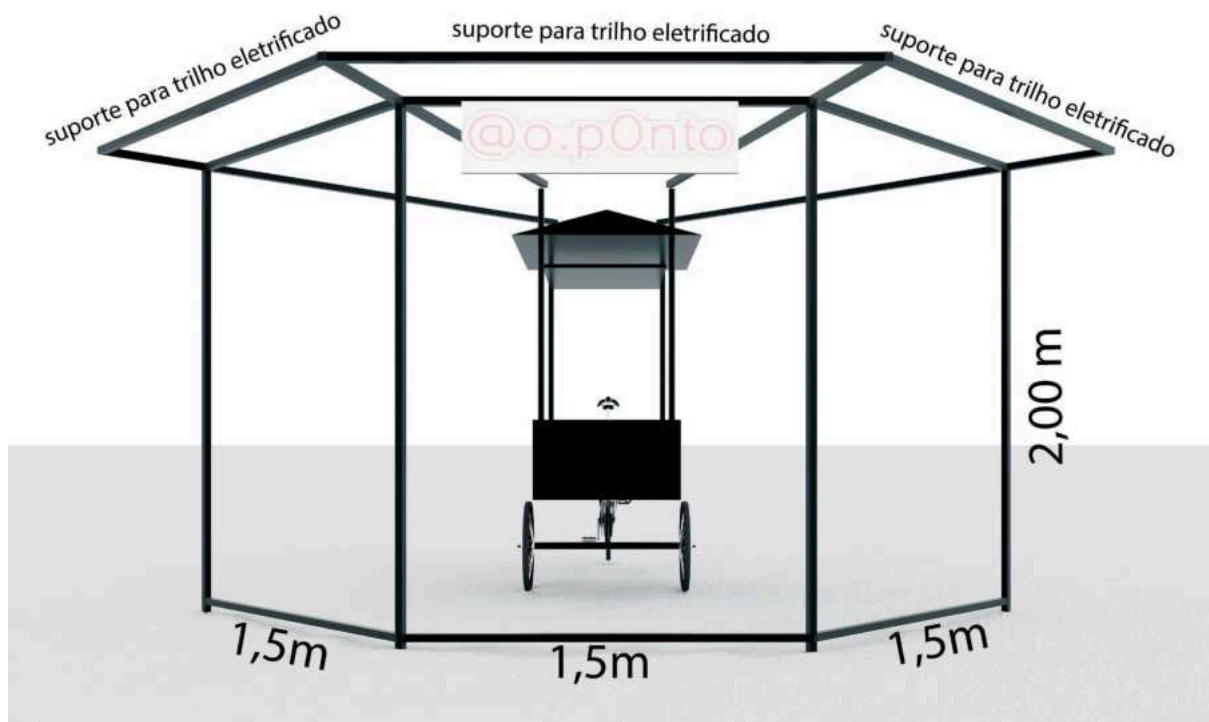
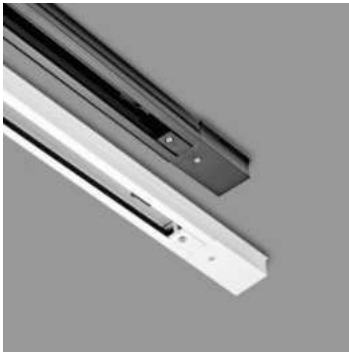
- Bicicleta de carga em projeto adaptado com telhado e suporte de caixa de som - Bananobike



- Peças em metalón quadrado 2x2



- 6 trilhos eletrificados com comprimento de 1,5m cada.



Cada face deste meio hexágono de 1,5mx2,00m funciona como suporte para paredes cenográficas, têxteis ou não, e como grandes bastidores, possibilitando trabalhos têxteis em grandes formatos.





(desenhos em 3D por Roberto Cruz Saavedra)

ITENS TÉCNICOS

- Mesa de som 4 canais



- Tripé para caixa de som



- Caixa de som ativa



- Mesa controladora de luz DMX

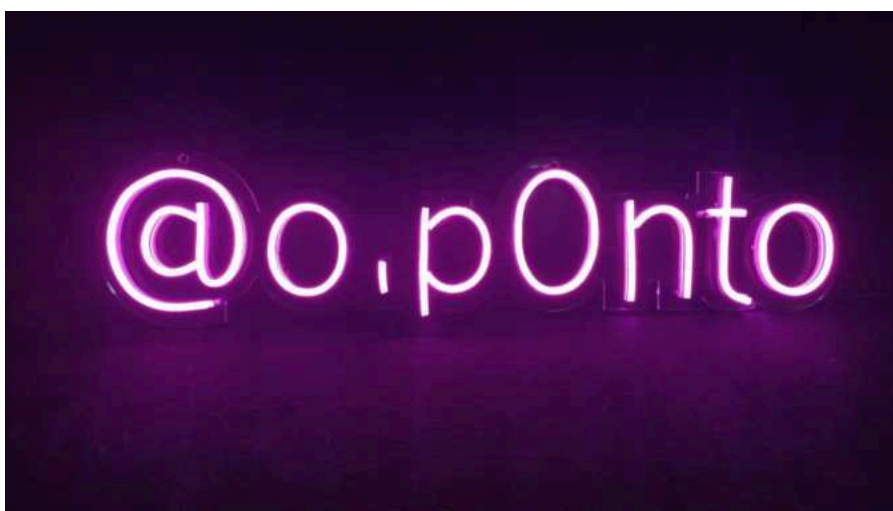


Essa mesa fica associada à operação de PAR LEDs, no caso do o.p0nto estar parado em um local com tempo de montagem e eletricidade disponível. Caso contrário, utiliza-se a versão compacta, com os trilhos energizados apenas. Nesse caso, a operação se dá individualmente em cada ponto de iluminação.

- 8 Spots de luz de 10W cor quente



- Letreiro luminoso feito em acrílico e neon flex.



ITENS TÊXTEIS DISPONÍVEIS

- Rolos de elástico branco 4cm de largura



- Crochet de grande formato feito de elástico branco



- Parede de zíperes

Importante dizer, que esses itens têxteis foram os pontos iniciais de proposta. Ao ser utilizado, o ponto ganhou novos itens cenográficos que foram sendo desenvolvidos utilizando ele como suporte. Nesse capítulo me atendo ao projeto inicial e os materiais propostos por mim, Paulo Denizot, Arthur Ferreira e Djavan Costa, os profissionais que participaram do projeto de criação e montagem.

Abaixo, coloco a planilha final de custos do projeto. Essa, no entanto, considera também os gastos que, posteriormente, aconteceram na exposição. Retirei essa planilha da prestação de contas do edital FOCA e, por isso, ela mescla os custos que ocorreram ao longo de todo o projeto.

EQUIPE DE CRIAÇÃO			
SERVIÇO	NOME	VALOR	
Iluminação	Paulo Denizot	R\$ 2.000,00	
Sonorização	Arthur Ferreira	R\$ 2.000,00	
Serralheria	Djavan Costa	R\$ 1.700,00	
Painel luminoso	Leandro Santos	R\$ 870,00	
Parede de crochet	Kika de Medina	R\$ 400,00	
Costureira	Nice Tramontin	R\$ 380,00	
			R\$ 7.350,00
COMPRAS DE MATERIAL			
ITEM	LOCAL	VALOR	
1 Ferramentas	Palacio das Ferramentas	R\$ 107,90	
2 Elásticos	Caçula	R\$ 168,92	
3 Ring Light	Linjian	R\$ 70,00	
4 Tecido	All Star	R\$ 55,80	
5 Tecido	All Star	R\$ 71,60	
6 Material Pintura	Caçula	R\$ 41,58	
7 Material Pintura	Palacio das Ferramentas	R\$ 174,50	
8 Spray e grampos	Caçula	R\$ 41,98	
9 Almofadas	Bazar O Amigão	R\$ 64,95	
10 Madeira tampo bicicleta	Rio Lima	R\$ 120,00	
11 Materiais diversos	Caçula	R\$ 832,28	
12 Ferramentas	Palacio das Ferramentas	R\$ 99,90	
13 Tecido	Z Bros Comercio	R\$ 92,90	
14 Meias	Imperial	R\$ 28,60	
15 Luvas	VJ Comercio	R\$ 23,98	
16 Material iluminação	AEB Santa izabel	R\$ 102,60	
17 Diversos	Jafi Decorações	R\$ 70,90	
18 Spots e trilhos de luz	Atacadão Bazar	R\$ 488,00	
19 Aviamentos	Caçula	R\$ 137,85	
20 Suporte caixas de som	021 comercio de som	R\$ 114,90	
21 Bomba pneu bicicleta	Rezende Bike	R\$ 38,00	
22 Filmes Instax	Tiali Fotografias	R\$ 199,62	
23 Tecidos	Irmãos Reis	R\$ 520,60	
24 Tecidos	Universaç 2010	R\$ 50,66	

25	Aviamentos	Conceição Couros	R\$ 60,00
26	Arame e outros	Palacio das Ferramentas	R\$ 150,50
27	Tinta e materiais	Palacio das Ferramentas	R\$ 101,80
28	Aviamentos, colas e diversos	Caçula	R\$ 127,51
29	Tecido	Irmãos Reis	R\$ 158,00
30	Diversos	Caçula	R\$ 150,94
			R\$ 4.466,77
		TOTAL GERAL	R\$ 11.816,77

É bom registrar que esse custo só se deu porque eu já possuía a bananobike. Essa bicicleta que, em outro momento, também teve um custo para existir. Não considero esse custo pois ele não fez parte do orçamento do o.p0nto. Mas, caso esse projeto seja replicado, será necessário considerar o custo de compra de uma bicicleta de carga e a sua adaptação com telhado e etc na serralheria.

Mas prefiro pensar que o.p0nto é uma ideia de mobilidade cultural, e pode ser adaptada ao item móvel que a pessoa interessada em replicá-lo tiver, não é necessário ele ser igual ao concebido no presente projeto.

6. o.p0nto de Encontro

A experiência das duas semanas em exposição no Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica de 8 a 22 de abril de 2023.

Pesquisas práticas constroem de fato seus significados no fazer. E foi somente nessa experiência de duas semanas ocupando uma galeria de arte no centro do Rio de Janeiro que pude entender as reais potencialidades do o.p0nto. E posso dizer, sem dúvida alguma, que elas foram muito mais ricas e intensas do que eu pude imaginar. Em 13 dias de atividades, 38 artistas convidados passaram com seus trabalhos pela instalação, mostrando suas diferentes linguagens e trazendo públicos totalmente variados. Por duas semanas vivi mais dentro do meu trabalho do que em minha própria casa e fiz um mergulho profundo de observação e vivência dos processos de trabalho de cada trabalhador da cultura que passou no o.p0nto.

Meu trabalho se tornou mais do que um equipamento cultural volante e autônomo, espaço cênico para receber diferentes trabalhos e todas essas conceituações que eu tenho criado ao longo desta dissertação. Meu trabalho se demonstrou uma vontade, uma provocação, um convite à produção. E foi muito interessante observar o como as pessoas se sentiram verdadeiramente convidadas e impelidas a produzirem algo no o.p0nto, para o.p0nto. Esse trabalho é a invenção de um espaço, a criação de uma pauta em um equipamento cultural que existe em qualquer lugar. Foi a confirmação de que as pessoas só precisam mesmo de um estímulo, um convite, e que o espaço cultural não são as paredes, mas os artistas e seus fazeres, qualquer lugar é um espaço de cultura quando ocupado por trabalhadores da cultura.

E foi assim, duas semanas de processos criativos, trabalhos muito variados, curadorias cruzadas, transmissões ao vivo e registros dos trabalhos de cada um que passou pelo o.p0nto.

Foram dias muito intensos e felizes, uma verdadeira catarse, um encontro potente com a minha trajetória como artista pelas mãos e olhares de outras pessoas. Nessas duas semanas, encontrei pessoas que fazem parte de diferentes épocas da minha vida, da escola ao mestrado, artistas que passaram pela minha história, somado a pessoas novas que chegaram através do próprio o.p0nto.

Nesse período fiz um diário contando um pouco do que se passou em cada dia dessa jornada expositiva. Diário escrito e imagético, pois foi um período riquíssimo em registros fotográficos e em vídeo dos processos de trabalho de todos que passaram pelo o.p0nto.

Todo esse registro está documentado também na conta de instagram criada para o projeto e que incluo o link abaixo



[instagram.com/o.p0nto](https://www.instagram.com/o.p0nto)

Durante este período entendi muitos potenciais e pontes que não havia antevisto no projeto.

Estar no espaço que leva o nome de Hélio Oiticica, espaço esse que é também dirigido pela família do artista, me trouxe um encontro fundamental com a obra de Hélio e o entendimento que estava à minha frente mas eu ainda não tinha percebido: a produção de Oiticica e seus objetivos enquanto artista, se encaixavam perfeitamente no o.p0nto, essa obra que é uma “parangobike”, segundo as palavras de César Oiticica Filho, e tem tudo a ver com o conceito de arte ambiental proposto por Hélio. A bibliografia que eu passei mas não dei tanta atenção durante a pesquisa, agora se mostrava essencial, quase óbvia e um fundamento no meu projeto de Mestrado. Foi após a exposição que resolvi fazer um mergulho mais profundo sobre os escritos de Hélio e me encontrei verdadeiramente com essa linguagem. Inicialmente achei que seria muito óbvio partir pelo caminho do artista como base bibliográfica, um grande engano, pois Hélio, além de não ser nada óbvio, é com certeza o artista que mais se aproxima do meu objetivo com essa pesquisa. A potência da prática se apresentou a mim como a única possibilidade de desenvolvimento desse trabalho, um caminho que poderia considerar o “inverso” do que seria o mais comum na academia, mas na verdade é apenas um caminho, a minha realização pautou a teorização e não o

contrário. o.p0nto é fruto da materialidade, da experiência humana, do encontro e da troca. Somente a partir dela, pude conceituar a minha vivência de maneira mais efetiva. Esse trabalho passa por aspectos físicos e sensoriais para além do intelectual. Foi preciso ele ser vivido em meu corpo para conseguir dissertar a respeito.

Além da questão bibliográfica um outro entendimento se apresentou para mim: além do o.p0nto como suporte, espaço capaz de receber as linguagens de outros, eu entendi que **eu** também era **suporte**, uma extensão do meu espaço. Por todo o período expositivo, estive como uma extensão do o.p0nto, servindo de suporte para todas as necessidades dos projetos que chegavam, além de estar totalmente dentro de cada acontecimento como fotógrafa, musicando, como jogadora, videomaker, às vezes como tudo isso ao mesmo tempo. Eu, nesse período, fui uma artista produtora, uma performer que não quer o destaque, mas ser apoio. E dessa maneira me coloquei totalmente a serviço e entregue aos trabalhos de outros artistas, fiz parte de cada um, mas como estrutura, apenas auxiliando nas costuras para o melhor desenvolvimento de cada linguagem.

Uma terceira visão e um potencial que não foi imaginado e apareceu nesse período é o que chamarei de “**curadoria hacker**”. Como o projeto foi pensado para a rua, estar numa galeria inicialmente era apenas um ponto de apoio para poder ter energia elétrica e ficar montado por muitos dias. Mas o que se desenrolou nesse período foi uma curadoria em paralelo. Enquanto o espaço cultural pauta o.p0nto como obra expositiva, a obra o.p0nto pauta diferentes artistas para estar nela e, dessa maneira, dezenas de pessoas que talvez nunca estariam com seus trabalhos em uma galeria de arte passam a estar. o.p0nto é uma obra capaz de hackear os museus e trazer para dentro dele, artistas iniciantes e com linguagens que nunca seriam consideradas em um espaço de artes visuais. Um novo potencial se anunciou no horizonte.

Para desenvolver melhor cada traço dessas idéias e contar um pouco da elaboração dessas percepções, criei um relato desse período falando um pouco da construção de cada artista que passou no o.p0nto nesses felizes dias de abril. O trabalho de cada pessoa que passou na estrutura o.p0nto, ali se firmou também como estrutura do meu trabalho/espaço/conceito.



Cartaz da exposição "o p0nto". A arte do cartaz possui como fundo o nome de todos os artistas participantes, dando uma caráter de festival onde todos tem um mesmo destaque em relação a tamanho de letras - arte: Carla Ferraz

PASSO O PONTO

Foi com esse slogan, conhecido por pontos comerciais que estão buscando novos donos que o arrendem, que algumas semanas antes da exposição que se avizinhava no Hélio Oiticica, a anunciei publicamente. Explicando o que era o o.p0nto, como funcionava sua estrutura e dizendo que eu estava em busca de artistas para colaborar com a minha pesquisa, emprestando seus trabalhos ao o.p0nto, que funcionaria como suporte para o desenvolvimento da linguagem de cada um. Foi a partir dessa chamada pública, que diversos criadores se sentiram instigados e chegaram até mim. Foi com essa chamada também que o espaço cultural que me receberia conseguiu entender melhor o que eu faria por lá e foi nesse momento, antes mesmo da exposição começar, que a equipe do espaço acolheu meu trabalho. A produtora, Carolina Kezen, me escreveu perguntando se podia também divulgar nas redes de lá o mesmo chamado de "Passo o Ponto", o que eu imediatamente disse que sim. E a partir desse giro de divulgação que criadores que eu não conhecia chegaram a mim.



carlaemcores PASSO O PONTO

Esse é @o.p0nto , instalação que estou construindo e que integra o meu projeto de mestrado "Vestindo o Espaço"

O p0nto pretende ser suporte para trabalhos de outros artistas.

Junto com @arthur.audio e @paulodenizot , estou desenvolvendo uma variedade de recursos técnicos que possam viabilizar projetos de diferentes linguagens na rua. O Ponto pretende ser um espaço cênico autônomo e volante. Criado a partir da @bananobike, triciclo soundsystem concebido pela @bandabiltre e que já fez muito evento pela cidade na última década, o Ponto é uma espécie de puxadinho cênico da bike, uma micro lona cultural para ser montada onde vc quiser.

Esse projeto ficará em exposição por 2 semanas no Centro de Artes Helio Oiticica e por isso lanço a campanha "PASSO O PONTO". Quer testar comigo essa traquitana? Apresentar seu show, performance, cena ou criar paredes cenográficas que funcionem também como suporte no trabalho de outras pessoas?

Te convido a colaborar comigo nessa expo que só fará sentido com a participação de outros artistas. Entender como posso desenvolver uma tecnologia cultural que tenha utilidade prática no projeto de diferentes realizadores é o meu maior objetivo.

A expo ficará em cartaz do dia 8 ao 22 de abril no @cma.heliooiticica , de segunda a sábado das 10hs as 18hs e abro essa agenda pra te convidar a participar.

Não tem cachê, mas me organizo para cobrir qualquer custo que o trabalho venha a ter e prometo excelentes registros e, quem sabe, um desenvolvimento coletivo dessa loucurinha.

Aproveita e segue tb a página, ela servirá como um diário desse projeto e ao fim de tudo farei um manual dessa construção para, quem sabe, inspirar e possibilitar que outras pessoas montem seus espaço cênicos portáteis.

Os registros deste post são da primeira apresentação pública desse projeto, em que eu, @saramesara e @arthur.audio fizemos uma montagem performativa para mostrar um pouco das possibilidades cênicas desse espaço.

As fotos foram feitas por @anawanderbastos e os vídeos por @dulcepenna .

Se tudo der certo esse trabalho terá uma ficha técnica interminável, sempre em construção.

Veeem!

(Registro do post convite "PASSO O PONTO")

O convite a criar suscita diversas reações de quem o recebe, e a partir do chamado "PASSO O PONTO", que também pela sua linguagem cotidiana deu simplicidade ao convite, muitas pessoas se sentiram convidadas e imbuídas em

produzir algo no o.p0nto. Ficou claro para mim que a criação estava latente dentro do corpo e das vontades dessas pessoas, que só precisavam de um estímulo. Ampliar uma obra de arte para uma coletivização da criação potencializa muito o impulso criador e funciona quase como uma engrenagem inesgotável de possibilidades. Além disso, penso que a linguagem coloquial que escolhi para esse convite, fez com que as pessoas entendessem que o espaço era para se experimentar, sem julgamentos estéticos ou qualitativos sobre os resultados.

E é com essa percepção que chego ao meu primeiro encontro com os escritos de Hélio Oiticica e suas proposições com o Parangolé e o conceito de Anti-arte.

“POSIÇÃO E PROGRAMA

Anti-arte - compreensão e razão de ser do artista não mais como criador para a contemplação mas como um motivador para a criação - a criação como tal se completa pela participação dinâmica do ‘espectador’, agora considerado ‘participador’. Anti-arte seria uma completação da necessidade coletiva de uma atividade criadora latente, que seria motivada de um determinado modo pelo artista: ficam portanto invalidadas as posições metafísica, intelectualista, e esteticista - não há a proposição de um ‘elevar o espectador a um nível de criação’, a uma meta-realidade, ou de impor-lhe uma ‘idéia’ ou ‘padrão estético’ correspondentes aqueles conceitos de arte, mas de dar-lhe uma simples oportunidade de participação para que ele ‘ache’ aí algo que queira realizar - é pois uma ‘realização criativa’ o que propõe o artista, realização esta isenta de premissas morais, intelectuais ou estéticas - a anti-arte está isenta disto - é uma simples posição do homem nele mesmo e nas suas possibilidades criativas vitais.”(01/07/1966 - Texto de H.O. sobre sua obra, acervo “Programa Helio Oiticica”)

Esse texto de Oiticica falando sobre os princípios éticos e de criação do seu Programa Ambiental casou-se perfeitamente com a experiência que propus com a plataforma criadora o.p0nto. Ao construir um espaço pensado para ser suporte e me colocar também como tal, faço o mesmo exercício de Oiticica ao posicionar-me como agente propulsora da criação de outras pessoas. A diferença do meu chamado para o dele, é que convido artistas a desenvolverem seus trabalhos no meu, isso também constrói um exercício de se assumir como artista. O espectador, no caso do o.p0nto, também é um participador, mas de uma outra maneira. Na experiência o.p0nto ele se coloca como um espectador ativo, que circula e observa trabalhos e processos de criação. Ao participar também, o espectador pode se tornar também artista daquela

obra naquele momento, mas isto não é uma premissa do trabalho. Mas assim como Hélio, o.p0nto não carrega julgamentos estéticos, conceituais ou intelectuais, ele é uma plataforma de criação e ser suporte é dar conforto e liberdade para quem o utiliza. Ao não julgar resultados e criar uma atmosfera de liberdade de criação, ganha-se uma amplitude de linguagens e resultados e foi assim que se deu a experiência dessas duas semanas que se seguiram na exposição.

Importante dizer que cito Hélio aqui em um texto que encontrei após meses do fim da exposição. A obra de Hélio chegou a mim sensorialmente primeiro e, depois disso, mergulhei em seus escritos com mais afinco e entendi que eles sempre estiveram comigo intuitivamente.

Rio de Janeiro, 8 de abril de 2023

Dia 1 - A Montagem - por Carla Ferraz e Paulo Denizot



Arte gráfica por Carla Ferraz sobre a foto de Ana Wander Bastos

Por se tratar de uma exposição de um equipamento cultural, a montagem foi a primeira atração da exposição, aberta ao público, com transmissão ao vivo e espaço de contemplação para quem quisesse chegar e observar cabos sendo desenrolados, barras de metal sendo encaixadas, caixas de som, refletores e estruturas sendo organizadas. O que chamei publicamente de “momento fundamental na vida de todo espaço cênico”. Pensar a montagem de maneira a todos verem, como já havia feito anteriormente na primeira aparição do o.p0nto, antes dele assim ser chamado, é uma maneira de trazer ao foco da cena o trabalho dos técnicos e profissionais da cultura que trabalham nos bastidores e também colocá-los como artistas criadores. Em um

trabalho em que penso outras lógicas de construção dramaturgica e dar protagonismo ao espaço, é fundamental pensar todos os trabalhadores da técnica como personagens fundamentais da cena. Por todos esses motivos, fiz questão de chamar o.p0nto inicialmente de espaço cênico portátil. Colocar a palavra e o conceito de espaço cênico em uma instalação artística, constrói a ideia de que tudo que ali acontece é cena. Talvez estudiosos das artes visuais ou da performance não concordem comigo de que estão em um espaço cênico. Mas eu como artista cênica, cenógrafa e figurinista construtora dessa traquitana o.p0nto, quis nomeá-lo como espaço cênico para transformar tudo que ali ocorreria em cena.

Eu e Paulo Denizot, que assina o projeto de luz do o.p0nto, fomos responsáveis pelas primeiras e últimas movimentações da temporada.

Esse dia de abertura começou na Fundação Progresso, na oficina do serralheiro Djavan Costa, que construiu toda a estrutura do o.p0nto e pensou o projeto junto a mim. Busquei a bananobike na oficina e fui pedalando-a até o Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica, sob o olhar e registros de Denizot que me acompanhou. Enquanto eu pedalava, Paulo me seguia de carro e filmava tudo. Ao pedalar o.p0nto até a galeria eu ativava as primeiras engrenagens deste trabalho. Considero esse percurso o início da minha montagem.

O fato de trazer a montagem como elemento fundamental da exposição, trouxe também uma outra relação com o trabalho. O entendimento de que ele poderia ser um espaço sempre em processo de construção, nunca um ponto final, mas sempre um ponto em desenvolvimento. Isso me deu uma tranquilidade de não precisar estar com as coisas prontas, eu deveria era saborear os caminhos e estar aberta a toda sugestão que o espaço e as pessoas que o habitassem pudessem me dar. E assim aconteceu. Comecei a expo no dia 8 de abril com vontade de fazer furos, colocar textos na parede e diversas coisas que nunca aconteceram, talvez aconteçam em outra oportunidade, mas nunca houve a sensação de frustração ou sentimento de algo mal-acabado. o.p0nto é a degustação do processo, e a montagem foi uma ação contínua por todo o período expositivo. Todo dia foi dia de montar e desmontar coisas e pensar o espaço de maneira diferente.

Agora, ao discorrer sobre esse assunto, prefiro denominar esse dia como o dia de “armar o ponto”, o dia em que ele deixou de ser uma bicicleta apenas para se tornar o.p0nto com suas varas de luz, caixa de som e suportes cenográficos, estrutura para proporcionar todas as montagens de trabalhos que chegariam até ele.

Nesse dia, além de mim e Paulo, recebi diversas pessoas curiosas por ver a estrutura que ali seria montada. Colegas de mestrado que até então só conhecia pelas telas do computador, artistas que viriam se apresentar posteriormente e um público passante ali do centro cultural que, entre uma ação e outra de montagem, eu parava para dar as boas-vindas e explicar o que ali se sucederia nas próximas semanas. Explicando também que a agenda estaria sempre aberta para receber as pessoas que quisessem participar.

Como já é bem comum em muitas montagens, esse dia 8 de abril não foi suficiente para finalizar o ponto, faltou fazer a elétrica dos trilhos de iluminação entre outros ajustes, o dia 2 de exposição seria, portanto, a continuação desse importante acontecimento na vida de um espaço cênico.



TRANSMISSÃO AO VIVO DIA 1:

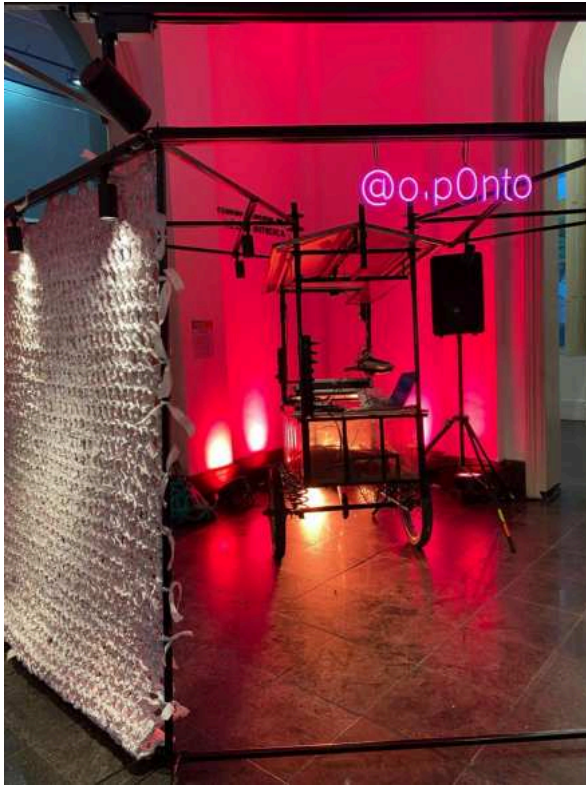
Rio de Janeiro, 10 de abril de 2023.

Dia 2 - Paulo Denizot acende tudo + DJ Carla Ferraz e Sons que dão na Telha

Foi assim que chamei o segundo dia na programação oficial do o.p0nto, e foi já com som ligado, colocando uma playlist brasileira, animada e solar, que finalizamos a montagem e recebemos amigos, família, brindamos e inauguramos o letreiro luminoso escrito @o.p0nto, que pôde ser ligado na tomada e se tornou uma marca importante da instalação.

Nesse dia pude já entender a alegria que música e movimento iriam causar nos funcionários do Centro de Artes, que aos poucos foram se envolvendo no trabalho, pedindo música, abrindo sorrisos, cantando e chorando junto nessa catarse que foi se tornando o.p0nto ao longo dos dias que se sucederam.

O dia 2 foi o dia em que ganhamos a luz e, com isso, cores. Se no dia 1 organizamos e dispusemos a estrutura pelo espaço, neste segundo dia conseguimos ligar tudo e construímos uma camada estética a mais. E cada camada técnica e estética que íamos construindo estava sendo transmitida ao vivo pelo instagram e ficou disponível para todos que quisessem acompanhar o processo de nascimento do o.p0nto, de bicicleta a espaço cênico.



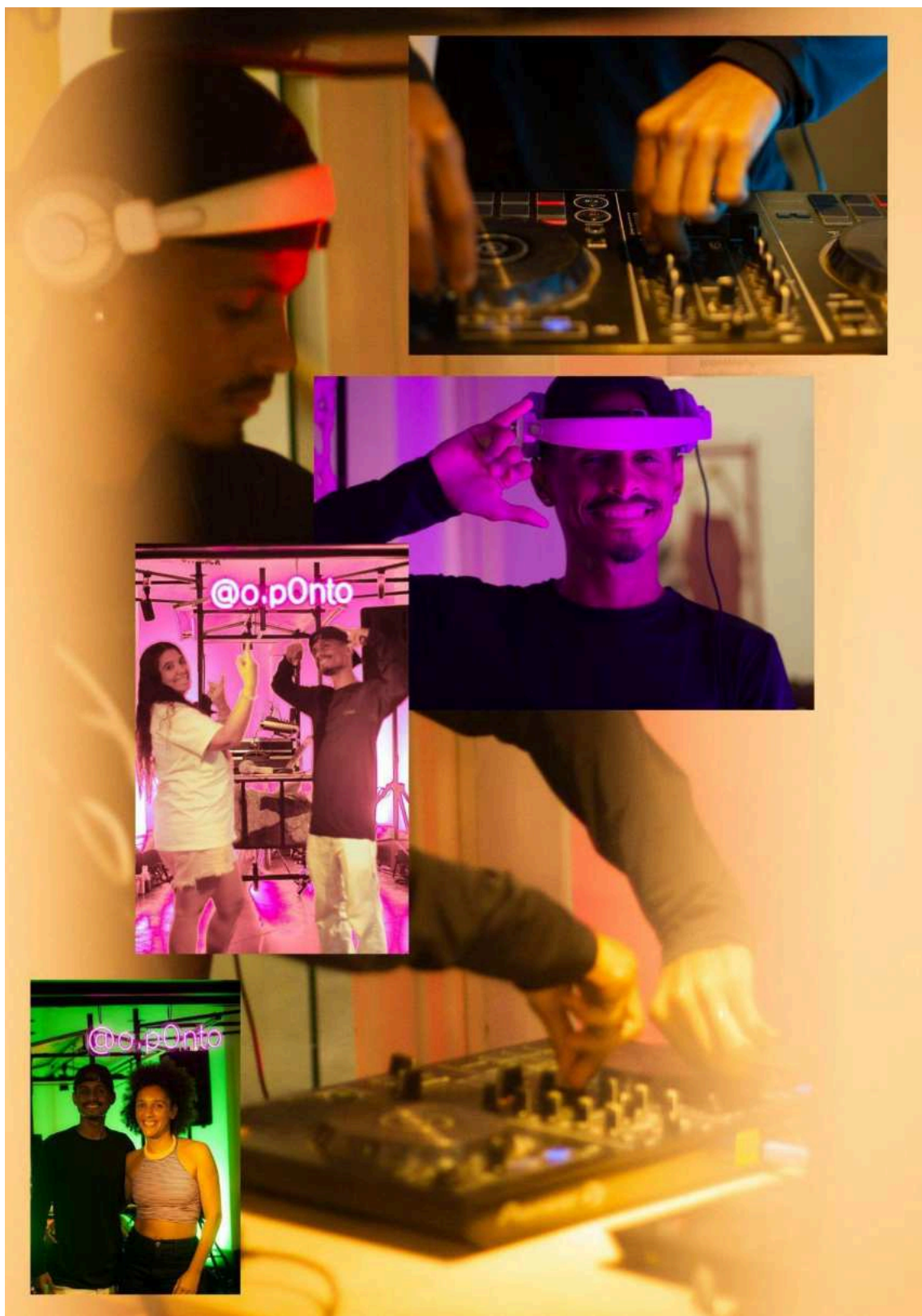
(Fotos dia 2 - Paulo Denizot)

TRANSMISSÃO AO VIVO:



Dia 3 - DJ Kombat - dj set de Eric Rangel

Rio de Janeiro, 11 de abril de 2023



(fotos: Carla Ferraz)

Eric Rangel, que atende pelo nome artístico de DJ Kombat, é um jovem DJ que conheci bem mais novo, quando ainda era menor de idade, cheio de sonhos e vontades de produzir trabalhos na cena musical noturna carioca. Nascido em Goiânia, neto de uma camelô amiga minha, o conheci buscando caminhos para poder trabalhar com o que queria. Convidei Eric para atuar na produção da minha festa “Minha Luz é de LED” e, posteriormente, convidamos ele como DJ para se apresentar. Ele cresceu, se desenvolveu muito profissionalmente e hoje já acumula uma experiência interessante na pista de dança, além de ser um excelente DJ.

Ao divulgar a exposição e o projeto do o.p0nto, ele foi uma das primeiras pessoas a se prontificar a participar, o que muito me alegrou e emocionou. Era o início de uma série de encontros com artistas que marcaram minha trajetória ao longo de toda a vida. Ao mesmo tempo que recebia no o.p0nto as pessoas que tinha admiração pelo trabalho, uma roda de afetos ali se instaurou também, criando um clima familiar e descontraído em torno de um trabalho artístico numa galeria de arte.

Esse primeiro dia de apresentações foi interessante. Não houve circulação de muitas pessoas na galeria, e enquanto Eric tocava, uma outra exposição estava sendo montada ao lado, o que nos fez ter que conviver, entre uma música e outra, com barulhos de marteladas e furadeira. Um pouco caótico sim, mas um clima de alegria e amigável em torno do trabalho de todos ali presentes. Eu e o.p0nto, Eric e sua música e Sérgio Nascimento, artista da exposição da galeria ao lado que trazia belos estandartes religiosos, que passaram a compor também a paisagem daquele espaço e, portanto, coabitar com o.p0nto nos dias que se seguiram.

Nesse dia, uma amiga de Eric esteve com ele o tempo inteiro, participou, dançou, recebeu algumas dicas e ensinamentos sobre como tocar e usar o equipamento de DJ, posou para fotos e, o melhor de tudo, virou frequentadora do o.p0nto. A jovem Pink passou a frequentar a galeria em outros dias e participou, posteriormente, de outras atividades.

Nesse primeiro dia, dois potenciais do trabalho começaram a se mostrar, potenciais estes que notei com o desenrolar da temporada, mas que escrevo aqui pois já parece claro o que se avizinha.

A ideia de “curadoria hacker” se mostra aqui claramente. Eric Rangel, jovem DJ, frequentador da cena noturna carioca e que tem uma pesquisa principalmente ligada ao funk, não tem, a princípio, nenhuma ligação com espaços de artes visuais, mas se

sentiu imediatamente convidado a estar no o.p0nto. Isso demonstra a capacidade do trabalho de atrair artistas para espaços de arte e olharem para seus processos de trabalho com a atenção e apreciação que o mundo das artes visuais proporciona e, além disso, mostra o como o.p0nto tem o potencial de pautar trabalhos que até então não estariam nesses espaços, para estarem neles. Trabalhos que não possuem o status de trabalhos artísticos ou que não são desenvolvidos para serem contemplados no espaço de uma galeria.

A “curadoria hacker” do o.p0nto é capaz de trazer o status de obra de arte para certos trabalhos que não o possuem a princípio. O que faz um trabalho ganhar esse status? Estar numa galeria e poder comunicar que já esteve em exposição com o seu trabalho faz com o que o seu processo de criação ganhe um selo de trabalho artístico. Um DJ, muito provavelmente, não seria pautado em um centro cultural dentro de uma galeria. Mas o.p0nto pauta esse trabalho e o insere nesse contexto. Isso abre espaço para caminhos muito variados de criação e de transposição do espaço cultural.

Ao mesmo tempo que o.p0nto tem a potencialidade de levar ao museu trabalhos que não estariam nele inicialmente, ele também consegue levar trabalhos do museu para a rua. O conceito “Museu é o Mundo” de Helio Oiticica, fica vivíssimo dentro da possibilidade dessa curadoria hacker e é capaz de bagunçar os lugares possíveis de recepção e apreciação de obras de arte. Além disso, por se tratar de um espaço cultural portátil, posso perfeitamente construir esse “museu de bolso” e levar trabalhos nessa galeria de arte móvel para onde quiser.

Para além do conceito de curadoria hacker que nesse momento me foi apresentado, o.p0nto também se mostrou um formador de plateia. Ao ser um multiplicador de trabalhos, ele também é um multiplicador de público. O visitante chega ao o.p0nto para prestigiar um trabalho específico e, ao conhecer a estrutura e a programação diversa, volta para experienciar outros dias e outros processos de trabalho. Está dada mais uma potencialidade de formação cultural.

A cada competência que o.p0nto demonstra, fica mais clara a qualidade política deste trabalho. Ao experienciar o.p0nto dia a dia, fui entendendo que ele é a política de capilarização cultural que eu acredito e gostaria de ver acontecer.

Como são muitas as possibilidades apresentadas por esse trabalho ao se desenrolar, vou passar a enumerar ao fim de cada dia deste diário os pontos potenciais do o.p0nto, quando assim surgirem novos. E ao fim deste capítulo, coloco a lista final deles.

Pontos em Potencial do 0.p0nto

1. Curadoria Hacker
2. Propulsor criativo, ao fazer pessoas se sentirem convidadas a estar nele
3. Formador de platéia
4. Museu de bolso

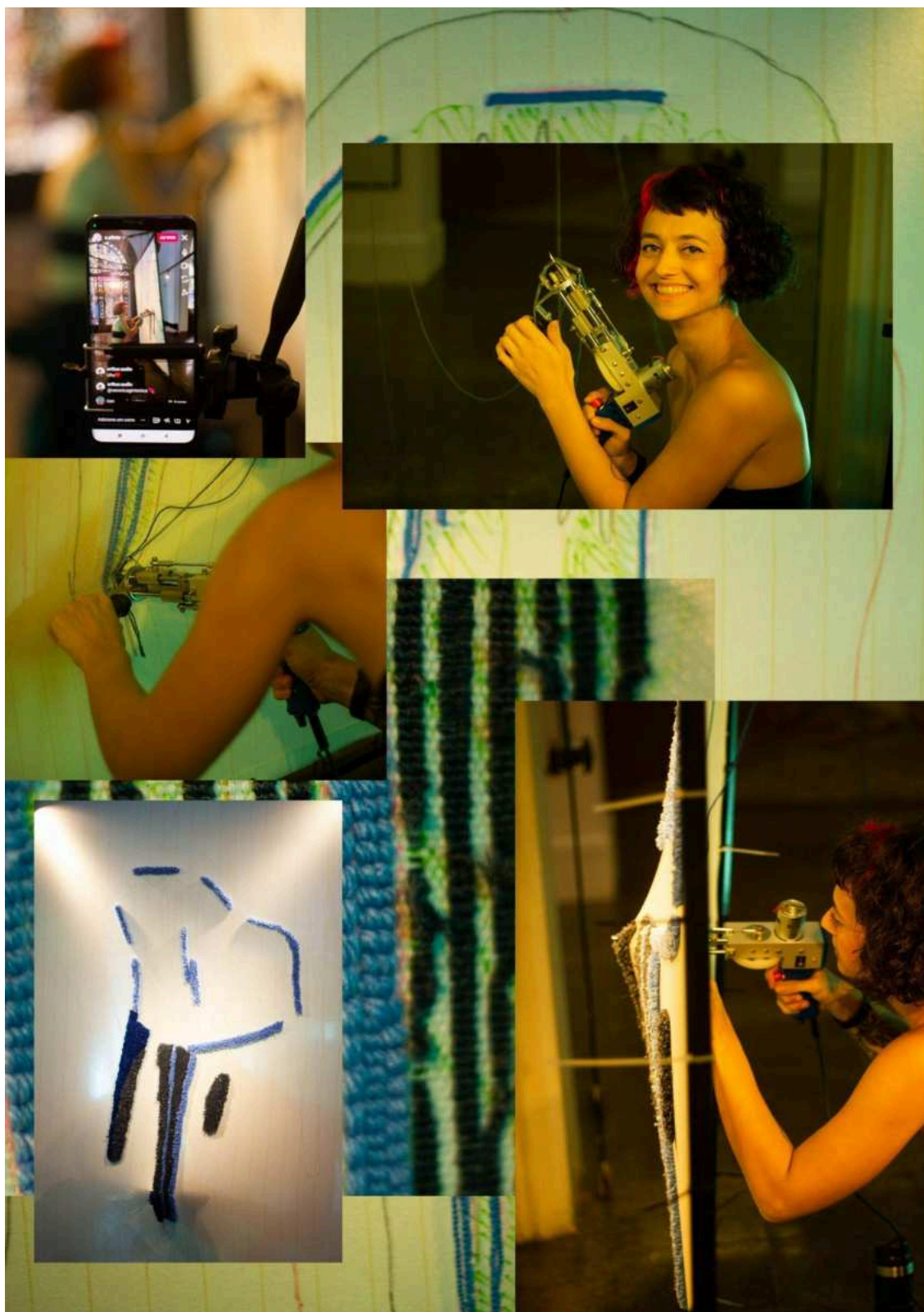


Foto Carla Ferraz



TRANSMISSÃO AO VIVO

Dia 4 - Tapeçaria ao vivo + DJ Carla em Cores - por Verônica Bechara e Carla Ferraz



(fotos: Carla Ferraz)

O dia em que recebi Verônica Bechara no o.p0nto foi especial.

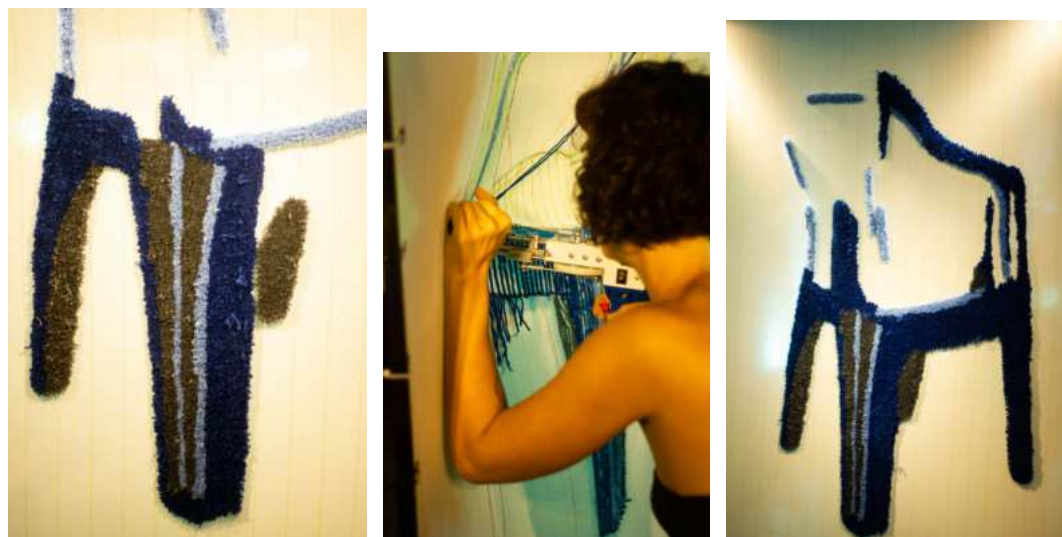
Verônica é designer e trabalha profissionalmente como desenvolvedora de estampas. Ela também é desenhista, gravurista e tapeceira. Este último ofício sempre me encantou imensamente. A artista usa uma técnica ainda pouco utilizada no Brasil que é *tufting*, ou “tufagem” na tradução. Neste método, o tapete é construído com uma pistola que possui o mesmo nome da técnica. Essa pistola, proporciona uma agilidade muito grande no trabalho da tapeçaria, possibilitando construir tapetes de maneira mais ágil e, portanto, possibilitando que essa construção seja assistida ao longo de um dia.

Eu sempre fui uma grande apreciadora de trabalhos têxteis e do processo de construção de cada um, e, no dia em que convidei Verônica Bechara a estar no o.p0nto, inaugurou-se ali uma outra grande potencialidade desse espaço cultural móvel. o.p0nto, com suas três paredes vazadas que, a princípio, eu pensei para serem suportes cenográficos, também funcionaria como bastidor para trabalhos manuais de grandes formatos. Foi no o.p0nto que a tapeceira Verônica teve oportunidade de fazer o tapete no maior formato que já fizera. As paredes/bastidor com 2 metros de altura por 1,5 metros de largura, possibilitaram uma dimensão cenográfica para o desenvolvimento de trabalhos manuais. Digo aqui cenográfico, para firmar a minha intenção do o.p0nto como espaço cênico. A cenografia e a feitura dela aqui, se tornam também cena e, posteriormente, o trabalho desenvolvido por essa artista têxtil, será utilizado por outros artistas como cenário de seus trabalhos. Um acúmulo de processos começava a se apresentar no o.p0nto. Enquanto o dj Kombat, no dia anterior, apresentou-se com música e, portanto, de maneira efêmera, encerrando a sua presença assim que finalizou sua performance, Verônica deixaria o.p0nto impregnado com a sua estética até o fim daquela exposição. Fotos e vídeos que seriam clicados nos dias que se seguiram teriam sempre o trabalho da tapeceira ao fundo.

Transmitido ao vivo, assim como todos os outros dias, esse foi um dos dias que mais causaram interesse nas pessoas que entravam para assistir o que acontecia na traquitana o.p0nto naquela tarde. Por ser um processo de trabalho tão pouco visto, os espectadores (presenciais e virtuais) ficaram inebriados com aquele tapete em grande formato se desenvolvendo. Com isso, mais uma nova potencialidade se apresentava para mim. o.p0nto se mostrava também como uma excelente plataforma de divulgação e promoção de trabalhos manuais, na maioria das vezes concebidos em âmbitos domésticos, agora era feito em forma de cena, apresentação pública e colocado como possibilidade de apreciação popular.

Por semanas, o tapete e a pistola que o fazia, foram comentados comigo por diversas pessoas que assistiram à feitura da cadeira tapete.

Sim, a imagem escolhida pela artista, era uma cadeira de plástico, marca registrada de botecos cariocas. Curiosamente, era esse tapete a única cadeira que a galeria tinha.



Etapas do processo de confecção (fotos: Carla Ferraz)

A presença da Verônica no o.p0nto, movimentou em mim uma potencialidade nova gerada por aquela experiência. Aquela traquitana espaço cultural elaborada para as pessoas poderem desenvolver suas pesquisas artísticas, era também o lugar ideal para eu fazer uma das coisas que mais amava fazer: apreciar o trabalho de outras pessoas. Entendi ali que o.p0nto era a materialização dos meus maiores sonhos, me

transportei à Bienal de Arte Têxtil, que estive em 2017⁷ no Uruguai para conhecer trabalhos de artistas têxteis de todo o mundo e sempre lamentei por não ter um espaço como aquele no Brasil. O ponto era a possibilidade de difundir o trabalho de arte têxtil brasileiro e de registrar esses processos que sempre apreciei tanto. Esse foi um dia potente em imagens produzidas também. Por ser um tema que tanto me move e me enche os olhos, pude passar o dia me envolvendo entre as linhas e o olhar de Verônica registrando todos os movimentos e manualidades que a produção daquela peça proporcionava. Esse foi um dia que me desdobrei em muitas com muita alegria e fui me entendendo como suporte diante da minha obra. Eu fotografei, filmei, fiz transmissão ao vivo, recebi diversas pessoas, enquanto tocava músicas, sonorizando a experiência estética que ali se produzia. Ao mesmo tempo, buscava deixar Verônica à vontade, a recebendo da melhor maneira possível para ela se deliciar em seu processo artístico. Era uma sobreposição de processos que estava sendo vivenciada ali.

Enquanto eu observava a tapeceira em seu processo de trabalho, eu vivia o processo de entender-me como multiplataforma naquela experiência e entendendo, simultaneamente, a estrutura do ponto como esse suporte também.

Aqui nesse texto ainda coloco eu e o ponto como agentes separados. Mas já adianto, que escrevo isso entendendo que na conclusão dessa dissertação, certamente falarei que eu sou o ponto, não existe essa desassociação, mas como esse diário segue linearmente minhas percepções ao longo da temporada no Hélio Oiticica, prefiro ainda me separar da traquitana, espaço cênico, equipamento cultural portátil, plataforma multiplicadora de talentos do ponto.

Um dia de intensa produção estética acabara de acontecer, mas aquelas horas não foram suficientes para concluir o trabalho da cadeira. Apesar de entender que o ponto é muito mais sobre o processo do fazer e não me importar se a cadeira chegou ao fim ou não, a Verônica decidiu que faria mais uma sessão de produção no ponto, em outro dia, para finalizar a cadeira. Estava decidido que teríamos mais uma bela tarde tapeceira em outro momento.

Me ative aqui nas linhas acima ao processo de trabalho da tapeçaria, mas é importante dizer que em todos os dias que até então aconteceram, um elemento guiou todos: a música. Exceto o dia que recebi DJ Kombat, eu fiz a sonorização de toda a experiência que ali se desenrolava. Como DJ acredito que a música é condutora de

⁷ “WTA - World Textile Art” é uma Bienal de Arte Contemporânea Têxtil que reúne artistas do mundo todo. Cada edição acontece em um país diferente. A edição de 2017 se realizou em Montevideo, capital do Uruguai e eu pude estar presente, conhecendo artistas das mais variadas linguagens têxteis. Link do evento: <https://wta-online.org/>

vibes e ela tem o poder de gerir o clima de um ambiente, além de unir as pessoas.

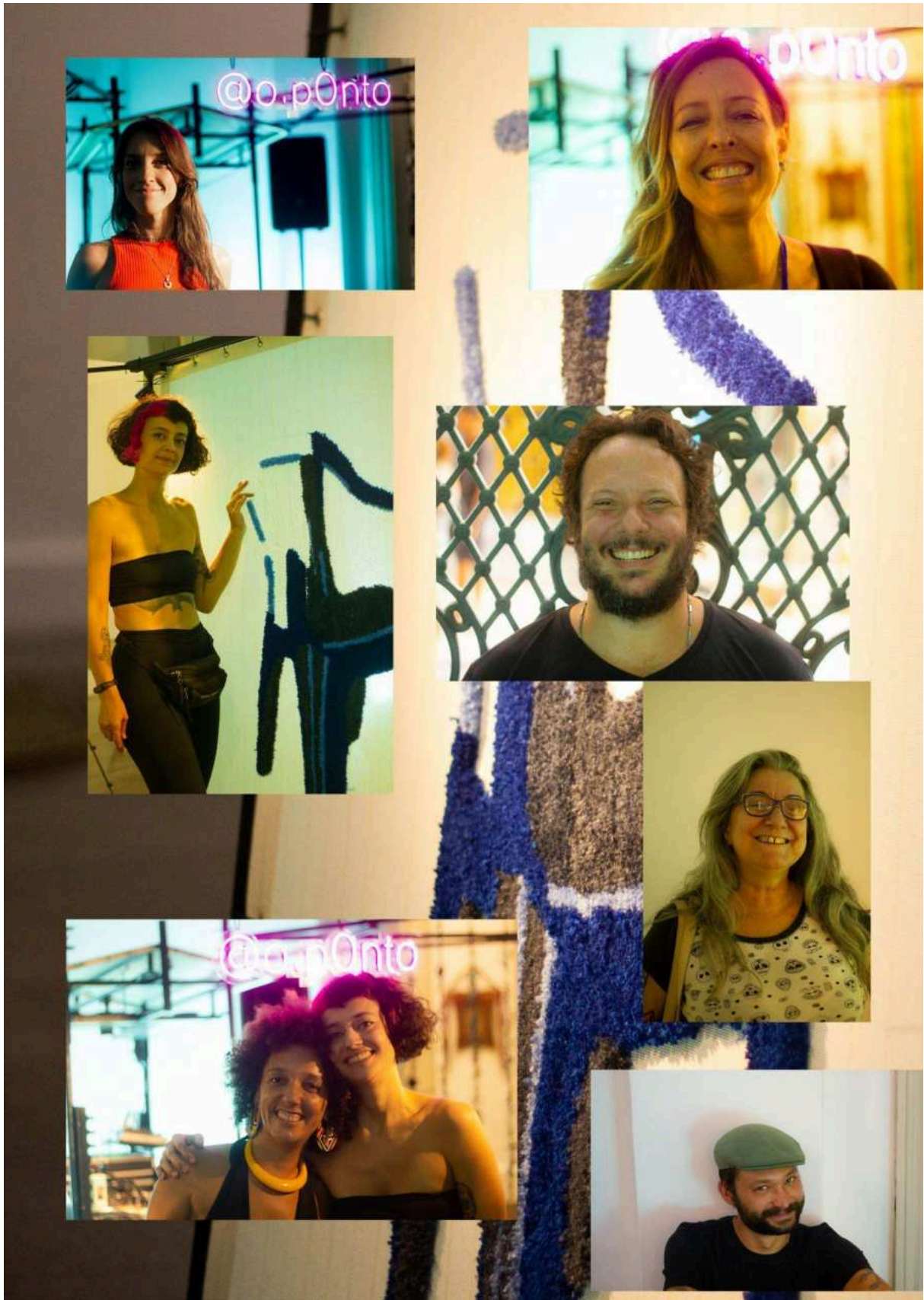
Tocar músicas todos os dias fez com que, aos poucos, todos os funcionários do Centro de Artes Hélio Oiticica se interessassem e se envolvessem com o ponto e o que acontecia nele. Dia a dia, eu recebia os melhores *feedbacks* de todos que ali trabalhavam e que passaram cada dia mais a zelar e se envolver com a obra. A música tinha o poder de construir empatia pela obra, além de atrair as pessoas para perto dela e, conseqüentemente, vivenciarem os outros acontecimentos que por ali passavam. A música como ponto de atração. A música como ferramenta para a construção de uma educação cultural e estética.

Isso tudo acontecia ali no ponto que foi montado embaixo da frase de Hélio Oiticica estampada na parede do Centro de Artes.

“O que faço é música”

Pontos em Potencial do Ponto

1. Curadoria Hacker
2. Propulsor criativo, ao fazer pessoas se sentirem convidadas a estar nele
3. Formador de platéia
4. Museu de bolso
5. Bastidor para trabalhos têxteis de grandes formatos
6. Plataforma de espetacularização de trabalhos manuais, normalmente concebidos em ambientes particulares/domésticos.
7. Ponto musical, utilizando a música como isca para apreciação de trabalhos visuais.

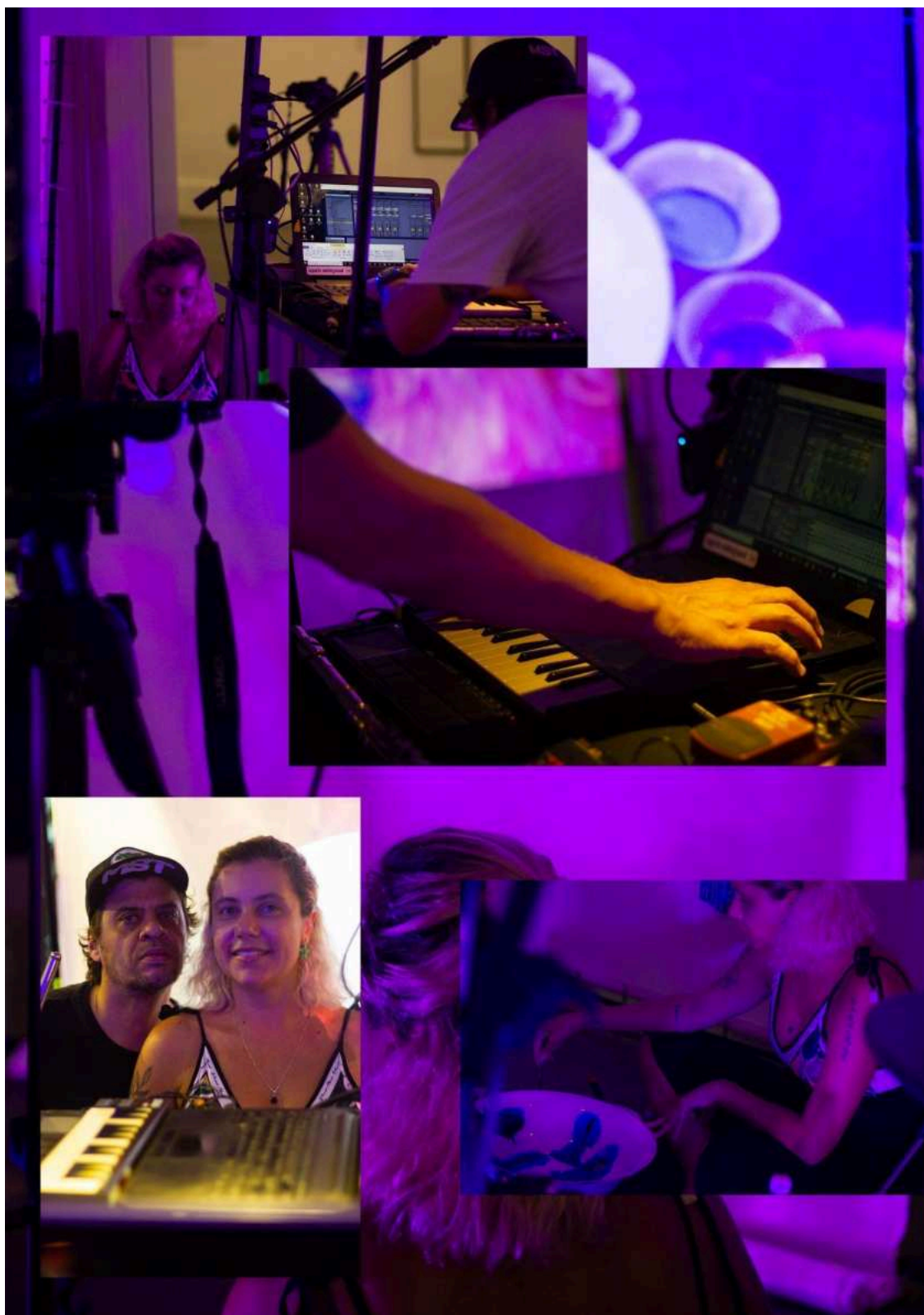


Visitantes do o.p0nto (fotos: Carla Ferraz)

TRANSMISSÃO AO VIVO



Dia 5 - Performance Frequência Líquida - Coletivo Agadoisó, João Carvalho e Taty Arruda



(fotos: Carla Ferraz)

Taty e João foram os primeiros participantes do o.p0nto que chegaram através das redes sociais. Conhecia João muito superficialmente e ele prontamente se interessou e se sentiu chamado para estar no projeto quando viu o post “PASSO O PONTO”. Isso é algo que muito me orgulha toda vez que escrevo sobre. Já disse aqui ao longo dessas páginas, mas faço questão de reiterar a alegria e a importância que vejo em fazer as pessoas se sentirem verdadeiramente convidadas a desenvolverem seus trabalhos no meu. Isso demonstra uma acessibilidade do o.p0nto, uma construção de linguagem e forma capaz de atrair as pessoas e, mais que isso, provocá-las a desenvolver seus trabalhos que ainda estão em fases embrionárias.

Ao colocar um projeto que pretende ser suporte e plataforma de desenvolvimento de outros projetos, penso que uma linguagem acessível e uma simplificação da comunicação traz a ideia para as pessoas de que aquilo é para elas. Quantas vezes vemos pessoas que têm medo de entrar no museu, nunca foram ao teatro e não têm relação com espaços culturais por acharem que aqueles espaços não pertencem a elas? o.p0nto, quando convida as pessoas através da chamada “PASSO O PONTO”, se utiliza de uma linguagem cotidiana e coloquial para ampliar seu alcance e fazer com que mais pessoas se sintam convidadas.

Mas agora voltando ao Coletivo Agadoisó, Taty Arruda e João Carvalho. O casal de artistas, ele músico e ela desenhista/pintora, desenvolve uma performance de pintura e sonorização ao vivo. Taty usa tintas vegetais com uma textura aguada como de aquarela, para fazer desenhos ao vivo sobre uma bacia, enquanto filma os mesmos e os projeta. Vemos aos poucos o desenho se desenvolver, até que a pintora decide interrompê-lo, jogando água na bacia, “limpando” com um pano o que havia criado e recomeçando. Paralelamente a isso, João sonoriza toda a experiência com bases eletrônicas, instrumentos que toca ao vivo e sons, vozes e ruídos que emite no microfone. Esse trabalho trouxe alguns formatos ainda inéditos no o.p0nto e que carregavam uma certa complexidade. Vários elementos eram necessários para a apresentação da dupla: projeção, e, com isso, a necessidade de um espaço para abrir uma tela branca projetável, pintura e água, e portanto uma área de trabalho que pudesse ser feito isso e ter alguma distância para se filmar o desenho, espaço para acomodar instrumentos, computador e controladora sonora, além de um desenho de som capaz de amplificar toda essa experimentação.

Estava lançado o desafio de fazer caber no o.p0nto um trabalho que em sua concepção já fosse multilinguagem. E coube. Apesar das sua pequena área, o projeto

o.p0nto se demonstrava a cada dia bastante funcional em cada necessidade técnica que se apresentava a ele.

Uma troca interessante se dava com os artistas nessa questão. o.p0nto possui um rider técnico limitado em termos de tamanho e alcance, mas ao mesmo tempo é projetado a fim de criar soluções variadas para artistas e, como suporte, busca se adaptar para que os trabalhos caibam nele. Nessa troca sincera, o artista chega ao o.p0nto com as expectativas equilibradas com o que ele pode ofertar. Essa “limitação” também ajuda a solucionar e desenhar o resultado do trabalho. E foi assim, nesse quinto dia de exposição que o.p0nto inaugurou mais uma modalidade de potencialidade: o de tela de projeção. A parede suporte que funcionaria como bastidor para trabalhos têxteis de grandes formatos, suporte de cenografia, era também um excelente suporte para uma tela de projeção a uma distância mínima bastante razoável para instalar um projetor e a imagem aparecer em um bom tamanho na tela branca. o.p0nto cinema já poderia ser uma nova modalidade de trabalhos.

A apresentação do coletivo foi relativamente rápida, em torno de 20 minutos, mas contou com um número enorme de elementos e acontecimentos, tornando a experiência extremamente rica aos espectadores.

E foi muito interessante perceber como o casal de artistas ficou à vontade em se distribuir e organizar pelo espaço ali ofertado. o.p0nto deixava todo mundo se sentindo em casa, para a alegria da artista que aqui vos fala.

TRANSMISSÃO AO VIVO:



Pontos em Potencial do 0.p0nto

1. Curadoria Hacker
2. Propulsor criativo, ao fazer pessoas se sentirem convidadas a estar nele
3. Formador de platéia

4. Museu de bolso
5. Bastidor para trabalhos têxteis de grandes formatos
6. Plataforma de espetacularização de trabalhos manuais, normalmente concebidos em ambientes particulares/domésticos.
7. Ponto musical, utilizando a música como isca para apreciação de trabalhos visuais.
8. Cinema

Rio de Janeiro, 14 de abril de 2023

Dia 6 - 10:00hs - Segunda sessão Vê Bechara

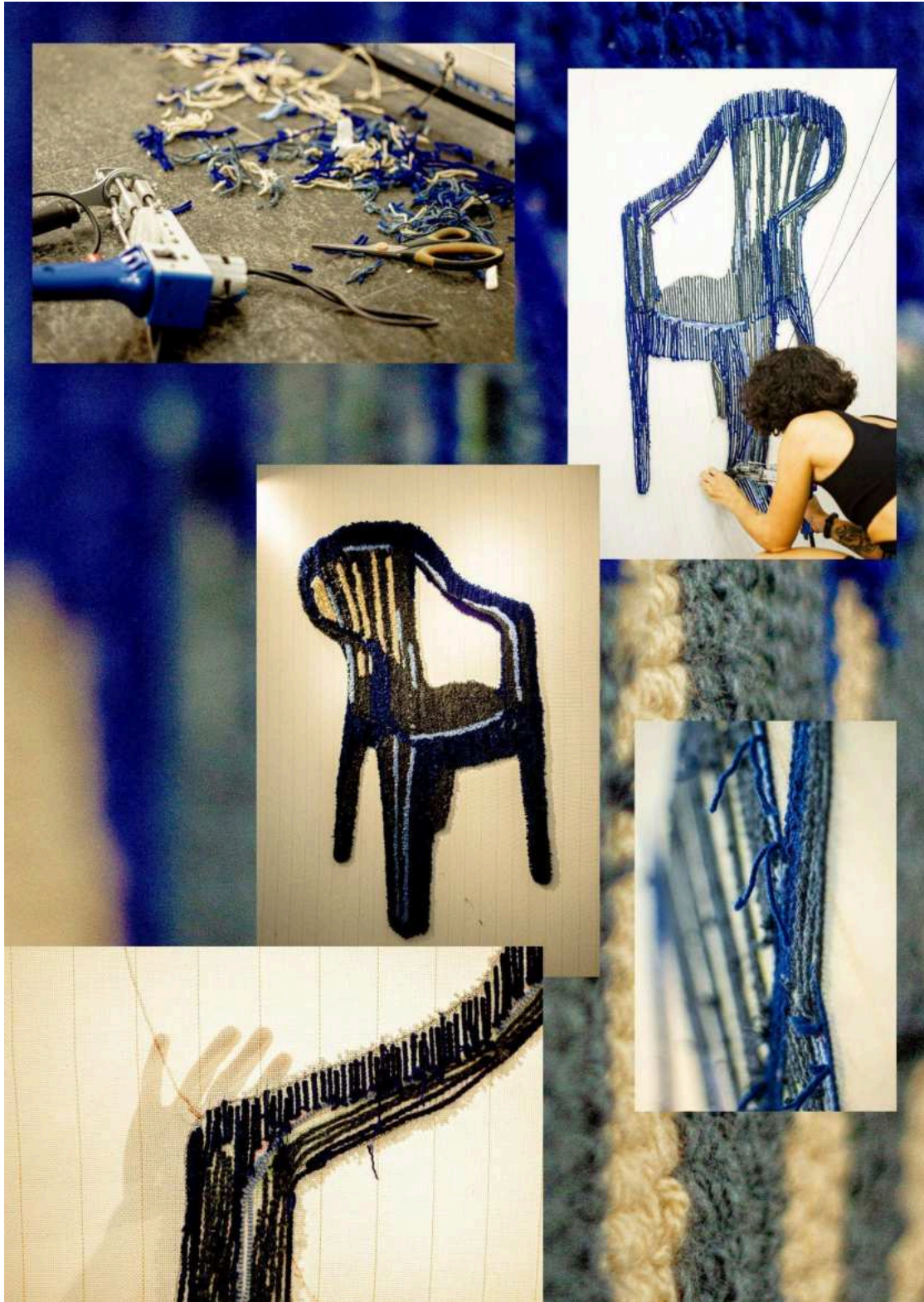
O sexto dia de exposição foi o mais agitado até então. Com uma programação extensa de três diferentes acontecimentos no mesmo dia, o.p0nto começou batendo ponto no primeiro horário do Centro de Artes.

Verônica Bechara e eu nos encontramos às 10:00hs da manhã para dar início aos trabalhos do dia. Mais uma sessão linda de feitura da tapeçaria se deu e a nossa cadeira tapete foi finalizada. Essa cadeira com certeza é um dos trabalhos mais marcantes da exposição pois, por ser a primeira produção visual feita no o.p0nto, foi a que permaneceu mais tempo. Com personalidade e humor, o tapete foi desejado como fundo no trabalho de quase todos os artistas e muitos visitantes se retrataram ao lado dele. Gosto muito de pensar o.p0nto como espaço cênico mas nada neutro. Apesar de conseguir ter uma neutralidade a ponto das pessoas se sentirem confortáveis em desenvolverem seus trabalhos nele, existe uma bagunça estética envolvida, que dá esse caráter de ateliê e de processo de construção artística. É um espaço cênico em constante montagem, evidenciando os fazeres de todos que por ali passam e, por muitas vezes, deixam rastros de seus ofícios.

o.p0nto caixa cênica, ateliê, espaço neutro com personalidade.



TRANSMISSÃO AO VIVO:



(fotos: Carla Ferraz)

14:00hs - Performance Me Ajude a Voltar pra Casa - Alê Souto



Alê Souto, artista performer que integrou o sexto dia de exposição, teve seu nome incluído na programação alguns poucos dias antes. Isso porque Alê, artista que conheci e trabalhei há cerca de 15 anos atrás e nunca mais tinha visto ou ouvido falar, apareceu por acaso no segundo dia de montagem do o.p0nto. Ele passava para visitar o Centro Cultural quando encontrou a mim e uma outra amiga que estava também a visitar o.p0nto e parou para falar com a gente. Expliquei do que se tratava o trabalho, sublinhando que continuava “passando o ponto” com uma agenda sempre aberta e em construção. E, assim, algumas horas depois, o artista me escreveu perguntando se poderia participar com uma performance que já havia feito em algumas cidades.

Essa maleabilidade da agenda e esse eterno estado de estar passando o ponto enriquecem muito o trabalho, pois criam espaço para o imponderável, o que não está planejado entrar na programação e, com isso, junções de pessoas e trabalhos acontecerem sem serem muito pensadas inicialmente. Foi vivendo esses acontecimentos que comecei a usar o termo “curadoria da vontade” durante a experiência da exposição. Minha curadoria no o.p0nto é muito mais o trabalho de atrair e organizar as pessoas para estarem nele do que necessariamente julgar se elas podem ou não estar. Todos, a princípio, podem estar, basta querer.

Digo isso, acreditando também nesse grupo que se formou no desenrolar dessas semanas. Pessoas cujo bom senso e linguagens artísticas não ferem e/ou ofendem grupos de pessoas ou algo parecido. A curadoria da vontade existe sim, mas caso eu ache que um trabalho que venha a estar no o.p0nto tenha algum potencial ofensivo, violento ou qualquer coisa nesse sentido, como curadora e extensão desse espaço, me sentirei à vontade para barrá-lo. Por isso, por enquanto, utilizo esse termo mais nas páginas dessa dissertação e na construção conceitual do projeto, como um estilo curatorial mesmo. Não publicizarei essa ideia, a fim de me resguardar de possíveis ocorrências futuras.

Voltando ao Alê Souto, ele então foi encaixado na agenda do o.p0nto entre Vê Bechara e O Comboio (esse último, a única programação fechada com alguma antecedência). Em sua performance “Me Ajude a Voltar pra Casa”, Alê fica cerca de uma hora, escrevendo em papéis frases diversas e construindo um caminho com esses papéis. Caminho esse que vai criando uma trilha poética que o artista vai seguindo silenciosamente.

Nesse formato, o.p0nto funcionou mesmo como um ponto de partida e isso criou um desenho ainda inédito até aquele momento. Alê construiu um espaço poético à

parte ao criar aos poucos esse caminho que saía do o.p0nto, percorria parte de outras galerias do espaço cultural, descia as escada e ganhava as ruas da Saara⁸, onde fica também o Centro De Artes Hélio Oiticica. Pensando no caminho inverso, Alê criou uma trilha até o.p0nto. Passantes da rua poderiam percorrer as frases escritas nos papéis em que Alê deixava pelo chão e chegar ao o.p0nto. Estava ali apresentada uma excelente maneira de induzir as pessoas a entrarem numa galeria de arte. Através da curiosidade e do desejo de ler tudo que estava escrito, o espectador caminha e adentra o museu.

Ao criar esse caminho, o artista também criou um elo de conexão do o.p0nto com a rua. Eu, particularmente, tenho uma relação muito íntima e intensa com a Saara. Com o meu trabalho de figurino, percorro aquelas ruas semanalmente comprando tecidos, aviamentos e outros materiais para produções em que trabalho. Fazer uma exposição na região da cidade que tenho tanto carinho e intimidade já foi muito simbólico porque aquelas ruas também eram uma extensão do meu espaço de vida, mas ainda não tinha conseguido fazer uma conexão tão grande com a rua. E nesse momento consegui, ao seguir Alê pelas ruas, registrá-lo saindo da galeria e indo até a porta dos comércios. Foi também uma abertura de caminhos do o.p0nto.

A cada linha que construo desse texto, entendo a importância de dissertar sobre os processos artísticos. Ao descrever o trabalho que presenciei de Alê, consigo despertar muito mais camadas de potência e interesse pelos fatos que aconteceram naquele dia. o.p0nto, suporte de outros trabalhos, é também o ponto inicial de pensamento acerca das obras artísticas que ali se sucedem, mas o desdobramento de pensamento sobre cada trabalho é totalmente diferente. Isso vai me mostrando a cada dia de relato dessa exposição a complexidade, a profundidade e as infinitas possibilidades que o.p0nto proporciona como produção de trabalhos artísticos e de pensamento. Eu Carla suporte e extensão do o.p0nto, além de curadora e produtora dessa experiência, construo aqui também um exercício crítico acerca dos trabalhos por mim vividos. E nesse exercício de ser neutra e suporte como um equipamento cultural, também exercito o meu olhar de maneira generosa. Digo tudo isso pois é aqui escrevendo sobre Alê que encontro camadas novas de sentido e de importância do seu trabalho que, no momento em que vivenciei, gostei mas não me tocou tanto como outras experiências do o.p0nto. Ao relatá-lo, no entanto, uma percepção totalmente diferente me toma.

⁸ Localizado no centro histórico do Rio de Janeiro, o Pólo Saara é considerado o maior shopping a céu aberto do Estado. Formado por onze ruas nas adjacências da Rua da Alfândega, reúne mais de 800 lojas, a maioria voltadas para o comércio popular.

A experiência da traquitana o.p0nto, portanto, não se esgota no momento em que acontece, ela reverbera em idéias, em sobras de trabalhos que se transportam para outro dia, em fusões e percepções que se transformam. Uma máquina realmente de retroalimentação criativa. Penso que daqui há algum tempo posso encontrar novos sentidos para essa mesma performance juntando ela a uma experiência futura que o.p0nto venha a passar.

TRANSMISSÃO AO VIVO



o.p0nto funcionou como ponto de partida da trilha poética criada por Alê. (fotos: Carla Ferraz)



O Comboio é um coletivo de atores que se conheceu na Escola de Teatro Martins Penna e já possui 10 anos de parceria e pesquisa. Eu os conheço há alguns anos, quando tive a oportunidade de desenhar alguns figurinos e adereços para o espetáculo da companhia. Formado por grandes amigos, o grupo possui o elo do amor, da amizade e da criação, mas ficou afastado por um bom tempo por conta da pandemia e pelos caminhos da vida que os levaram para trabalhos em separado. Em 2021, assim como o meu projeto, eles também foram contemplados pelo edital FOCA na categoria teatro. Passaram também com nota máxima, em primeiro lugar na categoria e fizeram uma mostra dos trabalhos da companhia, juntando peça de teatro, exposição e oficinas. Isso me aproximou novamente do coletivo, onde pude conceber os novos figurinos do espetáculo “Aquário” que ficou em cartaz no Parque das Ruínas⁹.

Quando lancei a idéia do o.p0nto nas redes, eles logo me procuraram dizendo que desejavam fazer algo na instalação. Eles entenderam o.p0nto como um espaço potencial para se encontrarem, experimentarem e estudarem. E assim conceberam um jogo teatral para fazer na galeria. Um exercício para eles como atores e coletivo e que envolveria o público que ali estivesse. Para minha alegria me convidaram também para jogar junto, como DJ, eu seria um quinto elemento sonoro ali naquele jogo teatral. Eles me enviaram um pequeno texto do que imaginavam fazer e pedi para eles me sugerirem também algumas músicas para eu entender a *vibe* de cada um dentro do jogo. Assim eu preparei uma pequena seleção musical como base do que faria no dia do encontro com o Comboio.

Posso dizer que esta foi, provavelmente, a experiência mais intensa que meu corpo viveu dentro do período expositivo. Digo meu corpo porque aqui eu me desdobrei em muitas simultaneamente.

No jogo proposto por eles, cada ator tinha um objetivo: Julia Shimura precisava conduzir e dançar com uma dúzia de ovos sem quebrá-los, Nívea Santana precisava despír-se, Anderson Barreto precisava amarrar-se a estrutura o.p0nto até ficar imóvel, virar um casulo e Leonardo Samarino iria cortar cabelos. Esses objetivos eram feitos em forma de dança e duas coisas conduziam e podiam mudar os rumos desse movimento: a música, que eu tocava e o microfone aberto. Eles levaram dezenas de livros e era possível o público ou algum jogador pegar o microfone e ler algum trecho ou mesmo falar o que quisesse, cantar, etc. Era tudo totalmente livre. A cada ação sonora dessas (mudança de música ou microfone) eles eram obrigados a mudar suas

⁹O Centro cultural atualmente foi rebatizado de “Parque Glória Maria”. O lindo e amplo espaço, localizado no bairro de Santa Teresa, foi a casa da grande mecenas da Belle Époque carioca, Laurinda Santos Lobo e hoje é um dos centros de cultura municipais com maior número de visitantes. Reúne galerias de arte, teatro e espaços ao ar livre com uma bela vista do bairro.

ações e, assim, se desviavam de seus objetivos momentaneamente. Era necessário trocas sonoras constantes para também bagunçar a ação dos atores/dançarinos ali presentes.

Eu rapidamente estava totalmente integrada ao jogo. Fiquei extremamente empolgada ao ver o como o coletivo se utilizava do espaço do o.p0nto para fluir corporalmente, dançar e interagir com a estrutura. Os rolos de elástico, que estavam sempre à disposição para ações que quisessem fazer com eles, foram ali utilizados inteiramente por Anderson, que se enrolava nos elásticos e na estrutura ao mesmo tempo. Cabelo, ovos, roupas pelo espaço, um caos delicioso e dançado. Eu, por tudo isso, me empolguei e descobri que conseguia tocar músicas, brincando com o tempo delas, pausando repentinamente e mudando subitamente os estilos musicais para bagunçar os corpos que eu ali observava. Ao mesmo tempo que estava entregue ao meu ofício de DJ também buscava muitas vezes o microfone para recitar alguns textos que lia ali nos livros e, claro, sem esquecer de fotografar, filmar e fazer a transmissão ao vivo com meu celular. Fazer tudo isso de maneira sobreposta me exauriu, mas me diverti muito. Penso que só foi possível fazer tantas funções e me sentir totalmente à vontade nelas porque estava naquele espaço que fazia eu me sentir em casa (ele foi a minha casa naqueles dias), extensão de mim, e, por isso, não tinha nenhum pudor em fazer o que bem entendia.

Nesse dia contamos também com um público numeroso e participativo. Pessoas amigas do coletivo, além de frequentadores do Centro Cultural e um público do próprio o.p0nto, como a Pink, amiga do DJ Kombat e que voltou para mais um dia de experiências por ali (a qualidade de formador de plateia do o.p0nto estava tendo êxito).

Naquela experiência pude me sentir energeticamente integrada ao meu espaço, totalmente parte dele e me dar conta que todos os ofícios que eu desempenhava por ali se tornavam também parte do trabalho de quem ali estava presente. Apesar da sobrecarga de funções, esse foi um dos momentos de produção fotográfica que mais gosto. Fiz muitas imagens interessantes por estar totalmente dentro e fazendo parte do trabalho. A maneira como os atores interagiram com a estrutura física do o.p0nto me deixaram completamente instigada a registrar tudo e todos. A música também foi escalonando, no fim já estava totalmente à vontade tocando as maiores maluquices, de música clássica a pagode em 30 segundos. Foi o que chamo socialmente entre minhas amigas de “um grande fervo”.



Foto 1: Anderson Barreto totalmente atado a estrutura o.p0nto. Foto 2: espectadora participante do jogo proposto. (fotos: Carla Ferraz)

Por ser um dia intenso de acontecimentos, o espaço também foi se modificando muito com o passar das horas. Ao fim do dia tinham rastros de todos que passaram por lá: a cadeira pronta da Vê Bechara estava exposta, papéis, já meio esvoaçados e pisoteados, da performance de Alê Souto por todo o chão e todos os elementos caóticos da performance do Comboio. Evidências materiais de uma pulsão artística vivida naquele dia 14 de abril de 2023. o.p0nto ali se afirmava, mais uma vez, como um propulsor de acontecimentos ou propulsor dramaturgico, como gosto de chamar. A espacialidade e a materialidade mostrando que podem ser agentes impulsionadoras de ações.

Em seu livro, “Dramaturgia do Imaterial: Performatividade, Teatro de Sombras e a Cidade”, Gilson Motta (também orientador dessa dissertação) reflete sobre algumas definições de dramaturgia e como a escrita teatral pode ser gerada de diferentes maneiras a partir da matéria e do estímulo visual.

“John McCormick (2021) partilha da mesma perspectiva que admite a formação de uma nova dramaturgia cujo ponto de partida não é mais o texto escrito, mas sim a performance cênica, seja a luz, seja o ator, o boneco, entre outros e, a partir daí, ensaia uma definição de dramaturgia, a saber: ‘Dramaturgy might be redefined as a quality that makes a given performance work when played to an audience, (2021, p.26). Para McCormick, esta ‘qualidade’ apresenta-se como

um ritmo. Trata-se de um 'tempo' cênico que é percebido e criado em cena, com a percepção das reações dos espectadores em relação à performance. Esta visão é muito peculiar: a dramaturgia se apresenta como um ritmo, como uma pulsação que mantém uma qualidade de atenção, de escuta, de abertura do espectador para a obra teatral. Esta qualidade não se reduz à tradicional ideia de 'expectativa dramática', no sentido da pergunta sobre 'o que vai acontecer na cena seguinte?'. Ela é, antes, uma tensão que liga o espectador à obra, mesmo que esta ligação não seja muito clara, não seja totalmente inteligível, decifrável.

Considero que esta caracterização da dramaturgia como qualidade rítmica se afina com a visão de Marcelo Karagozkw exposta acima e a de Ana Maria Amaral sobre a dramaturgia para o teatro de animação (1996, p.74) no momento em que ela aponta para a valorização dos gestos, dos movimentos, dos momentos de não ação, das pausas e dos momentos de silêncio. Tratando-se do teatro de sombras, poderíamos incluir também os jogos entre a luz e a escuridão. Começam a se configurar aquilo que chamaremos de materialidade do teatro de sombra" (Motta, Gilson, 2023, p.20)

Em seu texto, Gilson Motta constrói suas reflexões a fim de pensar o teatro de sombras. No entanto, elas servem tranquilamente para fazer um paralelo de como o ponto e sua produção material produzem ações nos corpos de quem ali constrói experiências. Pensar a dramaturgia como pulsão rítmica tem tudo a ver com a dinâmica teatral coreográfica e musical proposta pelo Comboio. Colocando seus corpos a serviço dos acontecimentos do jogo, construiu-se ali uma dramaturgia totalmente única, inédita e que só foi vivenciada naquele momento. Essa vivência também estava totalmente ligada às anteriores que passaram por aquele mesmo lugar e ainda impregnava o espaço. A materialidade do ponto e as ações que ocorriam dentro dele, eram fruto de um acúmulo de experiências vividas naquele mesmo lugar e que se sobrepunham a cada dia.

A cada trabalho no ponto, era possível entender em que medida um espaço poderia ser propulsor de ações. E essa fricção entre espaço, materialidade e ação eu poderia chamar de dramaturgia.

A cada página da minha dissertação fica cada vez mais claro que esse trabalho jamais teria o desdobramento teórico que vem sendo construído se não fossem os corpos-atuantes que compuseram essa exposição ao longo dos seus dias. Esse capítulo em forma de diário, construído de maneira cronológica, simboliza bem o como cada participante foi responsável por criar um ponto a mais na teoria e na construção bibliográfica deste trabalho. Minha vontade é assinar esse texto em nome de todos que

por ali passaram. Eu como estrutura também funciono como uma organizadora e registradora das experiências que foram apresentadas para mim. Essa construção não é da Carla Ferraz, mas é de cada pessoa e de cada elemento material que passou pelo ponto. Carla, Julia, tapete e elástico tem igual importância para a construção dessas linhas.

TRANSMISSÃO AO VIVO:





Rio de Janeiro, 15 de abril de 2023

Dia 7 - 15:00hs - Show Sara Hana, Pedrinhu Junqueira e Lis Satori.

Um dia de celebrar os encontros da vida. Um dia para contemplar a minha história artística pessoal. Um ponto de fusão dos mais antigos afetos. O sétimo dia da exposição certamente me marcou como um momento de encontrar meus pares que caminham comigo desde a época da escola, amigos de mais de duas décadas que acompanho a trajetória desde a adolescência.

A esta altura, a agenda do o.p0nto já costumava estar lotada e muitos acontecimentos sobrepostos se davam. Se, no dia anterior, tivemos três atrações, neste dia teríamos duas, ambas numerosas de pessoas e objetos.

Dessa maneira, começamos o dia montando simultaneamente as duas coisas. Pedrinhu Junqueira e Sara Hana, amigos músicos que tocariam no o.p0nto foram montando seus equipamentos enquanto a atriz Débora Paganni foi montando e distribuindo os objetos da performance que faria em seguida do show. Portanto, tudo aconteceria com cada um coabitando com os elementos do outro em sua área cênica. Essa coabitação é um exercício proposto muitas vezes na experiência o.p0nto e mostra muito a vivência coletiva de estar no o.p0nto, respeitando e observando o trabalho do próximo enquanto executa o seu. Essa coexistência interfere esteticamente no trabalho de todos também, que passam a ser fundidos com o espaço e tornam a performance desenvolvida no o.p0nto, um acontecimento único por possuir elementos que não irão caminhar junto com aquele artista por outros espaços.

A primeira apresentação seria de Sara e Pedrinhu.

Sara Hana, atriz, cantora e compositora é uma multiartista que está finalizando seu primeiro disco. Pedrinhu Junqueira é músico e compositor e produz o primeiro disco de Sara. Para o.p0nto, eles organizaram uma apresentação em que cantariam canções autorais de ambos. Eles estavam acompanhados de Lis Satori. Lis é filha de Pedro, uma criança de 6 anos que tem grandes habilidades musicais: afinada, muito boa de composições improvisadas e que ama um palco e um microfone. Lis no o.p0nto estava em casa e totalmente à vontade em criar ali junto à criação de Sara e Pedro.

O clima que se construiu foi bem familiar. Nesse dia tivemos a visita de muitos amigos com filhos. Crianças, pais, mães e amigos se reuniram em roda em torno do o.p0nto para escutar as canções e cantar junto. Foi um dia afetuoso e de muita emoção. Uma sensação catártica que transbordou por todos os lados. Caroline Vivas,

administradora do Centro de Artes chorou junto com a gente, emocionada ao ver Lis Satori cantando. Foi muito lindo e espero que minhas palavras cheguem ao leitor com um pedaço da emoção que senti nesse dia.

Rodeada de amigos da escola, com a galeria meio bagunçada, sentindo o aconchego da sala de uma casa, passamos a tarde apreciando o trabalho musical de Sara e Pedrinhu. Uma guitarra amorosa e tranquila embalava a bela e doce voz de Sara. Lis, por sua vez, ao tomar o microfone, improvisou em cima de várias músicas e trouxe um tempero de ternura com a crueza artística que só uma criança consegue trazer.



Crianças, bagunças, elementos e Hélio Oiticica. (fotos: Carla Ferraz)

Por trás das lentes registrando os acontecimentos que ali se sucediam, eu chorei diversas vezes nesse dia. Chorei de alegria e por entender que o conceito de Tudo Num Ponto realmente estava materializado no meu trabalho. Tudo estava materializado

ali: minha história de vida conseguindo reunir diversos amigos de diversas épocas, a história da vida dos meus amigos, com suas crias ali participando do trabalho também, as mais belas criações dos meus talentosos pares da vida, que se sentiram encorajados a mostrar seus fazeres, apesar das inseguranças, além de um sentimento enorme de casa, pertencimento e integração. Esse trabalho, anteriormente, tinha o nome de “Vestindo o Espaço” e a cada dia que se passava eu entendia que esse objetivo estava sendo concluído. O espaço estava sendo vestido, utilizado e transformado a cada dia de acordo com a demanda de cada criação que ali se dava.

O conceito de Parangolé e Arte Ambiental pulsava nas paredes do Centro de Artes Hélio Oiticica a cada dia que o ponto apresentava novas criações. Quando eu falo em catarse coletiva e digo que até a administradora do espaço se emocionou é por isso também. O ponto se fundiu perfeitamente com a mensagem e os fazeres do artista que aquele espaço cultural leva o nome. O espaço estava sendo vestido para além do ponto. Todo o universo conceitual proposto por Hélio, estava ali sendo vivenciado na prática.

“O próprio ‘ato de vestir’ a obra já implica uma transmutação expressivo-corporal do espectador, característica primordial da dança, sua primeira condição.

...

... O ‘vestir’, sentido maior e total da mesma, contrapõe-se ao ‘assistir’, sentido secundário, fechando assim o ciclo ‘vestir-assistir’. O vestir já em si constitui numa totalidade vivencial da obra, pois ao desdobrá-la tendo como núcleo central o seu próprio corpo, o espectador como que já vivencia a transmutação espacial que aí se dá: percebe ele na sua condição de núcleo estrutural da obra o desdobramento vivencial desse espaço intercorporal.”

“O Parangolé revela então o seu caráter fundamental de ‘estrutura ambiental’, possuindo um núcleo principal: o *participador-obra*, que se desmembra em ‘participador’ quando assiste a ‘obra’ quando assistida nesse espaço-tempo ambiental. Esses núcleos participador-obra ao se relacionarem num ambiente determinado (numa exposição, p. ex.) criam um ‘sistema ambiental’ Parangolé, que por sua vez poderia ser ‘assistido’ por outros participantes de fora. Daí para o estabelecimento perceptivo de relações entre a estrutura Parangolé, vivenciada pelo participador, e outras estruturas características do mundo ambiental, surge o que chamo de ‘vivência-total Parangolé’, que é sempre acionada pela participação do sujeito nas obras e lançada no mundo ambiental como que querendo decifrar a sua verdadeira constituição universal

transformando-o em ‘percepção criativa’”. (Pág 173. H.O. - A Pintura depois do Quadro)

Com o passar dos dias esse conceito de vivência-total Parangolé era mais perceptível por todos que ali frequentavam. Todas as pessoas que rodeavam o ponto formavam uma espécie de egrégora criativa, espectadores, artistas e obras se fundiam em uma comunhão inventiva em que todos, de alguma maneira, colaboravam para o desenrolar do que ali estava sendo criado/vivenciado. A sensação que eu tinha e tenho até hoje é que o ponto realmente foi ativado naqueles dias e a cada dia essa ativação se tornava mais potente pois realmente se acumulavam material e energeticamente as experiências que ali passavam. Não sei exatamente se poderia estar falando de energia em um trabalho acadêmico, visto que esta está mais na classe das sensações e menos na minha bibliografia, mas faço questão de sublinhar essa palavra e esse sentimento pois, sim, uma energia afetiva e criativa rondou o espaço naqueles dias e impregnou a estrutura do ponto para assim, construir sentido e elaborar todo o pensamento aqui desenvolvido. Foi essa energia geradora, o ponto de partida de muitas ideias aqui colocadas.

A VIVÊNCIA TOTAL o.p0nto

TRANSMISSÃO AO VIVO



Quando eu penso em todos esses acontecimentos não teóricos que permitiram desenvolver estas linhas, penso também que o ponto está na categoria da inventividade. Por algum tempo, hesitei em usar essa palavra para não parecer arrogante ou coisa que o valha. Mas a esta altura deste texto, esses medos já se esvaíram, pois meu coração e minha verdade estão inteiros nessas linhas.

Pensando em inventividade, retorno novamente aos escritos de Oiticica sobre o assunto. Ao ser perguntado por Ivan Cardoso em entrevista sobre “o que é invenção”, Hélio responde:

“Invenção é invenção. Invenção é o que não pode ser diluído. Aliás, isso é muito importante dizer, é a primeira vez que eu estou formulando isso desse jeito; antigamente a invenção, depois dos inventores viriam os mestres e diluidores, quer dizer a invenção seria fatalmente diluída. Agora não, a invenção é aquilo que está imune à diluição. A invenção propõe uma outra invenção, ela é a condição do que o Nietzsche chamava de ‘o artista trágico’. A invenção, ela gera invenção.

...

À solidão, eu acho que todos estão condenados, porque quem ainda não descobriu a solidão, ainda não descobriu o estado de invenção. O estado de invenção é profundamente solitário, mas ele é profundamente coletivo. Tem uma coisa que eu sempre sinto e que é uma constante em mim, muito importante, que é criado no mundo atual, que a gente está numa fase de emergência do coletivo; a gente está numa passagem do individual, de valores individuais e individualistas para o coletivo, então, na realidade, a gente está dividido entre o mais individual e ao mesmo tempo emergindo nessa emergência do coletivo”

“Penetráveis, Núcleos, Bólides, Parangolés foram o caminho para a descoberta do que eu chamo de estado de invenção, acho que daí é impossível haver diluição; não se trata de ficar nas ideias... não existe ideia separada do objeto, nunca existiu; o que existe é a invenção... não há mais possibilidade de existir uma forma de expressão unilateral como seja a pintura, a escultura departamentalizada... só existe o grande mundo da invenção”

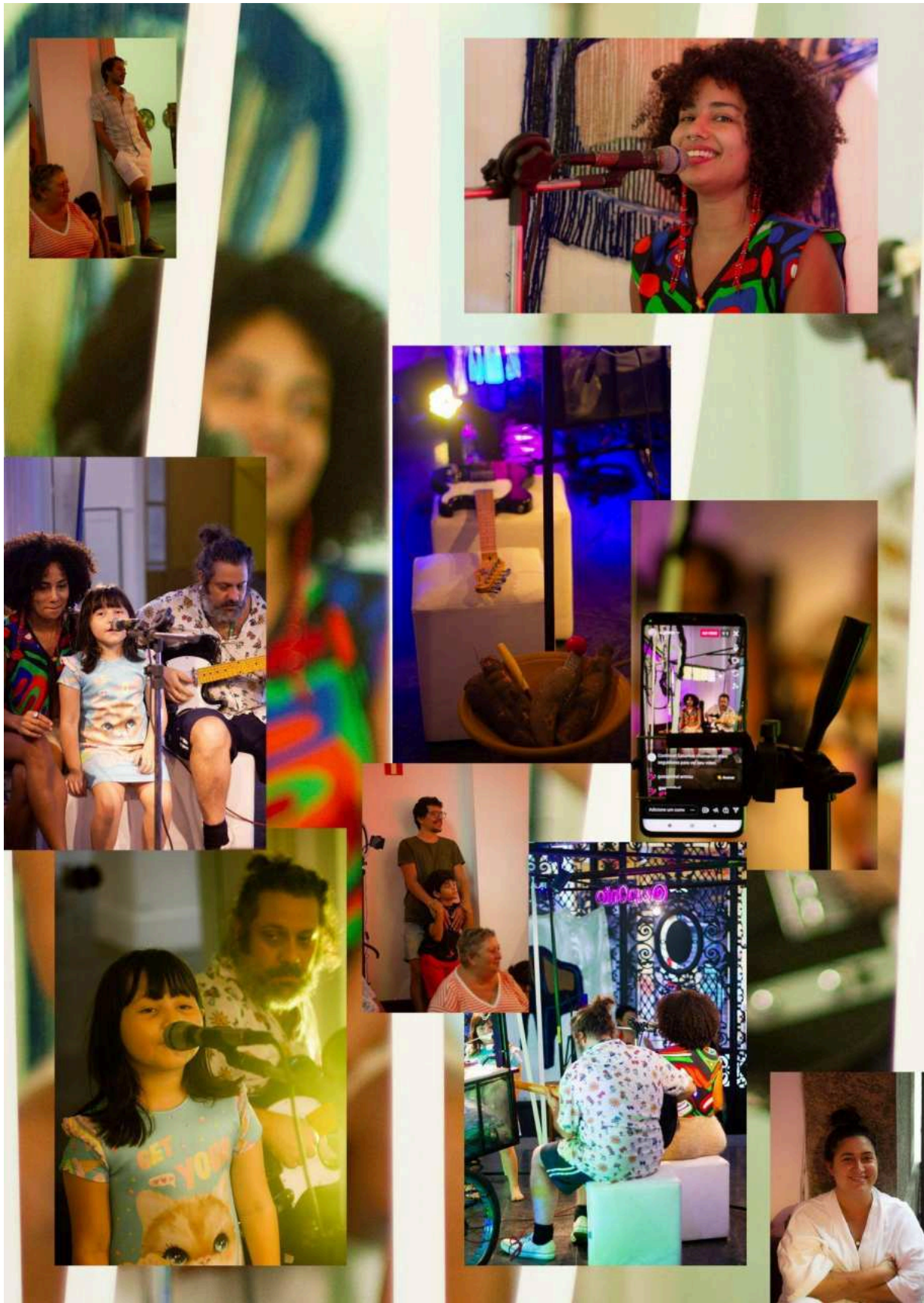
(Oiticica, H. , A Pintura depois do Quadro, p.34 - trechos de entrevista para Ivan Cardoso, durante as filmagens de HO em 1979)

Por muito tempo tentei definir o.p0nto em uma única frase, mas ao desenvolver as experiências dentro dele, essas definições se tornaram cada vez mais elásticas, mais múltiplas, assim como o espaço o é. Dessa maneira, não consigo pensar em outra coisa além desse estado de invenção. o.p0nto está sempre em ponto de criação, é a invenção de uma ideia, invenção de um espaço, invenção de um sentimento de conforto para que outros criadores e inventores possam experienciar-se dentro dele. É mesmo um estado para além de um objeto. Por isso, construí uma lista das possíveis maneiras de definir o.p0nto, lista essa que, acredito eu, estará sempre em construção, em estado de invenção. Uma pulsão coletiva.

Possíveis definições do o.p0nto

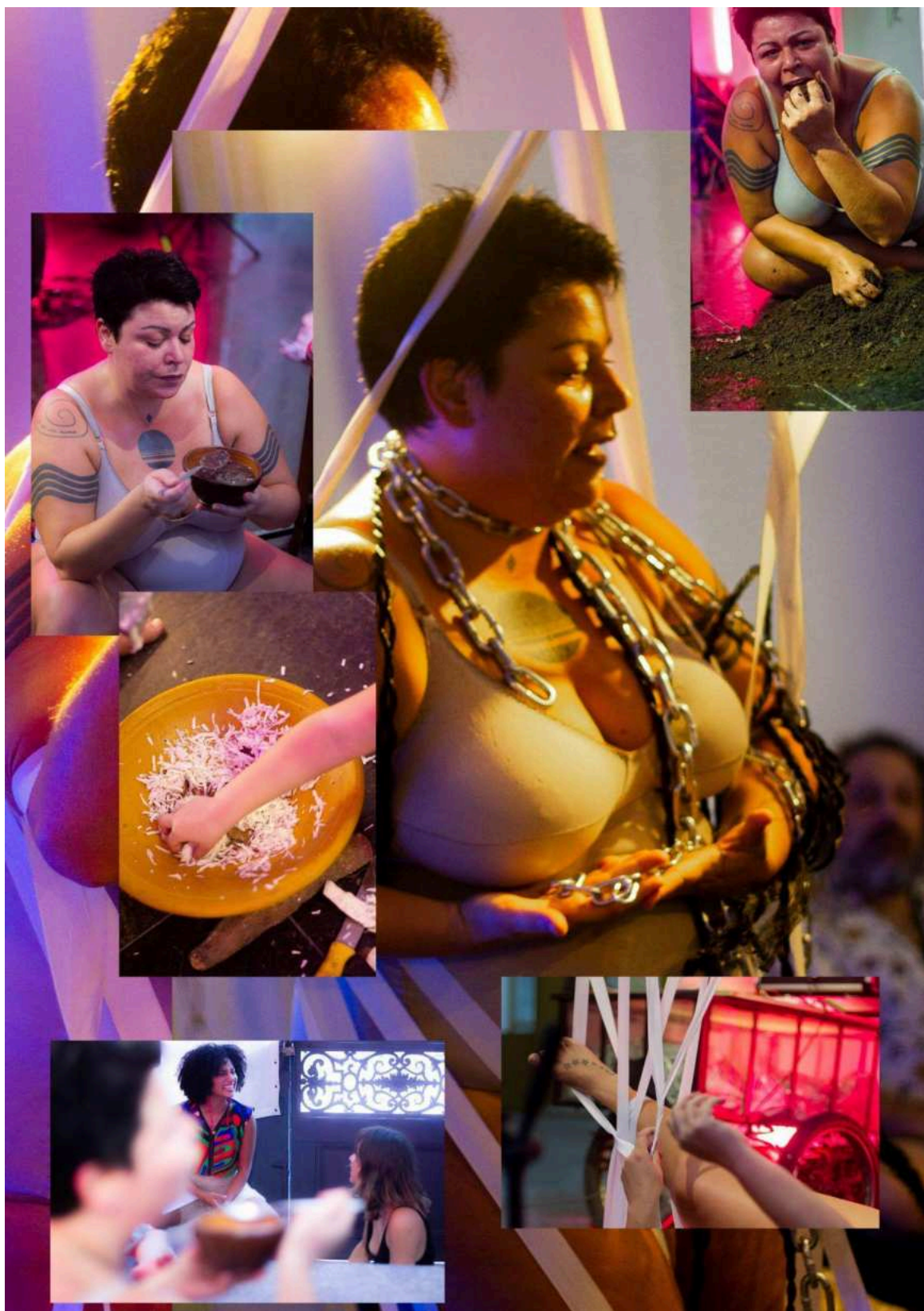
- Espaço cênico portátil
- Plataforma multiplicadora de talentos
 - Equipamento cultural volante
 - Traquitana de mobilidade cultural
- p0nto de ebulição de pesquisas artísticas
- Espaço de suporte para processos artísticos
 - Receptor de fazeres





Acontecimentos criativos e afetivos (fotos: Carla Ferraz)

17:00hs - Performance EMBRASILEIRAMENTO - Debora Paganni



(fotos: Carla Ferraz)

Dando sequência aos acontecimentos do sétimo dia de exposição, Débora Paganni apresentou a performance Embrasileiramento.

Débora é uma atriz que conheci na época da graduação, eu na Indumentária e ela na Direção Teatral. Eu me formei e ela largou a faculdade deixando algumas matérias pendentes, o que a fez retornar à Direção Teatral recentemente para concluir sua graduação. À essa altura, ela já trabalhava principalmente com produção e não tinha muito espaço para atuar e colocar pesquisas na roda. E foi no o.p0nto que Débora encontrou esse espaço.

Ao divulgar o meu trabalho, ela entrou em contato comigo e entendeu que ali poderia ser um espaço de teste de exercícios teóricos que havia concebido na faculdade. Embrasileiramento é um exercício performático que ela idealizou na aula da professora Eleonora Fabião e nunca havia colocado em prática, em cena.

Na performance, dividida em 5 atos, Débora precisava de 5 diferentes espaços/nichos, para suas ações. Em cada um colocaria um elemento diferente: cachaça, terra, aipim, cordas e correntes e papéis com textos em tupi guarani. Ela fez uma visita técnica anteriormente para entender a estrutura do o.p0nto e organizou aqueles que deveriam ser seus cantos de atuação.

o.p0nto mede cerca de 16m², mas a sua imensidão de possibilidades é tamanha que todos que por ali passaram não encontraram dificuldades em encaixar seus trabalhos e ideias nele.

Débora montou todos os seus elementos juntamente com Pedrinhu e Sara e, por isso, já no show anterior, o público que ali estava familiarizou-se com os elementos de Débora fazendo parte do espaço cênico.

As canções de Sara e Pedro tiveram terra e mandioca também como cenário e isso fundiu de alguma maneira as duas apresentações, apesar de elas não se interligarem diretamente.

Essa fusão e o fato de tudo da Débora estar já pronto para ela entrar em cena fizeram com que todos os artistas que se apresentaram naquele dia pudessem participar também como plateia da apresentação dos outros. Foi assim com Débora, que assistiu ao show que a antecedeu, e, foi assim com Pedrinho e Sara que, ao acabar o show, apenas desmontaram seus instrumentos e já se sentaram na plateia para assistir a performance de Débora. Essa rapidez de transição dos acontecimentos, fez com que também o público que ali estava para o show permanecesse.

Essa sobreposição e rapidez na mudança dos acontecimentos ajuda muito a formação de plateia proposta pelo o.p0nto. No exemplo desse sétimo dia de exposição, acredito que 70% que ali estava foi para ver o show e 30% para ver Débora. Como tudo se deu seguidamente, todos puderam ver todos. O público ganha podendo ver mais

trabalhos de outras linguagens e os artistas ganham ampliando o público de suas apresentações. É por conta de exemplos como esse que uso o termo “multiplicador de talentos” para o.p0nto. Essa é uma maneira de multiplicação de alcance dos trabalhos e do público.

A performance de Débora se deu de maneira bastante experimental. Foi mesmo um exercício pela primeira vez vivenciado presencialmente, então foi ali que a artista teve ideia de como funcionaria o tempo em que ela propôs (passaria 7 minutos em casa estação proposta por ela) e como seriam suas ações. Na primeira estação ela bebia cachaça enquanto dançava, durante 7 minutos. Foi tenso acompanhar e torcer para que ela não caísse de bêbada antes de terminar a performance. Em seguida, ela comia feijoada (bom para curar da cachaça) também pelo mesmo tempo, na terceira estação mexeu na terra e na quarta estação ela se amarrou em cordas e correntes que pendurou na estrutura do o.p0nto. Ela apoiou todo o seu peso nessas correntes penduradas e, nesse momento, fiquei apreensiva se a estrutura aguentaria ou iria despencar de algum jeito. A estrutura aguentou, um teste importante para mim, feito de um jeito não muito seguro, porque se cedesse seria com ela caindo, mas foi um teste. Ela foi ousada em se pendurar ali sem me perguntar se conseguiria e, eu, deixei o acontecimento rolar para ver se funcionava. Deu tudo certo. Mais uma habilidade do o.p0nto estava aprovada, ele sustentava o peso de uma pessoa se apoiando nele. Após isso, Débora ainda passou pela estação em que ralava uma mandioca.

Ao fim do sétimo dia de exposição eu havia recebido duas novas linguagens no o.p0nto: um show e uma performance e todas funcionaram perfeitamente na minha pequena estrutura gigante de possibilidades.

Meu plano de construir um micro espaço cênico receptor de linguagens artísticas variadas se mostrava cada dia mais funcional. o.p0nto já se mostrava muito mais capaz do que eu pensei que seria inicialmente. Até aquele momento, nenhum trabalho foi impossibilitado de acontecer por alguma limitação estrutural.

TRANSMISSÃO AO VIVO:



Rio de Janeiro, 17 de abril de 2023

Dia 8 - 16:00hs - Tersapata + Kika de Medina Crochet ao vivo + Xoxotista acessórios têxteis

A esta altura da exposição as curadorias cruzadas estavam estabelecidas e eu estava com a confiança de realmente sobrepor os acontecimentos ao mesmo tempo. Se nos outros dias eu havia juntado até duas atrações de linguagens diferentes, a partir desta data eu comecei a fazer uma superpopulação de acontecimentos. Ao todo, eram três atrações, mas que somavam bastante gente. Tersapata é um coletivo, do qual eu também faço parte, composto por quatro djs, uma fotógrafa e uma designer. Somos uma festa do Rio composta exclusivamente por mulheres. No o.p0nto a Tersapata chegou para fazer um dj set ao longo da tarde. Enquanto Ana fotografava e tomávamos boas cervejas, um clima festivo se instaurou. Junto ao coletivo, chegou também para trabalhar no o.p0nto a figurinista e crocheteira Kika de Medina. Propus à Kika desenvolver um crochet performático ao vivo, utilizando os elásticos que já ficavam espalhados pelo o.p0nto como matéria-prima e usando a estrutura da instalação como base para crochetar livremente. Ela prontamente topou. Além da Kika, convidei Camila de Souza, que tem o projeto “Xoxotista”. Ela desenvolve acessórios têxteis, brincos principalmente, em formato de xoxotas e vende em um estandarte como ambulante em festas nas ruas do Rio.

Esse dia foi, portanto, o dia 100% feminino do o.p0nto, que foi ocupado por sete mulheres trabalhando ao mesmo tempo, mais a Nina, filha de Mira Barros, uma das Tersapatas, que também participou desenhando e acompanhando todas ao longo do dia.

Esse dia foi interessante pois tivemos pouquíssimo público. No entanto, só as artistas preencheram perfeitamente aquele espaço e tivemos uma tarde deliciosa de experimentações. As DJs aproveitaram para tocar o que quiseram, testar músicas

recém baixadas e treinar técnicas que em uma festa seria inviável. Kika, bem à vontade com seu crochet, passou a tarde desenvolvendo livremente aquela nova textura que faria parte da paisagem do o.p0nto nos próximos dias. Camila, por sua vez, fez um mini estandarte para acomodar parte de seus brincos e deixá-los para o.p0nto.

Cada artista que passou pelo o.p0nto com trabalhos materiais, pensou a maneira de deixar esse trabalho na instalação, o melhor suporte e o jeito ideal dele ser aproveitado nos dias que se seguiriam. Apesar de mover as obras produzidas, todas ficavam à mostra, exceto se fosse uma demanda de algum artista escondê-las. Dessa maneira, a cada dia que se passava, o.p0nto ficava mais impregnado de obras de mais pessoas, mais fazeres e mais mãos foram estampando visualmente a instalação. Fez toda a diferença para a evolução do trabalho ele estar em exposição por duas semanas. O acúmulo virou uma estética importante na linguagem e um instrumento visual de compreensão do público do que se tratava a instalação. o.p0nto quando é só estrutura precisa de uma explicação verbal do que é; o.p0nto quando está sendo vivenciado fala por si só, pois é construído para exibir uma história de fazeres e de pessoas que passam por ele.



Kika de Medina crochitando a estrutura enquanto a DJ Rafa Canholato toca - foto: Carla Ferraz



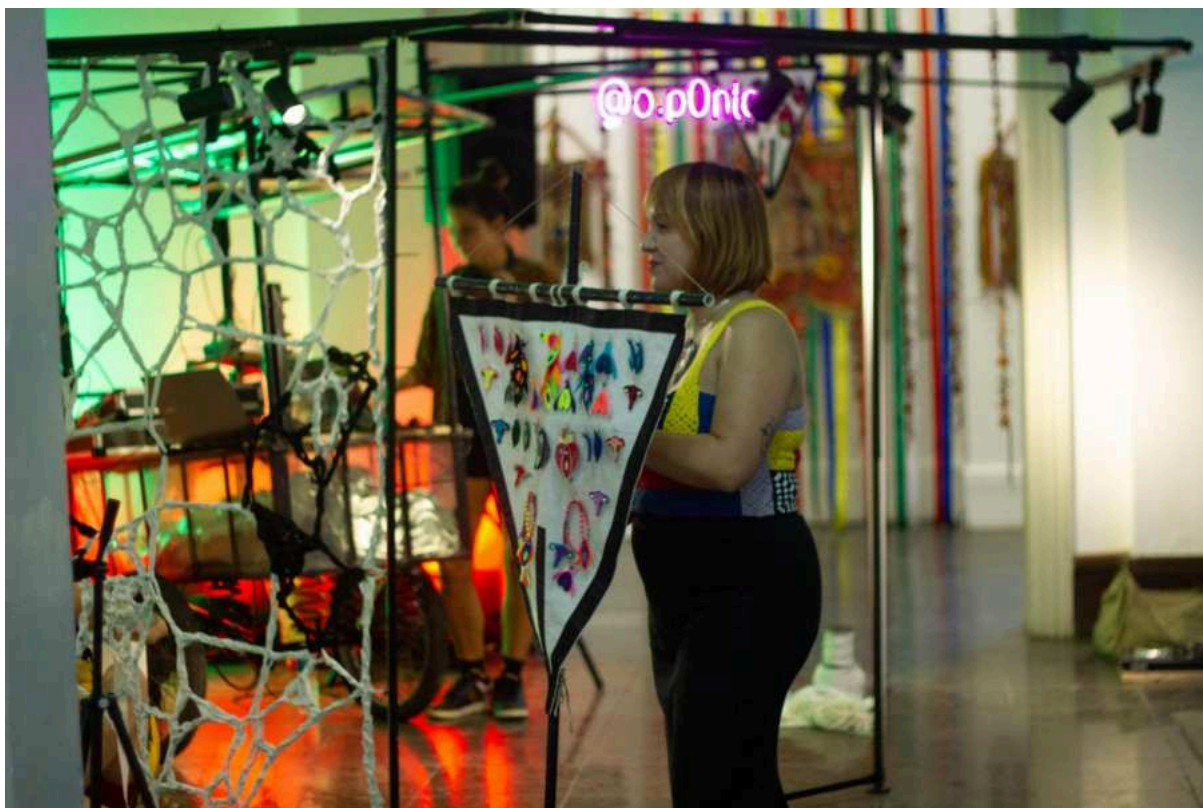
Kika crocheta, enquanto Ana Wander fotografa a DJ (fora de quadro) ao lado da tapeçaria produzida por Vê Bechara em outro dia. - Foto: Carla Ferraz



A Nina dormiu no o.p0nto acomodada sobre um crochê de elástico também desenvolvido por Kika para o.p0nto em outra ocasião. Na foto ainda vemos um desenho, a mochila dela da escola e uma controladora de DJ. Acúmulos de fazeres e conforto de casa dentro da galeria. - foto: Carla Ferraz



A Xoxotista arrumando suas xoxotinhas que depois ficaram fazendo parte do o.p0nic nos dias que se seguiram. Foto: Carla Ferraz



O crochet, as xoxotas, a xoxotista e a DJ no dia mais feminino da exposição - foto: Carla Ferraz

TRANSMISSÃO AO VIVO:





Rio de Janeiro, terça-feira, 18 de abril de 2023.

Dia 9 - 15:00hs - Airá O Crespo + Suco Sonoro + Ayo - por Airá O Crespo, Arthur Ferreira e Andrei Yurievitch



Se no dia anterior tivemos poucos visitantes, o nono dia de exposição foi, com certeza, o mais lotado.

Esse também foi um dia de um encontro pouco usual de artistas com linguagens bem diferentes.

Quando chamei Airá O Crespo, grafiteiro, para desenvolver um trabalho no o.p0nto, me preocupou o cheiro de spray na galeria e, por isso, pesquisei e comprei com ele alguns sprays importados à base de água, para não dar cheiro e ele poder pintar tranquilo enquanto os outros trabalhavam no o.p0nto. No entanto, apesar de ter feito isso com bastante antecedência, houve um problema na entrega desses produtos que nunca chegaram. O dia agendado para a participação do grafiteiro foi chegando e o material comprado não dava sinal de que chegaria. Na véspera falei com Airá que disse que poderia usar suas tintas e sua estrutura para esticar a tela e também conversei com a equipe do Centro de Artes que, a esta altura, estava em uma total parceria querendo que todos os trabalhos possíveis acontecessem no o.p0nto. Conseguimos um ventilador, colocamos Airá perto da porta e não houve nenhum cheiro de tinta incômodo na galeria, eu sofri à toa. Introduzo contando essa saga para dizer também que o grafite produzido naquele dia foi o primeiro trabalho visual produzido em uma estrutura fora do o.p0nto. O trabalho se desenvolveu e integrou a dinâmica do dia, mas ele não utilizou a instalação como suporte para a pintura. Mas ele se tornou, nos dias que se seguiram, uma extensão do o.p0nto, pois ficou fazendo parte da galeria em uma estrutura anexa.

Junto com Airá, Arthur Ferreira e Andrei Yurievitch foram convidados. Arthur Ferreira é técnico de som, músico e afeito a gambiarras sonoras. Ele fez parte do início, da concepção do o.p0nto. Integrante também do meu coletivo Minha Luz é de LED, é também um dos criadores da bananobike, bicicleta que serve de suporte para a estrutura do o.p0nto. Arthur, apesar desse currículo aqui apresentado por mim, tem grandes dificuldades de sair da linguagem do técnico e se mostrar como artista criador. Sabendo disso, fiz essa provocação para ele. Queria a participação dele no o.p0nto mas com um trabalho de artista, uma performance sonora. Eu o convidei desde o início para pensar o.p0nto comigo e provoquei-o a desenvolver paredes sonoras, gambiarras que possuíssem ruídos e outras traquitanas interativas que fizessem parte da estrutura do o.p0nto. A gente não conseguiu desenvolver isso, em parte pela agenda turbulenta e lotada de Arthur e principalmente pela dificuldade dele em produzir algo mais abstrato. Até então a sua participação no o.p0nto (ele estava também na primeira das apresentações na praça) tinha sido bastante técnica, montando caixas e mesa de som.

Ao marcar uma data em que contava com a participação dele como performer, consegui provocá-lo de maneira a desenvolver algo mais abstrato dentro da linguagem sonora. Não à toa, convidei para o mesmo dia Andrei Yurievitch, DJ e estudioso de sonoridades em que Arthur confia e se sente à vontade para experimentar. Andrei também é amigo de Airá e, portanto, foi um elo afetivo que encorajou esses dois artistas a estarem no o.p0nto e se sentirem à vontade em suas criações. Andrei, além de um grande artista, desenhista, gravurista, DJ e pesquisador musical, foi uma pessoa bem importante nos dias de exposição do o.p0nto. Ele foi a pessoa que assistiu mais trabalhos depois de mim, esteve presente em diversos dias e me incentivou muito em todo o meu processo; parceiro de muitos papos na época da concepção do o.p0nto, viu o nascimento da ideia e sempre foi grande entusiasta. Ao escrever isso, entendo que, além de seus talentos artísticos, ele possui também um talento muito caro ao o.p0nto, que é o de conhecer muitas pessoas, saber conviver com elas em suas diferenças e estimulá-las também em seus talentos. Andrei era um perfil perfeito de colaborador do o.p0nto. Não por acaso, a definição do que é o.p0nto escrita por ele, estampa o início dessa dissertação.

A escalação não poderia ter sido melhor. Arthur criou a performance “Suco Sonoro”. Ele pendurou frutas variadas (que foram anteriormente mergulhadas em água para serem condutoras elétricas) na estrutura da instalação e conectou fios a elas que se interligavam a uma mesa de som. Paralelamente a isso, ele criou alguns tipos de ruídos e batidas, além de *samplear* falas de Hélio Oiticica retiradas de um filme. O suco sonoro possuía, portanto, alguns “pacotes” de sonoridades que podiam ser trocados. Ao encostar em cada fruta, um som diferente era escutado. Era possível construir ao vivo batidas e ritmos, a depender da rapidez em que se encostava nas frutas.

Andrei, por sua vez, levou ao o.p0nto um trabalho sonoro que estava desenvolvendo. Ele captava o som ambiente do que acontecia e remixava ao vivo, um trabalho de sonoridades totalmente experimental.

Assim, começava o nono dia de acontecimentos da exposição o.p0nto, com pintura ao vivo, sonoridades experimentais, ruídos e frases de Hélio Oiticica.

Nesse dia, acontecia no Centro Cultural uma aula externa de alunos de uma turma de design da PUC-Rio. Cerca de 30 alunos ocuparam a galeria que se encontrava o.p0nto e se integraram a todas as atividades ali propostas.

Felizmente, todos os artistas que convidei nesse dia, propuseram trabalhos que contavam com a participação do público para acontecer, o que enriqueceu muito a dinâmica dos acontecimentos. Airá o Crespo começou sua pintura escrevendo a frase

“Defina seu Ponto”, convidando a todos ali presentes a refletir sobre qual seria o ponto de cada um. Começando por ele, que escreveu a palavra JUSTIÇA, convidou cada um ali presente a escolher uma cor de spray e pintar uma palavra da qual acreditava que seria o seu ponto. Aos poucos, a tela crua foi sendo ocupada por palavras e pontos de vista de dezenas de pessoas que por ali passaram. Uma obra totalmente coletivizada e que deixou ali naquele dia e nos que se seguiram, um registro de muitas pessoas que passaram pelo o.p0nto naquele acontecimento.

Durante a dinâmica com os estudantes, fui convidada também a escrever o meu ponto, que foi a palavra ENCONTRO, e enquanto escrevia falava um pouco sobre o que era o.p0nto e a proposta dele de ser suporte e espaço também de documentação dos artistas da minha geração. Expliquei sobre o projeto de mestrado e pude estar ali imersa no trabalho do grafiteiro, dentro do meu trabalho e com dezenas de olhares interessados sobre a proposta ali apresentada.





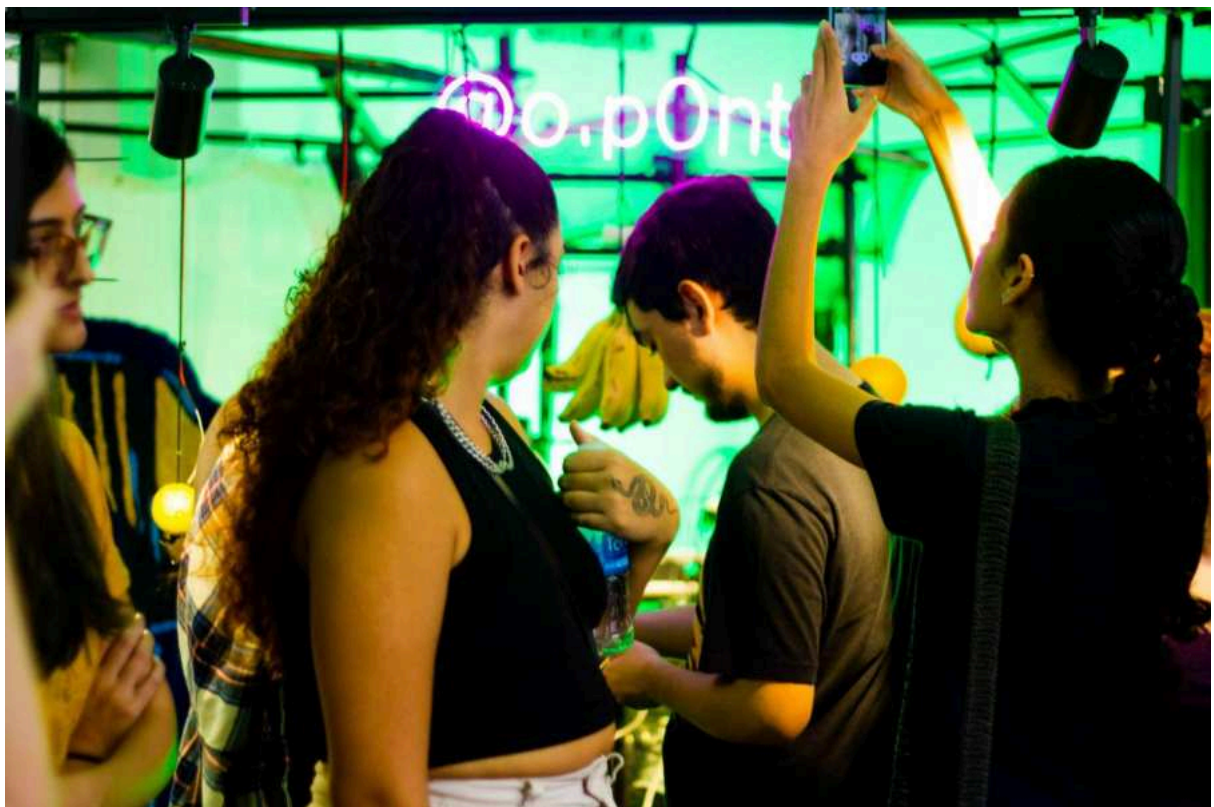
Airá O Crespo e a dinâmica coletiva proposta por ele - Fotos: Carla Ferraz

Nesse dia, por ter sido envolto de muitos acontecimentos e pessoas, eu tive um sentimento intenso parecido com o que havia experienciado no dia do Comboio com seu jogo teatral. Ao mesmo tempo que eu não saía de trás das câmeras querendo registrar tudo que ali acontecia, eu vivi intensamente cada experiência proposta por cada artista que ali passou. Além da turma da PUC, muitos amigos passaram esse dia pela exposição, o que tornou a tarde muito movimentada e cheia de impressões e empolgações de visitantes.

O Suco Sonoro fez muito sucesso, todo mundo que ali passava, permanecia um bom tempo, para entender e experienciar a proposta instalativa do Arthur. Cesar Oiticica Filho, gestor do espaço e sobrinho de Hélio, ficou emocionado ao perceber que os samples da voz de Oiticica haviam sido retirados de um documentário feito por ele, uma total coincidência.



Eu mesma muito animada com o Suco Sonoro - Foto de uma visitante anônima



Aglomeración de estudantes em torno do o.p0nto - Foto: Carla Ferraz



Cesar Oiticica Filho experienciando o Suco Sonoro com os áudios sampleados retirados de seu documentário sobre Hélio Oiticica - Foto: Carla Ferraz

Esse dia foi um marco de como o.p0nto também pode ser um espaço de educação. A turma da PUC toda se envolveu muito no projeto e ao fim a professora da disciplina pegou meus contatos e sugeriu montarmos o.p0nto na PUC. Ali tive a certeza que um dia faríamos um p0nto de estudos e me surgiu a vontade de defender minha dissertação no o.p0nto montado dentro da universidade. Pensei em aulas públicas e muitas possibilidades educativas que poderia ofertar com minha traquitana cultural.

Ao fim do dia, Andrei lançou umas bases sonoras para Airá improvisar rimas no microfone enquanto eu e outras pessoas criávamos batidas nas frutas. Tudo se integrou musicalmente em uma grande reunião de experimentações. Mais um dia que a curadoria caótica se mostrava efetiva.

Mais uma vez eu tinha certeza que o “Tudo Num Ponto”, texto de Ítalo Calvino que tinha escolhido como base dramática no meu trabalho de graduação, hoje se tornara conceito, o Big Bang da idéia havia explodido, mas o conceito inicial, desejado por mim há mais de 10 anos atrás, se mantinha intacto e cada vez mais elaborado.

TRANSMISSÃO AO VIVO:



Pontos em Potencial do 0.p0nto

1. Curadoria Hacker
2. Propulsor criativo, ao fazer pessoas se sentirem convidadas a estar nele
3. Formador de platéia
4. Museu de bolso
5. Bastidor para trabalhos têxteis de grandes formatos
6. Plataforma de espetacularização de trabalhos usualmente concebidos em ambientes particulares/domésticos.
7. Ponto musical, utilizando a música como isca para apreciação de trabalhos visuais.
8. Cinema
9. Ponto de estudos e aulas públicas

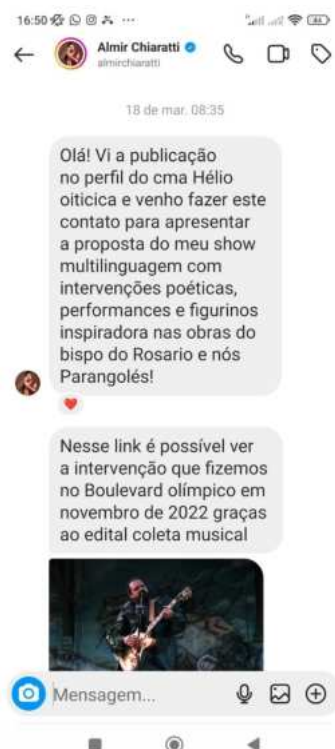
Rio de Janeiro, 19 de abril de 2023 - quarta-feira

Dia 10 - 16:00hs - Show Almir Chiaratti - Com Almir Chiaratti, Dani Vallejo, Babeize, Bruno França e Igor Sarapuí



(fotos - Carla Ferraz)

Almir chegou no o.p0nto através das redes sociais do Centro de Artes Hélio Oiticica. Quando lancei a convocatória em minha página e o espaço replicou, chegou esse músico, poeta, multiartista que eu não conhecia e talvez tenha sido a pessoa que mais soube utilizar o espaço e entender conceitualmente ele. Arrisco dizer até, que Almir entendeu o.p0nto e toda a sua possibilidade de vivência Parangolé, antes de mim.



Registro da primeira mensagem de Almir para o instagram do o.p0nto

O artista, que já possui no seu trabalho uma forte conceituação estética pensada a partir de Bispo do Rosário e os Parangolés, de imediato entendeu o.p0nto como espaço perfeito para ele apresentar seu show.

Almir é um artista muito estudioso e dedicado e trouxe ao o.p0nto um trabalho mais amadurecido, com um figurino super elaborado e uma estética bem definida. Além de uma equipe de vídeo e muitas participações. Ele, no entanto, tem a disponibilidade e a vontade de fazer o seu show na rua e em lugares públicos. Por isso, ele chegou ao o.p0nto com uma generosidade total, e se utilizando do espaço melhor do que todos que haviam por ali passado. Almir tem como interesse na sua pesquisa o “Vestir o Espaço”. Foi de uma satisfação imensa ter um artista como ele que chegou através de uma chamada nas redes. Mostrou para mim que a minha comunicação com o público estava chegando, a linguagem do “PASSO O PONTO” comunicava perfeitamente o que eu pretendia.

O músico formou um elenco de artistas muito diferentes entre si para o show. Junto com ele, Barbeize faria as bases sonoras, Dani Vallejo faria uma participação cantando algumas canções, Igor Sarapuí recitaria algumas poesias autorais e Bruno de França performaria durante o show vestindo o figurino do personagem TecnoCurupira, um personagem retrô futurista com uma roupa super elaborada com materiais reciclados e com uma linguagem meio apocalíptica com máscara de oxigênio e materiais metálicos.

Além desses artistas parceiros, Almir trouxe seu livro de poesias para vender e seu CD. Para minha alegria, ele expôs esses dois produtos enfiando-os nos buracos do crochê de elásticos feito por Kika de Medina alguns dias antes e que ainda permanecia exposto na estrutura. Mais um exemplo do como esse artista soube perfeitamente se encaixar no espaço que ocupava e utilizá-lo da melhor maneira.



Foto1: Bruno França veste o figurino de TecnoCurupira. Ao fundo se vê a pintura de Airá O Crespo desenvolvida no dia anterior.
Foto 2: Almir veste seu figurino de plástico preto e espalha ele pela estrutura do ponto ganhando volume e movimento, ao lado se vê alguns cds e livros encaixados na estrutura de crochê desenvolvida por Kika de Medina.. Fotos: Carla Ferraz

Um outro uso do espaço proposto por Almir também foi inédito até aquele momento. Ele iniciou o seu show na rua. Empunhando um mega fone pelas ruas do Saara, ele e TecnoCurupira fizeram uma introdução poética pelas ruas ativando a curiosidade dos passantes do Centro e os convidando a adentrar o Centro de Artes.



Almir Chiaratti e Tecnocurupira na rua no prólogo do show. Foto: Carla Ferraz

O show, que teve trocas de figurinos e diversos convidados, foi todo filmado por duas câmeras pela equipe de Almir, que depois apresentou também um vídeo de 18 minutos com uma sequência longa do que foi apresentado.

Um artista maduro com um show bem elaborado e uma produção bem desenvolvida. O ponto era, portanto, espaço de trabalhos embrionários em desenvolvimento e também espaço para trabalhos já desenvolvidos e com uma certa maturidade. Tudo cabia perfeitamente no ponto desde que o artista que ali se propunha a estar entendesse o espaço não como limitador, mas como a possibilidade que se tinha no momento. Ao aceitar o espaço que se tem e as condições técnicas apresentadas, tudo se molda a partir disso. E ao mergulhar no conceito de “vestir o espaço”, o artista consegue desenvolver sua linguagem de maneira confortável.



TRANSMISSÃO AO VIVO:

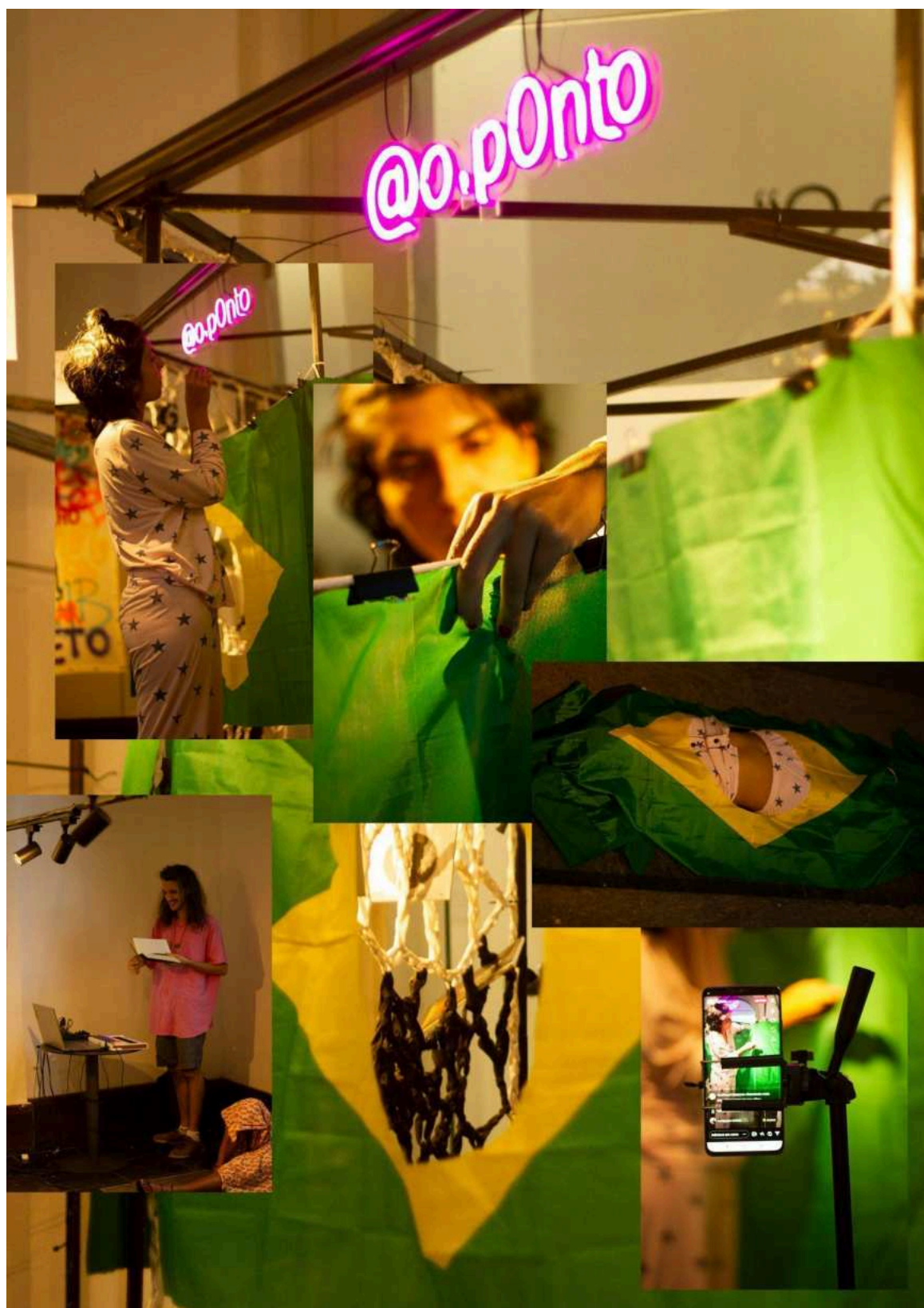
Nesse dia, a galeria teve alguns visitantes, não foi muito cheio, mas foi um dia muito válido para todos nós. Para Almir foi ótimo pois produziu imagens de muita qualidade e conseguiu gravar um show seu na íntegra. Para mim, foi uma nova

experiência com acontecimentos que até então não tinha acontecido no o.p0nto. A transmissão ao vivo também teve um ótimo alcance, o que fez o trabalho também se transportar para outros lugares fora da galeria.

Foi um dia importante de trocas com artistas que eu não conhecia e depois trocamos impressões interessantes. Barbeize, que estava nas bases eletrônicas das músicas de Almir me contou um pouco de todos os lugares onde visualizou que o.p0nto poderia funcionar, me deu a dica de alguns festivais internacionais que eu poderia me inscrever e abriu um universo de possibilidades que até então eu não tinha imaginado. o.p0nto, a cada dia que passava, se tornava uma rede maior e mais potente, que se retroalimentava de inspirações e de possibilidades que só se alargavam. Essa ficha técnica eternamente em construção que eu proponho nesse trabalho, também o faz nunca se esgotar de possibilidades. A cada apresentação do o.p0nto, uma nova pessoa o conhece, alguém pensa nele em um lugar que não foi imaginado, uma nova possibilidade de trabalho se mostra possível para esse micro espaço cênico. o.p0nto é realmente uma bicicleta com uma estrutura metálica e uma vontade. Mas essa vontade, ela se expande de uma maneira que apresenta possibilidades infindáveis para esse projeto. o.p0nto me mostra o como a simplificação de um conceito pode fazer ele se expandir enormemente.

Rio de Janeiro, 20 de abril de 2023 - quinta-feira

Dia 11 -16:00hs - Performance Pátria, quem te Pariu? - Rúbia Vaz e Arthur Murtinho



(fotos: Carla Ferraz)

Seguindo o potencial de “ponto de estudos”, recebi a performer Rúbia Vaz no o.p0nto, minha colega de mestrado que desenvolveria sua performance, objeto da sua pesquisa dentro do meu objeto de pesquisa, se tornando ela também um objeto da minha pesquisa. Uma trama de acontecimentos, contexturização total da minha vivência como mestranda.

Rúbia chegou com seu companheiro de vida e trabalho Arthur Murtinho, que iria sonorizar a performance da artista. Esse dia foi o único que tivemos problemas técnicos. Por algum motivo a eletricidade da galeria parou, o.p0nto apagou e demoramos algum tempo para restabelecer tudo. Por um momento achei que não seria possível acontecer o trabalho, mas tudo deu certo no final.

Rúbia apresentou a performance “Pátria, Quem te pariu”, em que costura a bandeira do Brasil em um outro tecido verde. Uma espécie de remendos de Brasil, em que a performer silenciosa e pacientemente passa algumas horas fazendo aquela atividade de costura à mão. Enquanto isso, Arthur Murtinho, cria efeitos sonoros que acompanham as ações da performer.

Pensamos juntas como seria a melhor maneira de dispor a bandeira na estrutura do o.p0nto e criamos uma espécie de varal para deixá-la suspensa pela estrutura e centralizada também na instalação.

Ao fim de tudo, quando finaliza sua costura, a performer tira a bandeira, deita no chão e se cobre com ela. Uma imagem meio fúnebre de Brasil.



Foto 1: Rúbia costura a bandeira pendurada sobre a estrutura do o.p0nto. Na imagens vemos também desfocado o celular que faz a transmissão ao vivo e o crochet de elástico que seguia na estrutura em exposição. Foto 2: Cena final da performance de Rúbia, onde só se vê parte do corpo da performer através da parte vazada da bandeira costurada por ela. - Fotos: Carla Ferraz

Essas fotos capturadas por mim já fazem parte da dissertação de mestrado de Rúbia Vaz, defendida no ano de 2023. Portanto, o.p0nto, também já consta registrado em um trabalho acadêmico antes mesmo que a dissertação que dá origem à ele esteja

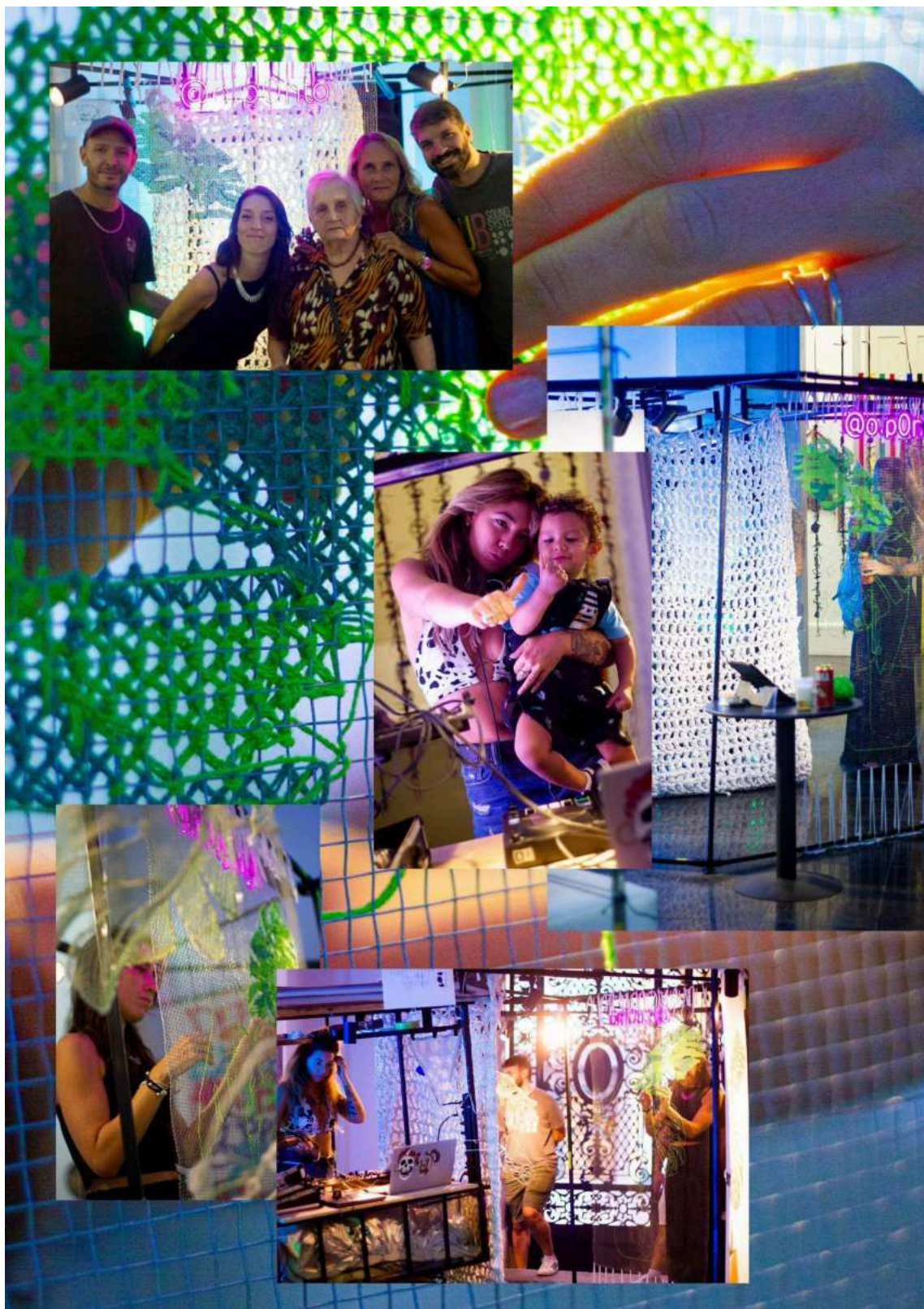
finalizada. Mais uma amostra de como esse trabalho, ao ganhar redes de pessoas e trabalhadores da cultura, ganha também uma vida em rede em que eu, Carla, a idealizadora do projeto, sou apenas uma peça a mais dos acontecimentos desse micro espaço cultural.

Cada pessoa que passa pelo o.p0nto com seu trabalho, leva também uma parte dele, seja como material de trabalho, registros, experiência sensorial. A ideia é impregnar a todos com uma possibilidade de realização através desse dispositivo cultural. Ao semear e ampliar redes, o.p0nto também trabalha para apresentar possibilidades mais portáteis de realização de trabalhos e inspirar pessoas a replicarem ou se basearem no projeto para construírem seus espaços portáteis.



TRANSMISSÃO AO VIVO:

Dia 12 - Bordado ao vivo + DJ Yebá - por Carol Campos + Tuli Chebabi



(fotos: Carla Ferraz)

Juntar pessoas que não se conhecem com ofícios diferentes para trabalharem simultaneamente é um exercício ousado e sempre muito satisfatório. Entender as interseções entre os trabalhos e as personalidades dos artistas é algo que só é possível ao colocá-los para atuarem ao mesmo tempo em um mesmo lugar.

Tuli e Carol, DJ e artista têxtil, duas pessoas que nunca haviam se visto e que trouxeram para a galeria algo em comum: suas famílias. Nesse dia, a família de ambas veio em peso para prestigiá-las no o.p0nto e tivemos visitantes de 1 a 80 anos. Filhos, mães, irmãos, avós e netos se juntaram nesse dia de belas produções. Além disso, minha família também compareceu praticamente inteira, uma tarde de afeto e trabalho misturado dentro do o.p0nto.

Carol Campos foi a primeira a chegar. Carol é uma multiartista que trabalhou há alguns anos comigo na TV Globo como adrecista de figurino. Juntas, fizemos diversas novelas, tingindo e envelhecendo figurinos e criando paleta de cores de personagens e grandes figurações. Carol é também uma grande desenhista, bordadeira e tem uma delicadeza particular ao desenvolver suas criações. Para o.p0nto a artista quis mostrar um pouco do seu trabalho de bordados botânicos em grandes formatos. Para isso, por ser um trabalho de longa duração, ela quis chegar no primeiro horário possível na galeria e passar o dia inteiro no o.p0nto. Além disso, ela foi a primeira artista que demandou uma desmontagem dos trabalhos que ali estavam expostos. Carol pensou seu trabalho ocupando todo o.p0nto e cada uma das 3 paredes cenográficas da instalação conteria um diferente trabalho dela dentro da mesma temática. A primeira parede ganhou pinturas produzidas por ela de grandes folhas de costela de adão. Do outro lado, bordados já prontos baseados nessa pintura, ficavam pendurados como móveis na estrutura. Ao centro, embaixo do letreiro luminoso do o.p0nto, Carol esticou uma tela de galinheiro com o bordado da costela de adão em desenvolvimento. Dessa maneira, o visitante que chegava à galeria, se deparava com todas as fases do trabalho de desenvolvimento de um bordado como aquele. o.p0nto estava lindo e pronto para uma tarde de muitas visitas.

O dia foi se desenvolvendo com a calma de um bordado e ganhando aos poucos corpo e forma, para ao fim termos a satisfação de olhá-lo e perceber toda a riqueza ali presente. A energia do bordar permeou esse dia, que lentamente foi sendo tramado por afetuosos acontecimentos e encontros.



Foto 1: plano geral do o.p0nto com as 3 paredes colocadas por Carol Campos. Foto 2: pintura botânica de Carol Foto 3: a artista pendurando os móveis bordados com o mesmo padrão da pintura botânica. Foto 4: Tela com bordado em desenvolvimento - Fotos: Carla Ferraz

Pelas fotos, dá pra perceber que essa provavelmente foi a montagem mais minuciosa de todos os trabalhos ali apresentados. Além disso, o.p0nto foi reorganizado esteticamente. Se até o dia anterior o acúmulo de trabalhos estava fazendo parte do

visual da galeria, com Carol essa paisagem se modificou. Ela desejou arrumar a casa de alguma maneira para seu trabalho ser destacado. Como o bordado era feito na tela vazada de galinheiro, o fundo ficava aparente e nele se via a bicicleta e toda a bagunça que ali se depositava, com itens diversos que estavam dentro do cargueiro. Por isso, cobri a bike com o crochê de elástico branco que possuíamos como material cenográfico, criando um fundo texturizado e mais neutro. Dessa maneira, o bordado ali desenvolvido teria mais leitura.

Carol foi então trabalhando lentamente, curtindo o seu bordado enquanto recebia pessoas, conversava com elas, mostrava seu trabalho e as ensinava a mexer com as ferramentas de trabalho que ela utiliza.

Notei que, como o trabalho é bem lento e o dia foi de muitas visitas e informações acontecendo, o bordado em si não se desenvolveu muito, mas o dia foi extremamente produtivo para encontros, falar sobre o ofício do bordado e fazer belos registros dessa técnica. O ponto seguia se mostrando como uma grande e competente plataforma de divulgação de trabalhos têxteis.

À tarde chegou Tuli Chebabi para tocar como DJ em seu projeto “Yebá” em que mescla diferentes referências musicais; ritmos latinos, africanos e orientais são mixados com beats eletrônicos. Um trabalho experimental que estava em fase de teste e criação pela DJ. Carol e Tuli não se conheciam, mas rapidamente se conectaram. E, como tudo que se passou no ponto, funcionou perfeitamente a junção das duas. As duas artistas, além da característica de carregarem suas famílias para admirarem seus trabalhos, são mulheres jovens e possuem uma delicadeza e tranquilidade em seus fazeres. Dessa maneira, o som de Tuli construiu o clima perfeito para a interação de todos que estavam ali presentes. Amigos, crianças de idades variadas, mães, avós, visitantes, todos que ali entravam, rapidamente se integravam no clima familiar que tomou a galeria. Um dia de afeto, beleza, música boa e muitas gerações frequentando juntas um centro de artes municipal.

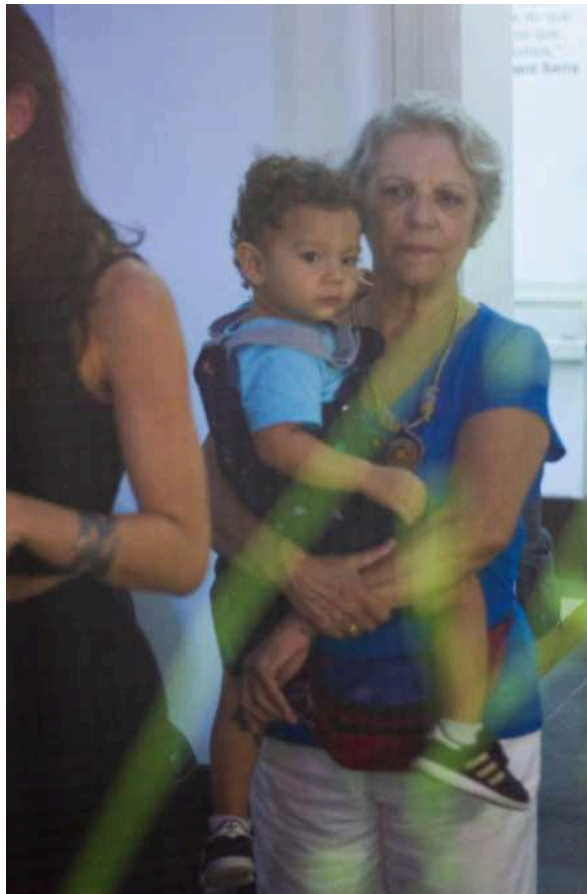
Importante dizer que Carol me conhece há bastante tempo profissionalmente, viajamos juntas para a Bienal Têxtil do Uruguai e dividimos, em outra época, a vontade de ter um ateliê juntas para desenvolver experiências têxteis. Isso não aconteceu, anos se passaram, mas a nossa conexão dentro da linguagem da arte têxtil permaneceu. Eu, no entanto, muito mais articuladora e divulgadora dos meus fazeres e ela sempre mais misteriosa e tímida em sua auto divulgação. Ao saber do ponto, ela rapidamente se interessou e entendeu totalmente do que se tratava. Se sentiu convidada, estimulada a

participar e, mesmo diante de toda a timidez, se dedicou e produziu algo de extrema beleza. Novamente o.p0nto me mostrava o como ele era uma ferramenta para fazer as pessoas “saírem do armário” com seus talentos. o.p0nto de alguma maneira encorajava e estimulava as pessoas a terem orgulho de seus ofícios.

TRANSMISSÃO AO VIVO:







Um dia, dois trabalhos e muitas gerações e gestações (fotos: Carla Ferraz)

Rio de Janeiro, 22 de abril de 2023 - sábado - último dia de exposição

Dia 13 - 15hs - Prática Restaurativa - por Camila Andrade



(fotos: Carla Ferraz)

O que faz uma pessoa se sentir convidada a exercer seu ofício no o.p0nto? Eu não sei responder essa pergunta pois ela terá uma resposta diferente para cada artista que se sentiu chamado a participar. Mas de todas as participações, a da Camila foi a mais inesperada e me emocionou profundamente.

Camila Andrade é terapeuta corporal, professora de yoga e moradora da cidade de Valença, no interior do Rio. Somos amigas há muitos anos, ela foi minha professora de pilates há cerca de uma década atrás e desde então temos contato e afeto mútuo. Eu não a via desde antes da pandemia e ela quis fazer uma surpresa aparecendo na abertura da exposição do o.p0nto. Essa vinda não deu certo e ela acabou me contando sua intenção de vir e de participar. Combinamos então que ela viria para o fechamento da exposição e faria sua prática no último dia.

Nesse dia, com esse trabalho, a plataforma de acontecimentos o.p0nto fez uma curva de linguagem. Camila propôs uma Prática Restaurativa na instalação, elemento de seus estudos em yoga restaurativa. A terapeuta corporal estuda métodos de relaxamento e descanso e quis propor uma discussão acerca do livro “A Sociedade do Cansaço” de Byung-Chul Han e Enio Paulo Giachini, além de uma dinâmica de relaxamento.

Dessa maneira, o.p0nto e todo seu entorno foi tomado por almofadas e tecidos a fim de proporcionar espaços para deitar e relaxar no o.p0nto. O último dia do o.p0nto, dia que eu já me encontrava exausta de tantos acontecimentos e aquele espaço também estava em processo de fechamento, uma prática restaurativa nos encontrou. Trazer uma prática dessas para uma galeria de arte foi algo que eu não previ, mas que abriu um campo de entrelaçamento de linguagens muito rico. Ao fazer um chamado para artistas trazerem seus trabalhos para o.p0nto e uma terapeuta corporal se sentir convidada a propor uma dinâmica de relaxamento dentro da instalação, pude entender que o cruzamento de linguagens do o.p0nto poderia transpor muitas outras barreiras além da linguagem artística. Juntar trabalhos visuais, musicais, corporais, terapêuticos e estudos. Tudo cabia perfeitamente no o.p0nto e cabia junto. Ao propor uma dinâmica terapêutica dentro de uma instalação numa galeria, Camila também construía uma linguagem performática para seu trabalho. Eu nunca tinha imaginado algum trabalho como o dela dentro da instalação e, ao vivenciá-lo, nunca mais deixei de imaginá-lo ali. Fazia todo o sentido e não tinha nenhuma estranheza em ele estar ali. o.p0nto é um trabalho com pouquíssimas barreiras e mesmo as que eu achava que existiam, se derrubaram ali na minha frente. Ter o trabalho de Camila ali também fazia um aspecto

importante da minha vida estar ali presente. Sempre fui muito ligada a dinâmicas corporais, linguagens como o pilates, o circo, o alongamento e treinos de força e equilíbrio sempre fizeram parte da minha vida e personalidade.

A cada dia que passava, o.p0nto se tornava mais eu, mas construído a partir das mãos e trabalhos de outras pessoas, era como minha personalidade multiplicada e distribuída por várias personalidades.

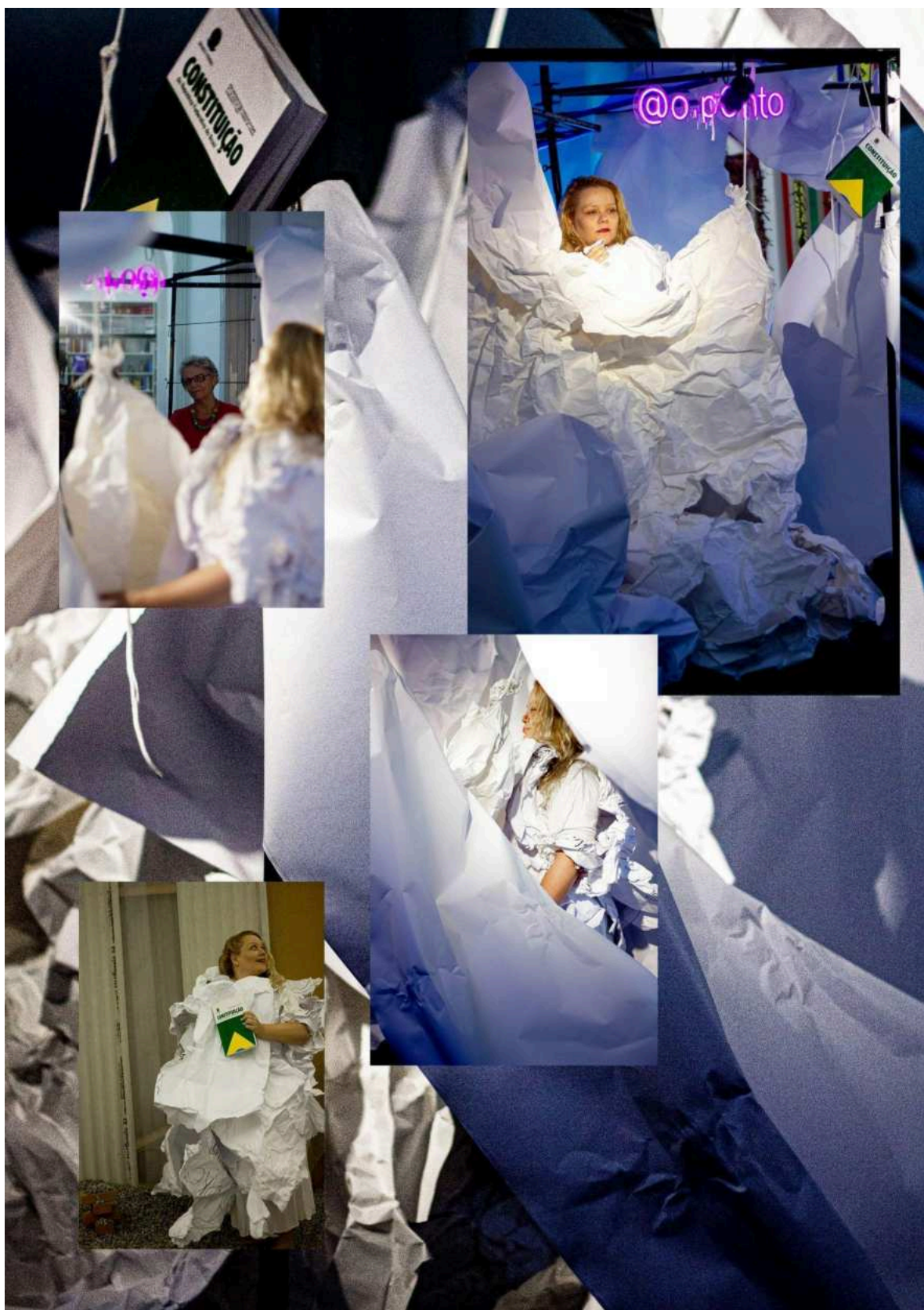
Nesse dia eu e algumas pessoas dormimos no o.p0nto. Revendo a transmissão ao vivo acho cômico me ver deitada por um considerável tempo dormindo dentro da minha instalação. Ao meu lado, minha mãe, uma outra mãe com suas crianças e depois alguns visitantes do Centro de Artes que chegaram do meio para o fim da dinâmica e se sentaram em roda conosco para compartilhar um pouco das reflexões ali apresentadas por Camila. Um momento de zerar a energia, olhar o entorno, olhar a si mesmo e se conectar a seus pontos internos. o.p0nto era também ponto de conexão e relaxamento. Conseguimos transformar o chão frio da galeria e a estrutura em metalon do o.p0nto em um aconchegante espaço para se estar. Pessoas no chão, aroma de incenso, sons relaxantes e uma abstração total dentro de uma galeria que fica no Centro da cidade em uma rua de um dos maiores centros comerciais da cidade. o.p0nto realmente funcionava como um lugar à parte, ao mesmo tempo que vestia perfeitamente os acontecimentos em seu entorno.



O espaço e o aconchego (fotos: Carla Ferraz)

TRANSMISSÃO AO VIVO

16:00hs - Constituição - por Natasha Corbelino



(fotos: Carla Ferraz)

Mais uma mestranda da minha turma traz sua pesquisa para dentro da minha. Natasha Corbelino, atriz, performer, diretora, artista que acompanho há mais de uma década, ou melhor, nos acompanhamos mutuamente. Já trabalhamos juntas em diversas situações e estive ao lado dela e acompanhei o germinar de sua pesquisa performática em torno da Constituição.

Durante a pandemia, eu e Julia Deccache fizemos a direção de arte do projeto “Boletos Pagos”, performance na qual Natasha passava algumas horas falando nomes de artistas da cena carioca com transmissão ao vivo pelo *facebook*. Durante a ação, artistas que estavam sem renda postavam seus boletos e quem podia pagar, escolhia um boleto para quitar. Muitas contas foram pagas nesse dia, inclusive uma conta de luz minha paga pela atriz Julia Lemmertz. Fizemos no Teatro Poeira no Rio de Janeiro e a estética era muito semelhante à apresentada por Natasha em “Constituição”. Rolos de papel branco enrolavam a atriz e todo o seu entorno. Em “Boletos Pagos” esses papéis tinham nomes de artistas escritos, diferente da atual performance que é toda branca, abordando junto com tanta brancura a branquitude de Natasha.

Natasha escolheu o ponto para fazer a primeira apresentação pública de sua pesquisa em processo. Eu a ajudei a se vestir e vestir o espaço. Desmontamos tudo que estava montado no ponto para envolvê-lo em bobinas de papel branco. Ao se colocar no centro do ponto vestida em papel, Natasha deixou que eu ocupasse o espaço como quisesse com as bobinas. Foi um prólogo da performance de Natasha a arrumação do espaço, e usei os olhos do público para também me jogar cenicamente como cenógrafa daquela experiência. Enquanto as pessoas, já sentadas, olhavam e esperavam o início da cena, Natasha já muito concentrada tremia seu corpo e falava palavras inaudíveis, enquanto eu percorria toda a estrutura do ponto envolvendo-o inteiro em papéis que eu ia enrolando, amassando, rasgando e aproveitando ao máximo toda a linguagem performática e dramatúrgica que aquela matéria-prima poderia me dar. Foi a última ação do ponto e, curiosamente, ele estava como um papel em branco, pronto para escrever e ilustrar diversas próximas histórias.

Tivemos um considerável público de pessoas interessadas em acompanhar o processo da mestranda performer. Eu, de minha parte e como sempre, me encarreguei de registrar com fotos o acontecimento ao mesmo tempo em que fazia uma transmissão ao vivo.

Essa transmissão, infelizmente, não ficou disponível nas redes do ponto. Natasha, ao finalizar sua ação, pediu para que eu tirasse o vídeo, pois era um trabalho em processo e que ela não sabia que eu deixaria disponível em minha página. Escrevo

aqui sobre isso porque esse fato talvez tenha sido um dos únicos que tenham me deixado contrariada no o.p0nto. Na hora que Natasha me pediu isso, confesso que fiquei bastante zangada, tendo em vista que o registro do processo fazia parte da minha pesquisa, assim como o experimento do processo fazia parte da pesquisa dela. Obviamente, eu a respeitei e retirei o vídeo das minhas redes, mas isso me gerou diversas reflexões e talvez um pensamento de uma das poucas regras que gostaria que o.p0nto tivesse: a artista que ali habitasse, tinha que estar disposta a ter seu processo de trabalho compartilhado. Todos os trabalhos que ali estiveram tinham igual importância, igual destaque e mereciam ser compartilhados. o.p0nto é a espetacularização de processos e registro deles também.

Até hoje me pego refletindo sobre esse momento e pensando se eu fiquei zangada à toa. Mas entendo que talvez realmente essa regra seja fundamental para mim. Quero que todos que passem pela experiência de estar no o.p0nto estejam dispostos a compartilhar seus processos ao vivo e em vídeo para, além de construir a experiência sensorial, o.p0nto funcione como uma plataforma virtual de registros de processos artísticos e artistas da minha geração. As redes do projeto se tornaram isso. Cada um que se apresentou ganhou um perfil com foto e um breve currículo, um vídeo ao vivo do trabalho sendo executado e, posteriormente, uma montagem fotográfica dos registros do que ali aconteceu. De alguma maneira, a retirada do vídeo da apresentação de Natasha quebrou essa corrente e isso me frustrou, mas a experiência de tê-la não deixou de ser riquíssima e maravilhosa justamente por ter gerado essa reflexão, além de todos os motivos antes relatados como eu performando como cenógrafa e a estética do papel em branco dominando toda a instalação em seu penúltimo ato.

Penúltimo porque o último ato seria a desmontagem, essa que também seria registrada e celebrada como todos os outros trabalhos que ali passaram.

17:00hs - Desmontagem - por Carla Ferraz e Paulo Denizot

Eis que depois de duas semanas, muitos acontecimentos e encontros, chegou a hora de desmontar o.p0nto.

Paulo Denizot, responsável por abrir os trabalhos da exposição comigo, também foi responsável por fechá-la. Desmontamos cada peça, cada lâmpada e fechamos a galeria com um sentimento enorme de felicidade e gratidão por tudo que foi ali vivenciado naqueles felizes dias de abril.

Àquela altura, eu já me encontrava exausta e pronta para fechar aquela experiência. Quando eu montei o.p0nto não tinha dimensão da potência que tomaria minha vida e minha pesquisa de mestrado naqueles dias.

Resolvi fazer o pré-projeto da minha pesquisa acadêmica em meio a pandemia, sem perspectiva de trabalho e com uma carência gigantesca de encontros.

Eis que ali, algum tempo depois, estava eu, gerenciando uma máquina de encontros construída por mim. A minha pesquisa era um grito pela urgência da troca e da presença e desmontar aquela exposição me dava uma satisfação total pois tinha a certeza de que havia vivido tudo que almejei no chão daquela galeria naqueles últimos dias.

Foram duas semanas que construíram o norte da minha pesquisa, me criaram pontes que só iriam se expandir, me apresentaram importantes referências bibliográficas que guiaram meus escritos e me deram a confiança total de que eu podia construir um objeto cenográfico potente e que centralizasse todas as linguagens que eu admirava e gostaria de fomentar. o.p0nto era um sonho, era um traço de personalidade externalizado, era um desejo da política cultural que eu acreditava e era a viabilização de encontros com pessoas que eu admirava e gostaria de apreciar e valorizar. o.p0nto era potência pura e a cada peça dele que eu desmontava, eu agradecia e tinha a certeza que em breve ela seria montada novamente com novos sonhos e querereres.

Foram 38 artistas e, sem dúvida, essa ficha técnica não se esgotaria ali.

Dezenas de artistas e uma dezena de potencialidades foram descobertas nesse “simples” projeto cenográfico.

Para encerrar esse capítulo, deixo a lista completa dos Pontos em Potencial do o.p0nto, para, futuramente poder aumentá-la ainda mais.

Pontos em Potencial do o.p0nto descobertos em sua primeira exposição:

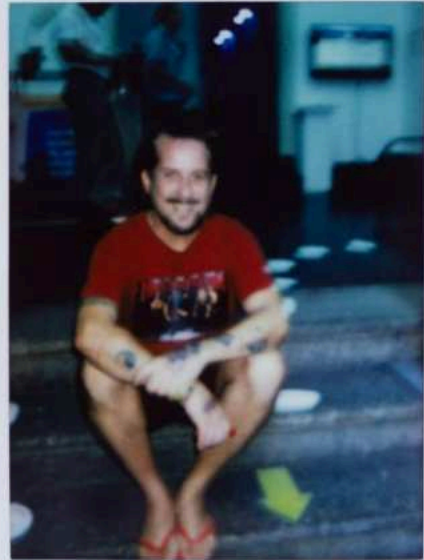
1. Curadoria Hacker
2. Propulsor criativo, ao fazer pessoas se sentirem convidadas a estar nele
3. Formador de platéia
4. Museu de bolso

5. Bastidor para trabalhos têxteis de grandes formatos
6. Plataforma de espetacularização de trabalhos manuais, normalmente concebidos em ambientes particulares/domésticos.
7. Ponto musical, utilizando a música como isca para apreciação de trabalhos visuais.
8. Cinema
9. Ponto de estudos e aulas públicas
10. Espaço para dinâmicas corporais e de relaxamento

Fiz um registro com a Instax (câmera tipo a antiga Polaroid) de todos que trabalharam no ponto a fim de criar uma ficha técnica ilustrada e coloco aqui, cada um que ali esteve presente com seus fazeres nesses dias de exposição.



AIRÁ O CRESPO



ALÊ SOUTO



ANDREI YURIEVITCH



ANA WANDER BASTOS





CARLA FERRAZ



DEBORA PAGANNI



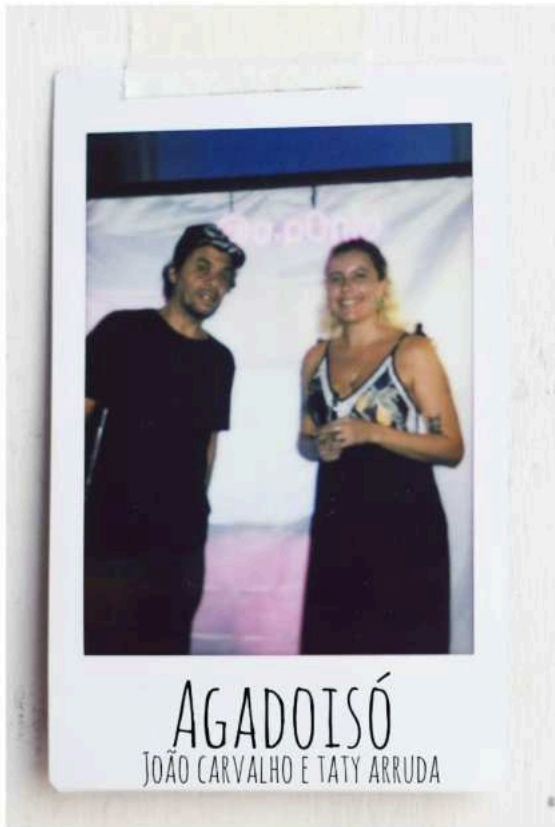
DJAVAN COSTA



CAROL CAMPOS









VERÔNICA BECHARA



BRUNO FRANÇA, ALMIR CHIARATTI,
BARBEIZE, DANI VALLEJO E IGOR SARAPUÍ



RAFA CANHOLATO



TULI CHEBABI

7. Pontos Finais

Vestindo o Espaço: O Figurino-espço cênico como propulsor dramaturgico. Esse era o nome inicial deste projeto. Nome esse que dizia muito sobre os meus objetivos com a construção desse trabalho e que tinha uma roupagem que eu considerava adequada para um trabalho de mestrado. Um título com subtítulo que carregava certa complexidade e possuía uma carga intelectual em poucas palavras.

O que considerava o ideal para um projeto de mestrado, para o meu projeto de mestrado, com o passar do tempo e desenvolvimento do trabalho foi cada vez mais se simplificando. Esse longo nome virou apenas um: **o.p0nto**. E foi na simplificação do nome, do projeto cenográfico e da linguagem escolhida para me relacionar com as pessoas e escrever sobre o trabalho que encontrei os caminhos para me aprofundar no que gostaria.

Termino essas páginas com a sensação de objetivos alcançados. A ideia de vestir o espaço se constrói perfeitamente no o.p0nto e ele é também um propulsor de ações diversas, muito mais do que eu imaginei inicialmente.

Finalizo esse trabalho também com a certeza da potência da prática e como ela pode ser o pontapé inicial para o desenvolvimento de uma teoria.

Todas as expectativas e ideias do que seria um trabalho de mestrado foram derrubadas ao longo do meu processo. Derrubadas para dar lugar à construção de algo muito mais sólido. Termino esse trabalho com a certeza de que consegui imprimir a minha personalidade e a minha verdade nas linhas escritas nessa dissertação. Termino esse trabalho acreditando ainda mais no poder das redes de trabalho e do afeto como agente gerador de todas as outras coisas. Foi através do afeto que consegui reunir tanta gente talentosa e costurar redes inesquecíveis em torno do o.p0nto. Foi através do afeto que meu orientador me acalmou, me auxiliou e encorajou a fazer o que eu realmente acreditava. Foi também através dele que a banca examinadora desse trabalho se formou. Uma rede de professores que se adoram e através do afeto entre eles de alguma maneira trilharam os caminhos até aqui.

Acredito muito nos artistas que participaram deste texto, tanto na teoria como na prática dele, e tenho certeza de que todos chegaram aqui através desse sentimento.

Construir um espaço suporte como objeto de pesquisa e me colocar como também suporte e extensão desse espaço foi um exercício de construção da minha identidade artística costurando-me com a identidade de quem esteve ao meu lado. Um exercício de aparecer e me ocultar. Ao mesmo tempo que vejo minha personalidade totalmente impressa no o.p0nto, vejo uma parte linda de todas as pessoas que emprestaram um pouco de seus talentos a ele.

o.p0nto é com certeza a imagem de sociedade que eu acredito. Um espaço de empatia e admiração dos talentos do outro, além de ser um instrumento de democratização cultural. Tudo isso com uma simplicidade de montagem, de imagem e de linguagem.

o.p0nto é a contexturização da minha verdade e espero, com esse projeto, inspirar você que me leu até aqui e pessoas que passaram por ele.

O que mais me alegra é que finalizo essas linhas com a certeza de que esse é o fim apenas dessa dissertação. o.p0nto já segue seu curso, tem muitos planos futuros, uma ficha técnica em franca expansão e já teve aparições após a relatada nesta dissertação.

Abaixo coloco algumas fotos do “Festival Futuros Possíveis” em que o.p0nto participou no dia 23 de novembro de 2023 na Casa Firjan no Rio de Janeiro. Nesse dia inaugurei um novo cruzamento que seguirá nos próximos passos do projeto: o cruzamento de gerações. Em busca de artistas com mais de 65 anos, pretendo juntar além de linguagens, gerações de artistas diferentes para uma troca ainda mais ampla de experiências.

Nesta edição, o.p0nto recebeu Vê Bechara com sua tapeçaria, DJ Kombat com sua música, Rosane de Souza, com seus bordados em folhas secas e Mu Chebabi, compositor com seu pocket show.

Eu sigo sendo essa curadora da vontade e do cruzamento de linguagens, enlaçando redes e criando registros desses acontecimentos únicos.



Rosane e seu bordado, Vê e seu tapete e Eric e seu fone ao fundo.



Mu Chebabi e seu violão



Encontro de gerações e fazeres



Curadoria de encontros e afeto



Lisa e Eric - O DJ e a produtora



Eu e eu em forma de espaço

E são com essas imagens do o.p0nto do futuro que encerro esse trabalho e anuncio a quem interessar possa:

PASSO O PONTO

Rio de Janeiro, 18 de dezembro de 2023.

9. BIBLIOGRAFIA

Acervo Projeto HO

<https://projetofo.com.br>

Documentos:

0253/66 - POSIÇÃO E PROGRAMA - PROGRAMA AMBIENTAL- POSIÇÃO ÉTICA

1869/66 - ARTE OU ANTI-ARTE MANIFESTAÇÃO AMBIENTAL Nº 1 DE HÉLIO OITICICA

2092/64 - ARTE ESTRUTURAL E ESPAÇO AMBIENTAL

1699/71 - TEXTO DE HO SOBRE ARTE E ESPECTADOR.

AMARAL, Ana Maria. Teatro de animação. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

ARAÚJO, A. O processo colaborativo no Teatro da Vertigem. Sala Preta, [S. l.], v. 6, p. 127-133, 2006. DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v6i0p127-133.

<http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57302>

BARACHINI, T. Objeto-roupa: atos de presença, 2017, 10 pp. Congresso Internacional Criadores sobre outras Obras (8. : 2017 : Lisboa, Portugal). Novas propostas pelos artistas : o VIII Congresso CSO'2017. Lisboa : FBAUL-CIEBA, 2017. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/179085>

BORRE, Luciana. "Práticas e narrativas têxteis contemporâneas." *Tramações: a memória e o têxtil*. Recife: Editora UFPE (2021): 25-34.

BORTOLON, F. , Lygia Clark: Os limites do gênero do corpo na série Roupas-corpo-roupa, 2019, v. 12 n. 24 (2019): Variata

<https://periodicos.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/13109>

CALVINO, Italo. "Todas as cosmicômicas." - São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CAMARGO, Carlos Avelino de Arruda. *Do Lugar Onde se vê: aproximações entre as artes plásticas e o Teatro* - São Paulo: UNESP, 2008

CARREIRA, André. "Teatro de Invasão do espaço urbano: a cidade como dramaturgia" - São Paulo: Hucitec, 2019.

CERA, Flávia Letícia Biff. "Arte-vida-corpo-mundo, segundo Hélio Oiticica." (2012).

CRESTANI, Andrei Mikhail Zaiatz, "Entre escalas: sobre as relações espaciais na obra de Oiticica", *Cadernos de Arte e Antropologia* [Online], Vol. 3, No 1 | 2014, posto online no dia 01 abril 2014, consultado o 15 maio 2023. URL: <http://journals.openedition.org/cadernosaa/320>; DOI: <https://doi.org/10.4000/cadernosaa.320>

de ALMEIDA, Desirée Bastos. "CENA PARA UM FIGURINO" (2010).

DEIFELD, Telmo Egmar Camilo, and Ruy Marcelo de Oliveira Pauletti. "Um breve estudo sobre as estruturas tensegrity." *I Simpósio Nacional sobre Tensoestruturas, São Paulo, Brasil, May (2002): 5-6.*

DONDIS, Donis A. "*Sintaxe da linguagem visual*" - São Paulo: Martins fontes, 1997.

GARRAMUÑO, F. *Frutos Estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea*, Rio de Janeiro, Rocco, 2014.

GOMES FILHO, João. *Gestalt do Objeto:sistema de Leitura visual da Forma* - 8. ed, São Paulo; Escrituras Editora, 2008

HOUAISS, Antônio, Mauro de Salles Villar, and Francisco Manoel de Mello Franco. "Míni Houaiss Dicionário da língua portuguesa." - Rio de Janeiro, Objetiva, 2003.

JEUDY, Henri Pierre, and Paola Berenstein Jacques. *Corpos e cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais*. Paola Berenstein Jacques, 2006.

MOTTA, Gilson, Ronaldo Robles, Silvia Godoy. "Dramaturgia do Imaterial:

Performatividade, Teatro de Sombras e a Cidad” - 1 ed. - Rio de Janeiro: Mórula 2023.

NUNES, Cristiane dos Guimarães Alvim, Luis Eduardo dos Santos Borda, and Marco Antonio Pasqualini de Andrade. "Arte Contemporânea e Espacialidade. Alberto Tassinari e as reflexões de Hélio Oiticica em *Aspiro ao Grande Labirinto*." *Revista Visualidades* | ISSN 2317.6784 (2019): 1.

OITICICA, Helio. "Helio Oiticica: A Pintura depois do quadro/ projeto editorial, Silvia Roesler; organização por Luciano Figueiredo; realização Projeto Hélio Oiticica - Rio de Janeiro: Silvia Roesler Edições de Arte, 2008.

_____. Hélio Oiticica: cor, imagem, poética. Rio de Janeiro, Centro de Arte Hélio Oiticica, 2003.

_____. *Aspiro ao grande labirinto*. Rio de Janeiro; Rocco, 1986.

OSTROWER, Fayga. "Criatividade e processos de criação." - Rio de Janeiro, IMAGO, 1977.

QUILICI, C. O campo expandido: arte como ato filosófico. *Sala Preta*, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 12-21, 2014. DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v14i2p12-21.
<http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/84758>

REBOUÇAS, E., *A dramaturgia e a encenação no espaço não convencional*, São Paulo, ed. Unesp, 2009.

RODRIGUES, Cristiano Cezarino. "O campo ampliado da teatralidade performativa na cenografia contemporânea." *O Percevejo Online* 8.1 (2016): 90-102.

ROUBINE, Jean-Jacques. "A linguagem da encenação teatral - Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SEIKALY, Abeer - *Weaving a Home* - Archello, 2015. Disponível em <https://archello.com/pt/project/weaving-> Acesso em 10/05/2023

SILVA, Amabilis de Jesus da. "Figurino-Penetrante: um estudo sobre a desestabilização das hierarquias em cena." (Tese). Universidade Federal da Bahia, 2010.

Disponível

em:

<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/9650/1/Tese%2520Amabilis%2520seg.pdf>

TENSEGRITTOY - A Construction Puzzle for ages 10 through adult

TRIMINGHAM, Melissa, 1955 - The theatre of the Bauhaus : the modern and postmodern stage of Oskar Schlemmer /by Melissa Trimmingham - New York, ed.Routledge, 2011

The Cineroleum - Assemble Studio, 2010. Disponível em

<https://assemblestudio.co.uk/projects/the-cineroleum> - acesso em 10/05/2023

PASSO O PONTO . PONTO DE VISTA . FIRMO O
PONTO . PONTO G . PONTO FOCAL . PONTO CRUZ . PONTO DE ENCONTRO . PONTO DE PARTIDA
PONTO DE EXCLAMAÇÃO . PONTO CEGO . PONTO DE
MUTAÇÃO . PONTO DE VIRADA . PONTO . PONTO DE INTERROGAÇÃO
PONTO DE COSTURA . PONTO DE LUZ . PONTO TURÍSTICO . PONTO FACULTATIVO
PONTO DE EBULIÇÃO . AO PONTO . PONTO DE ENERGIA . PONTO DE CONVERGÊNCIA . PONTO FRACO . PONTO FORTE .
PASSO O PONTO . PONTO DE VISTA . FIRMO O PONTO . PONTO
G . PONTO FOCAL . PONTO CRUZ . PONTO DE ENCONTRO . PONTO
DE PARTIDA . PONTO DE EXCLAMAÇÃO . PONTO CEGO . PONTO
DE MUTAÇÃO . PONTO DE VIRADA . PONTO . PONTO DE
INTERROGAÇÃO . PONTO DE COSTURA . PONTO DE LUZ . PONTO
TURÍSTICO . PONTO FACULTATIVO . PONTO DE EBULIÇÃO . AO
PONTO . PONTO DE ENERGIA . PONTO DE CONVERGÊNCIA .
PONTO . PONTO G . PONTO FOCAL . PONTO CRUZ . PONTO DE ENCONTRO . PONTO DE PARTIDA
PONTO FRACO . PONTO FORTE .
PONTO DE EXCLAMAÇÃO . PONTO CEGO . PONTO DE
MUTAÇÃO . PONTO DE VIRADA . PONTO . PONTO DE INTERROGAÇÃO
PONTO DE COSTURA . PONTO DE LUZ . PONTO TURÍSTICO . PONTO FACULTATIVO
PONTO DE ENCONTRO . PONTO DE PARTIDA
PONTO DE EBULIÇÃO . AO PONTO . PONTO DE ENERGIA
PONTO DE CONVERGÊNCIA . PONTO FRACO . PONTO FORTE .

